

A NOITE DA FERA



Y. D. WOLDEMAR



A Noite da Fera

Y. D. Woldemar

Capítulo 1 - Toda paz dura pouco

- Mas o que ‘ta’ acontecendo? – Berra Alexander com a voz grave e firme, com o rosto deformado pelas pancadas. A corda que prende seus pulsos queima sua pele enquanto ele se debate. E a cadeira em que está sentado parece dançar, zombando de seus esforços para se libertar. Suas veias saltadas estão prestes a explodir e o desespero toma conta de seu rosto.

- Acho que está chovendo – Responde o homem de terno fino, com muita calma e num tom de maior seriedade. Enquanto analisa Jennifer, levanta o rosto dela com a ponta fria e prateada da bengala, e então afasta a faca da garganta da moça. A mulher respira aliviada, mas ainda muito ofegante e assustada, mal esconde o pavor que sente. Seus olhos brilham com as lágrimas, agora contidas, e seu coração dispara, de forma que as contrações em seu peito são quase visíveis.

- Seja sutil. A moça é delicada – Diz o homem ao moribundo, que segura a faca avermelhada de filetes de sangue que escorrem do pescoço de Jennifer, enquanto dá um grande sorriso acenando com a cabeça. – Ainda não precisamos usar de violência... Ainda.

- Amor, o café ‘tá’ na mesa! Vem logo que vai esfriar. – Grita a linda caipira alta, loira e de olhos claros, ainda com as vestes azuis e largas que usa normalmente para dormir e um avental branco florido, que brilha ao refletir a luz tênue do sol matinal do campo.

Alexander não faz menção de ter ouvido e continua acertando fortemente o chão com sua enxada, enquanto Jennifer o observa com afeição. Por um instante ela se perde completamente, admirando as costas desenhadas de músculos que seu marido tem. A forma como o descer da enxada faz seu corpo dançar e reluzir com o suor sagrado que os trabalhadores do campo conhecem muito bem.

Ele continua o trabalho com a enxada e observa satisfeito o dourado da plantação de trigo que reluz com o sol. O casal não possui uma enorme fazenda, mas sua propriedade é grande o bastante para lhes render uma boa economia. Quase toda a

extensão é ocupada pelo trigo, mas uma generosa faixa de terra próxima à sua casa possui uma pequena horta, que Alexander gosta de cultivar. O campo é aberto, mas a casa é cercada pela horta e pelo pequeno estábulo; e toda essa área é arborizada. Alexander gosta de dias como esse, o vento sopra suave refrescando o calor e o céu está limpo, com apenas algumas nuvens formando desenhos curiosos.

Jennifer sabia que ele ouvira, apesar de não esboçar reação, o que a irritava e ao mesmo tempo a divertia, mas ainda assim quis gritá-lo novamente, só para chamá-lo e tê-lo mais um pouco naquele momento, mesmo sabendo que ele já era seu.

- Alec, não vou esperar! – Ela disse, tentando forçar um tom impaciente. Alexander simplesmente se mantém ereto e vira metade do rosto para trás, fitando-a; e sorri debochado. A mulher se vira e entra para esperar o marido para mais uma ceia matinal, praticamente igual à de todos os dias nesses quase cinco anos em que estão casados, mas a rotina é algo que o campo exige e, para eles, essa rotina não é maçante, é feliz e admirável.

Enquanto Alexander toma seu banho, Jennifer trás à mesa a pequena tigela com inúmeras tiras de bacon frito e a põe ao lado do prato com ovos mexidos enquanto canta uma famosa música country de Willie Nelson. A casa é simples, apenas um andar e cômodos compactos, nada luxuosos. Sala, quarto, cozinha e banheiro do lado de dentro, apenas. Apesar de a residência, em geral, ser pequena, mas não apertada, a cozinha é bem espaçosa em relação aos outros cômodos. Ela tem as paredes claras, a mesa de jantar é feita de uma madeira avermelhada e muito bem trabalhada, tendo azulejos em sua superfície pintados com imagens, que juntas constroem um pastor com suas ovelhas. A sala de jantar é separada da cozinha, apenas por uma divisão de madeira com pouco mais de um metro. O fogão e geladeira são grandes e brancos, seguindo a bancada circular e no centro há um grande tronco de madeira que forma uma mesa rústica, que Jennifer usa como suporte para cozinhar. Alexander simplesmente não se importa com a decoração, desde que as coisas funcionem. Então a casa foi decorada por sua esposa, que deu um toque bem simples, sutil e pessoal, sem ostentações. Quadros e plantas são encontrados pelas paredes e as limpezas constantes sempre deixam algum aroma suave, de acordo com cada ambiente. Os únicos dois lugares que Alexander faz questão de deixar tudo a seu jeito, são a garagem e o estábulo, que são impressionantemente organizados.

A moça serve cuidadosamente exatos dois dedos de leite quente misturados ao forte café sem açúcar, como é o gosto do marido; e para si serve um copo de suco de laranja com duas pedras de gelo. Quando a porta do banheiro se abre, ela pega

uma torrada, ainda quente e dourada, e começa a passar delicadamente sua geleia de amora.

O frescor da água, para Alexander, é uma renovação após uma longa manhã de trabalho no campo, que ganharam como dote de casamento.

Após o banho, ele gasta alguns segundos observando no espelho as inúmeras cicatrizes em seu corpo, como de costume, mas logo se dirige para a cozinha. O cheiro do delicioso café da manhã o hipnotiza, e, ainda molhado, ele se dirige até a cozinha deixando pequenas poças d'água no chão do corredor, e sob o olhar de desaprovação de sua esposa, senta-se indiferente à mesa, enquanto pega uma torrada.

- Você não tem jeito mesmo, não é?! – Diz Jennifer irritada apontando para o chão molhado.

- Não mesmo! – Responde Alexander rindo de boca cheia, enquanto algumas migalhas de pão caem de seus lábios.

Jennifer olha séria para Alexander, que para de rir de imediato e a encara também sério, com um olhar profundo e desafiador. Poucos segundos depois o casal irrompe em uma deliciosa gargalhada conjunta.

- É, Alec, você não tem jeito. – Diz Jennifer rindo, dessa vez, enquanto balança a cabeça.

- Não mesmo! – Completa, Alexander, ainda com a boca cheia, e com mais uma tira de bacon já espetada no garfo.

- Teu amigo te achou? – Pergunta a moça num tom casual.

- Que amigo? – Indaga intrigado, levantando uma das sobrancelhas.

- Tinha uns caras perguntando por ‘ocê uai’.

Alexander para o garfo que estava prestes a colocar na boca e olha para Jennifer com olhar pensativo. – E como eles eram? – Pergunta, agora com voz firme e expressão séria, devolvendo a comida ao prato.

- Não sei ‘uai’, só sei que a vizinha ‘comentô’ que ‘uns amigo seu tavam’ perguntando por ‘ocê’. Fala com ela depois. – Diz a moça intrigada com a reação

do marido.

- Tá... – Alexander dá de ombros, enquanto continua sua refeição, ainda pensativo e quieto durante o resto daquela manhã.

- Mais um pedaço de torta ‘vizin’? – Pergunta Dona Ramma a Alexander enquanto ele conversa com seu marido Alastor.

A gorda senhora de pele clara com muitas rugas e cabelos brancos, ao ser ignorada, baixa a cabeça para olhar Alexander por cima das grossas lentes de seus óculos e se vira para Jennifer tentando lhe oferecer mais um pedaço da torta de limão que preparara, e que, por sinal, estava com uma aparência melhor do que de costume.

- Não Donna Ramma, mas muito obrigado. Já ‘tô’ cheia por demais. – Dispensa, antes que a velha insista.

- Então, fiquei sabendo que andaram perguntando por mim. O senhor saberia dizer o assunto ou quem era? – Pergunta Alexander enquanto se balança na cadeira, deixando seu olhar se perder no horizonte, que mistura nuvens carregadas a uma miscelânea de cores pintadas pelo pôr do sol, dando uma bela coloração a plantação de trigo que dança empurrada pelo forte vento da tempestade que se aproxima.

- Perguntando por todo mundo na verdade, ‘né’? – Responde Alastor de forma propositalmente evasiva, sem olhar para Alexander enquanto acaricia seus bigodes brancos. O vizinho de Alexander tem uma vasta plantação de trigo, de forma que suas casas são um pouco distantes. O velho tem pela primeira metade da casa dos setenta, e é seis anos mais novo que sua esposa. Os filhos os visitam com regularidade, mas ele insiste em cuidar dos próprios negócios sem que ninguém se intrometa. Alastor mede quase um metro e oitenta e mantém há anos seu corte de cabelo militar e um grosso bigode que usa desde os tempos em que era piloto. Seu rosto é oval, mas nem por isso deixa de ser firme; e tanto o nariz quanto as orelhas parecem ter crescido mais do que deveriam.

- Entendo. Querendo comprar nossa terra então. Vira e mexe aparece uma figura assim por aqui nesses cantos. Não sei por que ainda tentam. – Responde Alexander enquanto Jennifer distraidamente brincava com as mexas douradas que saltam bem definidas de sua cabeça. Alexander sabe que aquelas terras têm um bom valor e que compradores são comuns, mas também sabe que os latifundiários têm noção de que os moradores que ainda não se desfizeram de suas terras, muitas vezes se sentem ofendidos com a insistência. Ainda mais Alexander, que nunca se importou em ser sutil e educado com pessoas inconvenientes. Ele não tem ideia de quem andou perguntando por ele, mas compradores não eram, e Alastor sabia disso.

- Eles nunca desistem! – Continua Alastor, agora se virando para Alexander, que fica sem muita certeza se o velho está falando com ele ou simplesmente resmungando a esmo. – Minha família mora aqui desde que a gente expulsou aqueles animais de pele vermelha; e é assim que tem que ser. Foi do meu pai e do pai dele, é meu e vai ser do meu filho, que por sua vez vai passar para meu neto! Desse 'véio' aqui eles não vão pegar 'ninguém' terra pra ficar plantando qualquer porcaria, não. Tem isso, e ainda aqueles hippies querendo legalizar as 'droga', casamento de viado e aquelas 'cunversa' maluca de colocar um presidente preto no poder... Tem coisa que nunca vai acontecer na América, mas malditos sejam, eles 'tenta' né? – Diz Alastor indignado, enquanto coloca seu chapéu de cowboy na cabeça, ajeita o macacão jeans sob a camisa quadriculada verde e acende um fedorento charuto na varanda. – Melhor ‘cês’ se adiantarem, que vai chover ‘brabo’ essa noite. – Ele observava o céu, agora quase negro pelas nuvens naquele fim de tarde. O vento a essa altura sopra tão forte que parece tentar arrancar o trigo do solo, e os violentos trovões começam a ecoar.

- Muito obrigado, Seu Alastor – Fala Alexander, visivelmente desapontado com a infrutífera conversa e levantando com rispidez, enquanto observa o campo a sua frente. Ele apenas acena a cabeça para Dona Ramma e puxa Jennifer, indo em direção a seus cavalos, quando a voz do velho homem lhe faz parar os passos.

- ‘Cêachô’ que o ‘homi’ sabia ‘d’ocê’ né? – Retruca Alastor com voz arrastada e tom malicioso.

Alexander permaneceu parado de costas por alguns segundos, enquanto o senhor continuava sentado. Sentiu o forte cheiro do charuto sobrepujar o aroma da torta e queimar suas narinas sob o céu negro que deixava cinza o campo antes dourado e cantava ao longe uma sinfonia de fortes trovões. A raiva o faz trincar os dentes e cerrar os punhos, mas ele permanece imóvel. Aquelas palavras fizeram Alexander sentir um calafrio e o irritaram, mas somente por que era a mais pura verdade, e,

sem se virar ou dizer nada, como quem acorda de um transe, ele continuou com passos firmes seu caminho até os cavalos. Ele sobe e puxa sua esposa para a garupa de seu belo garanhão marrom e galopa rapidamente para sua pequena fazenda.

A chuva não os espera. O vento antecipou as nuvens, as primeiras gotas leves chegaram na metade do caminho e Alexander exigiu velocidade de Hati^[1], seu cavalo, mas próximo ao pequeno rancho a chuva ficou mais forte, e, pouco antes de chegarem, o céu desmorona. O chão treme ao som de violentos trovões e o vento assobia uma harmonia sinistra, enquanto os cães latem desesperados, devido ao medo da tempestade. O casal corre o máximo que pode pelo caminho que fica entre o pequeno trecho do rancho e a casa e ficam completamente encharcados pela água da chuva.

As nuvens encobrem a lua, e o frio somado ao escuro, dá um tom triste à noite. Alexander entra junto de Jennifer no banheiro e, após o banho, eles se dirigem a sala. Jennifer vai direto para o confortável sofá de couro preto, se deita esticada ocupando os dois lugares, enquanto observa o quadro com a imagem da sombra de um lobo solitário em uma noite sem estrelas, uivando para uma grande lua cheia. Alexander passa entre o sofá e a pequena mesa de apoio, feita de mogno com vidro no centro e decorada com um pequeno pássaro esculpido em mármore negro, e se dirige até a lareira de pedra onde acende a lenha e começa a atizar o fogo. Abaixo da mesa há um tapete de tecido com couro de alce, do lado oposto do sofá, um móvel simples, também de mogno, apoia uma grande TV de tela plana. De decoração, as paredes possuem apenas uma samambaia e a foto dos avós de Jennifer.

A moça agora se vira e senta no sofá, enquanto olha angustiada para o marido. Alexander se levanta devagar e anda até o lugar vago ao lado de Jennifer, acende um cigarro de palha, enquanto observa quieto, o fogo queimar. Ele olha fixo, as chamas o distraem, e tudo que Alexander está fazendo agora é esvaziar sua mente.

- Não gosto de ‘vê ocê’ assim. – Diz Jennifer apertando o braço do marido e apoiando o queixo sobre seu ombro.

- O desgraçado do velho ‘tava’ certo. – Ele fala indiferente, ainda fitando as chamas que geram a única iluminação da sala escura. – Achei que fosse alguém que sabia de mim. – Continua Alexander escondendo da esposa sua verdadeira opinião.

- Mas ‘oce num ta’ feliz aqui ‘uai’? – Ela retruca, com a voz mais aguda do que o normal.

- ‘Tô’. – Responde Alexander seco, como de costume – Não faço questão nenhuma de ir atrás do meu passado, mas nessas horas me dá um calafrio pela chance de saber o que aconteceu comigo, não sei, apenas acontece... – Alexander não queria preocupar sua esposa, mas sabia muito bem do que estava falando. Tudo que sabe é que tentaram matá-lo, e um dia alguém viria para terminar o serviço.

A noite cai e a tempestade aperta ainda mais. Os clarões e estrondos provenientes dos relâmpagos seguem em longas sequências, que fazem o chão estremecer, iluminando de forma sinistra o pequeno quarto do casal. Os cachorros estão escondidos no canil, protegidos da chuva, e choram muito com medo da tempestade enquanto o vento assobia alto.

Jennifer e Alexander estão deitados em sua cama, cobertos por um grosso cobertor branco, feito com lã de ovelhas. A cama é simples com um grande colchão e uma cabeceira feita de madeira clara e pouco trabalhada. Do lado direito, onde Jennifer costuma dormir, há uma pequena mesa com um abajur dourado, ao passo que do lado esquerdo há apenas um espaço de um metro e meio entre a cama e a parede lateral onde fica a janela.

O casal se revira na cama devido ao barulho dos cachorros, Alexander está com seus pensamentos distantes, enquanto Jennifer se irrita profundamente com os ganidos e uivos dos animais.

- Faz alguma coisa, amor! Esses cachorros não ‘para’ de latir. – Diz Jennifer enfiando a cabeça embaixo do travesseiro.

- Eles sempre ficam assim quando tem tempestade, e já tem três dias que chove a madrugada inteira. Eu já fui lá duas vezes e eles não vão fazer silêncio enquanto ‘tiver’ chovendo. Quer que eles calem a boca, então dê o exemplo! – Diz Alexander irritado com a insistência da esposa.

- Sei lá! Acalma eles ‘uai’. – Resmunga a moça enquanto se vira de costas para Alexander.

- Fica quieta vai! – Retruca Alexander, enquanto puxa com força a esposa, apertando o corpo dela contra o seu. Depois dá um beijo em sua nuca.

- Mas eles incomodam! – Insiste ela com voz de choro, enquanto seu marido a provoca.

Alexander ignora os apelos de sua mulher e continua as investidas por baixo da coberta. O barulho dos latidos é abafado pelo forte som da chuva que aumenta. Ele acaricia a esposa dos braços até a coxa, enquanto pressiona-a mais forte contra si, com a mão direita ele segura e puxa o cabelo de sua nuca, seguindo com leves mordidas em sua orelha e pescoço, de forma que, pouco a pouco, Jennifer vai cedendo, esquece dos cachorros e se entrega por completo.

O casal se ama de forma intensa. A chuva se mantém um temporal, e os cachorros, estranhamente, se calam, mas Alexander e Jennifer já haviam vestido novamente seus pijamas para escapar do frio, e caído no sono.

Escuridão é onde Alexander se vê. Ele sabe que não é uma simples escuridão, ele não se encontra simplesmente na falta de luz, o que o cerca são trevas.

Algo frio e cruel, quase sólido, que o toca, aperta e sufoca, entra por seu nariz e se acumula em seu peito, tornando-o pesado. Alexander sente um calafrio, e seu coração, já não controla as próprias batidas, palpitando em um ritmo irregular e cada vez mais forte, como se quisesse explodir seu tórax e sair do corpo... Quando, então, ele simplesmente cai.

Alexander se vê caindo na mais pura escuridão, junto da chuva gelada, enquanto algo o observa. Dois olhos vermelhos o fitam das trevas à sua frente, são olhos enormes e famintos. Esse olhar o aterroriza. Seu corpo está nu e o frio do vento forte lhe faz tremer.

A queda parece interminável, até que um impacto o atinge e ele acerta uma superfície de água escura e gelada. Alexander agora se vê em um mar revolto com um céu nublado e sem estrelas, mas, mesmo com todas as nuvens negras, ele consegue ver um brilho rubro e sombrio, de uma estranha lua vermelho sangue, que parece muito maior do que deveria.

As águas se agitam com ondas enormes e, enquanto Alexander luta desesperadamente para não se afogar, sente que não está só, sente uma presença sinistra que o espreita. Alexander não sabe como, mas tem certeza de que o dono daqueles olhos grandes e famintos ainda o observa e agora começa a se aproximar. Ele nada desesperado, em linha reta, numa tentativa de fuga. Seus músculos queimam de cansaço na luta desesperada contra as águas revoltas, até que avista uma pequena ilha. Ele pode ver o enorme vulto avançando em sua direção, nadando lentamente ao seu encontro, mas a ilha está muito perto.

O mar parece querer lançá-lo contra a criatura, a correnteza muda em uma tentativa de arrastá-lo, enquanto ele nada exaustivamente contra a maré. Sente a presença se aproximando cada vez mais. Ao chegar à areia Alexander se levanta e corre desesperado, com tudo que pode. Ele parte em direção à floresta, dando apenas uma rápida olhada para trás. Vê a criatura sair da água e continuar em sua direção. Ela é enorme, talvez duas vezes o seu tamanho e, para seu terror, a criatura se mostra um quadrúpede demoníaco. A cabeça da fera é deformada, e ele, ainda tonto pela fuga, vê apenas os pelos molhados e os enormes dentes afiados, enquanto se embrenha na floresta.

Seu coração acelera cada vez mais. Alexander se move por uma mata densa, onde não consegue enxergar mais do que um metro à sua frente. Aquela mesma escuridão preenche a macabra floresta. Não importa em que direção olhe, não consegue enxergar mais longe do que a árvore mais próxima. A névoa negra parece formar uma parede e, a única certeza que tem, é a de que não está sozinho. De todos os cantos ele sente olhares invisíveis. Pelo chão, pisoteia restos de ossos ensanguentados. As árvores são cobertas de símbolos bizarros e rostos deformados entalhados e, um sangue escuro, grosso e fétido, escorre dos profundos cortes feitos em sua madeira, enquanto o som da chuva se mistura aos gritos de desespero que ecoam pela escuridão infinita.

Folhas batem no rosto de Alexander, e colisões entre troncos de árvore causam ferimentos em seu corpo. Ouve o barulho de seu perseguidor derrubando o que há no caminho. Ainda sente o peso das trevas em seu peito e, quanto mais o monstro se aproxima, mais forte seu coração bate e o medo vai se transformando em raiva, e a raiva em ódio; e, naquele instante, ele parece odiar tudo à sua volta. A pressão na cabeça aumenta, mal consegue fugir, seus sentidos se confundem e seu corpo dói. Cai de joelhos, querendo continuar a correr, mas a carne não responde. A coisa está chegando e ele se vê prisioneiro de suas próprias limitações. Sente o cheiro do monstro, é um cheiro podre que só faz aumentar a fúria dentro de si.

A criatura finalmente o alcança. O peso do enorme corpo derruba uma árvore, que acerta Alexander de raspão, derrubando-o para o lado. Ele se vê caído diante do monstro gigantesco. A névoa sombria esconde a forma da criatura e tudo que Alexander vê são os olhos que o encaram e, nesse momento, todos os músculos do seu corpo se contraem. Alexander não sabe como, mas sente que a criatura o controla e o obriga a encará-la. Ele a olha nos olhos e tudo parece deixar de existir, seus medos, emoção e, até mesmo, pensamentos. Alexander olha atônito e vazio, quando um terror o invade e o monstro se lança sobre seu corpo.

Do estranho pesadelo, Alexander acorda subitamente com a pancada do impacto do monstro. Sente que sua cabeça quase fora esmagada. Uma dor aguda toma conta da sua consciência por alguns instantes; e o sangue escorre quente e farto do corte causado na maçã de seu rosto. Ainda perdido entre sonho e realidade, o grito de Jennifer o faz despertar para o mundo, momentos antes de o segundo golpe ser desferido.

Agora, acordado para a situação real, Alexander vê intrusos no seu quarto. Pelo menos quatro. À sua frente ele vê um homem branco, provavelmente na segunda metade da casa dos trinta anos, sua expressão mostra bastante nervosismo enquanto ele trinca os dentes tortos e amarelados. Ele veste um jeans escuro e uma jaqueta azul, ambos bem surrados. Sua pele e cabelos são queimados de sol, a barba mal feita termina de completar um visual malcuidado. Segura, com as duas mãos, uma barra de ferro comprida e enferrujada. Hesita um pouco antes de agir, mas toma coragem e a desce com força sobre a cabeça de sua vítima, mas não rápido o suficiente, pois, ainda deitado, Alexander chuta o tórax do homem com os dois pés, fazendo-o bater com as costas na parede ao lado da cama.

Logo em seguida, um segundo sujeito investe contra Alexander. É negro e tem a cabeça raspada, seu rosto, levemente inchado, apresenta uma pequena cicatriz no lábio inferior, é um homem alto e forte. Ele se lança sobre Alexander segurando-o bem firme com um abraço pela frente, de forma que seus braços fiquem imóveis. O homem negro o suspende com esforço e acerta suas costas na parede, mas Alexander revida lançando a testa em seu nariz, com força suficiente para quebrá-lo. Logo em seguida, usa o peso do próprio corpo para desequilibrá-lo e empurrar o sujeito, que desmorona no chão. Alexander se situa e levanta os punhos já se preparando para o terceiro atacante que acaba de subir na cama. O homem com a barra de ferro à sua direita se reaproxima raivoso, para lançar outro golpe, enquanto que pela frente, um árabe alto e esguio, com barba cerrada e longos cabelos negros presos em um rabo de cavalo; se aproxima com um soco inglês prateado. Alexander está parado de pé em cima da cama e sente que o marginal

com a barra aproveita o fato de estar em um nível mais baixo que ele, para lançar seu ataque contra seu joelho direito. Mas Alexander é rápido, e, com um chute lateral, acerta a testa de seu atacante, jogando-o novamente de costas na parede, e o impacto é tão forte que a nuca do homem deixa um rastro de sangue, enquanto o bandido escorrega desorientado para o chão. Antes mesmo que Alexander recuasse o pé que usou para chutar, o árabe acerta um cruzado em seu rosto, fazendo-o encostar as costas na parede e se desequilibrar na cabeceira da cama. A dor foi lancinante, pois o espinho metálico da arma de mão acertou no mesmo lugar em que barra de ferro havia trincado o osso de sua face.

Alexander tenta não perder a consciência, pois a situação exige frieza, e sua maior preocupação agora é proteger sua mulher, cujos berros dominam o quarto. Ele consegue, em meio a todo o caos, ouvir o esforço dela para se livrar de um quarto homem que a segura. Com Alexander ainda tonto, o árabe o agarra pela camisa e desfere uma joelhada contra seu abdômen, mas ele se defende com os dois braços e logo em seguida usa o punho para golpear o saco de seu agressor. Alexander sobe a mão com um gancho, acertando seu queixo, mas o segura pela camisa para que não caia; e então desfere outro soco, que vai direto na boca do bandido. Sua mão dói muito e o homem cospe uma mistura de sangue e pedaços de dentes, então ele joga o árabe na direção do negro, que estava quase se levantando, derrubando ambos.

Alexander se vira raivoso para o loiro de cabelos curtos e olhos negros, de rosto fino e cruel, estatura baixa e constituição magra; e com expressão muito assustada, que está segurando Jennifer, que joga todo o peso do corpo para trás, na tentativa de se libertar. Com um passo, Alexander se prepara para pular em um ataque, quando vê a faca na garganta de sua esposa. Ele para atônito, o barulho da chuva com trovoadas impede o silêncio de se apoderar do local, e clarões assustadores dão uma bizarra iluminação ao quarto escuro, onde Jennifer pode, a qualquer momento, perder a vida. Com mais de um metro e noventa de altura, Alexander quase toca o lustre com sua cabeça ao ficar ereto sobre a cama. Sua mente gira em adrenalina e ele se cobra desesperadamente uma solução, que não aparece.

- É bom ficar ‘quetinho’ aí se ‘tu qué continua’ tendo ‘mulé’ - Ameaça o homem gritando.

Alexander congela. Como ele esperava, o sotaque não era dali, o que indicava que esses homens podiam ter algo a ver com seu passado, e pior, com quem o havia deixado entre a vida e a morte há cinco anos. – Vai pro chão, de joelhos e mão na cabeça, seu filho da puta! Qualquer gracinha ela ‘roda’! ‘Tô’ falando sério,

ela roda! – Berra o homem mais uma vez, enquanto Jennifer geme devido à força com que ele aperta o queixo dela com a mão, pressionando com uma força perigosa a lâmina da faca contra sua garganta.

Alexander não divide sua atenção com mais nada, só consegue encarar o bandido da faca com uma fúria mortal e fitar sua esposa que chora, soluçando desesperada, enquanto tem sua boca calada pela mão do sequestrador. O sangue jorra pelo seu rosto e o nervosismo é tanto, que faz o suor correr gelado. Jennifer mantém todo o esforço possível para conseguir olhar Alexander nos olhos, enquanto suas lágrimas escorrem abundantes, em um choro silenciado pelo medo. Alexander começa a sentir-se tonto, uma leve dor no peito começa a afligi-lo, sua respiração se torna pesada e difícil, causando falta de ar, e uma dor de cabeça surge. Ele nem mesmo consegue ver qual dos homens se aproximou por trás e colocou o capuz de pano sob sua cabeça, seguido por um violento golpe na nuca. Alexander apenas ouve o esforço inútil de sua mulher querendo gritar para avisá-lo.

Suas mãos são colocadas para trás e presas com uma grossa trava plástica. Ele é posto de pé e empurrado para fora da casa pelos quatro marginais, junto de sua mulher, que também estava amarrada. Alexander sente a forte chuva que cai sobre seus ombros e, depois de poucos passos, é empurrado contra a traseira aberta de uma van, seu joelho bate com força no para-choque, e a placa velha causa um corte em sua perna, rasgando o tecido do short preto que usa como pijama; e fazendo com que o sangue escorra. Jennifer também é arremessada com força no chão da van. Alexander tenta acalmá-la, mas mal começa a primeira frase, quando uma bota pesada acerta sua cabeça.

- Calado! – Diz o homem negro de nariz quebrado com um gemido rancoroso, e a ordem se segue de mais um chute em Alexander. Em seguida, ele ouve um grito de Jennifer. – Se algum dos dois abrir a boca, os dois vão apanhar – Ameaça o bandido.

A van dá a partida. Apenas o negro, agora empunhando a mesma faca que ameaçou Jennifer, e o bandido com a barra de ferro em mãos, vão na parte traseira. O motor velho engasga para sair, e o local abafado fede a maconha. O som da chuva se mistura com os gemidos provocados pelo choro de Jennifer, Alexander ouve o som do corpo de sua mulher se debatendo no chão da caçamba enquanto tenta se soltar. Os dois sujeitos apenas riem.

Alexander mantém a calma, respira fundo, e tenta se concentrar, mas um calafrio lhe invade o corpo. Um ‘déjà vu’ lhe ocorre e de repente todo o turbilhão de

pensamentos se esvai junto com seu mal-estar, dor de cabeça, peso no peito e falta de ar. Alexander entra em transe e o som da tempestade cessa, assim como as súplicas de Jennifer. Ele se vê com o corpo seco, e suas feridas no rosto parecem sumir, enquanto outros cortes leves se abrem. A abraçadeira de plástico se transforma em algemas de ferro, sua bermuda parece dar lugar a uma calça de pano grosso e, em seus pés, antes descalços, agora há coturnos pesados.

O que antes era o interior de uma velha van, agora é a caçamba de um caminhão militar com chão e bancos de madeira e uma porta dupla na traseira, com um dos vidros abertos. Há mais gente ali, quatro pessoas, um deles parece cochilar e Alexander sabe exatamente a localização de todos. Ele está no chão do veículo, exatamente na mesma posição que se encontrava na van, deitado de lado com os braços para trás e suas costas tocam a lateral direita interna da caminhonete. Os homens ali são negros de pele bem escura e estão fardados com roupas camufladas do exército, há três soldados e um sargento no interior da caçamba, sendo que dois dos soldados estão sentados de frente para Alexander, o da esquerda, é o que luta para não dormir com sua mão pousada na pistola no coldre, e realmente tinha aparência muito exausta. Já o da direita, carrega um rifle, alternando o olhar assustado entre seu prisioneiro e o sargento que anda inquieto pelo veículo. Nos fundos da caminhonete, um terceiro soldado, com apenas uma trança na lateral da cabeça, viaja sentado, segurando seu fuzil AK-47 e observando as portas traseiras enquanto batuca com a ponta dos dedos um ritmo lento no cabo da arma. Pelo vidro aberto, o sargento de rosto ossudo, com as maçãs saltadas, aparenta estar na primeira metade da casa dos quarenta; e fuma com expressão séria. Esse é o segundo cigarro que o homem fumou. O primeiro durou cerca de sete minutos, e logo ele vai voltar ao fundo da caminhonete. Antes de ter a cabeça coberta, Alexander reparou bem no punhal que o sargento carregava na cintura, que por sinal estava com a bainha desabotoada. Pelas suas contas, esse era o último cigarro dele antes de chegarem a seu destino, e Alexander sabia muito bem o que fazer.

Ele dobra os joelhos, fazendo com que suas botas consigam tocar as mãos algemadas por trás do corpo. Com força, ele move um pedaço já solto de borracha da bota, e de lá puxa um pequeno pino de ferro que havia escondido. Ainda com os joelhos dobrados e corpo imóvel, ele sorratamente ajeita o pino no buraco da alga e, com rapidez, o trinco se solta. Alexander se livra das algemas e levanta a barra da calça, eles encontraram a pequena faca e a arma escondida em seu boot, mas não a mínima lâmina que está por dentro da barra da calça, e então ele espera.

- Soldier, toos! Maxaad u fikirayso? Dhammaan dareenka waa dhawr^[2]. – Diz o sargento com voz firme, em um idioma estranho para o soldado que cochilava e que agora arregalou os olhos, voltando a ficar ereto com expressão nervosa.

O sargento respira fundo para sentir o ar que entrava pela janela, dá uma última tragada no cigarro, jogando a ponta fora enquanto se vira em direção ao fundo do veículo. Tudo se faz em um tempo orquestrado, os passos no furgão anunciam que sua aproximação começava.

Não há como se livrar do capuz sem chamar atenção, então a única chance de agir, será quando o sargento passar entre Alexander e os soldados sentados, mesmo que às cegas. Com três passos, o sargento se aproxima e, no próximo, vai estar no lugar ideal. Alexander repassa na cabeça a posição de todos os outros ocupantes da caçamba, enquanto permanece imóvel, como se ainda estivesse algemado. Ele aperta a faca com a mão e o chão de madeira ao lado de sua cabeça range, anunciando o andar de seu inimigo, é agora.

Em um rápido movimento, Alexander se levanta e atira sua faca na direção do homem que batucava o fuzil ao fundo da caminhonete, se põe atrás do sargento, ficando na linha de tiro dos soldados sentados, ao mesmo tempo em que o combatente com rifle aponta o cano da arma para efetuar o disparo. Alexander puxa o punhal da bainha do sargento em pé com a mão direita enquanto retira o próprio capuz com a esquerda. Com um passo para o lado ele se esquia da mira da arma e acerta a dobra do joelho do sargento com seu próprio joelho. O inimigo se desequilibra e cai direcionado pelo peso do corpo de Alexander, no momento exato em que a arma explode um tiro; e, no meio de sua queda, o sargento é acertado em cheio no peito pelo próprio subordinado.

A faca parece voar da mão de Alexander para o olho esquerdo do homem que acabou de efetuar o disparo, entrando violentamente à esquerda de seu globo ocular, fazendo a órbita saltar e a cabeça se chocar brutaemente contra a lateral do veículo. Alexander se joga para frente sem retirar a arma das mãos do corpo, apenas direciona o cano do rifle para a cintura do inimigo restante que, desesperado, tenta lhe colocar na mira da pistola. Mas não é rápido o suficiente e acerta apenas de raspão a parte interna do seu braço. Alexander puxa o gatilho, atingindo o soldado na altura do rim. Após o disparo, ele, imediatamente, golpeia o pescoço com seu punho, esmagando a traquéia.

Logo em seguida se levanta calmamente e analisa o estrago causado pela bala em seu braço. – Só um arranhão. – Diz a si mesmo enquanto pega a faca do olho do

cadáver. Com o rifle e com um forte golpe, ele encrava sua faca na têmpora do soldado que definhava com as mãos na garganta, acabando com seu sofrimento.

Ensanguentado, se põe de pé, enquanto o veículo para em um movimento brusco. Alexander ri. Observando o sucesso de seu plano, se dirige ao fundo da caminhonete para recuperar a faca pendurada na garganta do pobre soldado com fuzil na mão. Tudo estava seguindo conforme o planejado e agora era questão de tempo.

Como quem acorda de um sonho, o transe passa e Alexander se recompõe, retornando à realidade. Molhado, descalço, com o rosto ferido e novamente preso, ele fica em choque após relembrar de forma detalhada e realista um pedaço de seu passado. A primeira memória em cinco anos. Aquelas imagens, aquelas pessoas mortas, armas e soldados. Alexander nunca havia se lembrado de nada de sua vida antes do hospital, e agora percebia o erro que cometera ao ignorar seu passado. Fora achado ferido no leito de um rio, levado à beira da morte para ser tratado na pequena e pacata cidade de LongVille, onde permaneceu nos últimos cinco anos. Havia ficado em coma por duas semanas, reconstruído sua vida, e jamais saíra do campo. Ali ele estava feliz como tudo que tinha. Casou-se com uma linda mulher de família, era um homem tranquilo que trabalhava duro todos os dias. Nunca se interessou muito pelo seu passado, mas agora as perguntas inundavam sua cabeça. Ele sabia que alguém tentara matá-lo e, no fundo de seu coração, sentia que esse alguém o encontraria para terminar o serviço, mas a acomodação tentara convencê-lo de que sua preocupação não passava de paranoia. O xerife Daril nunca havia tirado os olhos de Alexander devido às condições em que havia aparecido, e agora Alexander sabia que a desconfiança do xerife estava correta. Quem ele era? E essas memórias? Como ele sabia todas aquelas coisas? Quem eram essas pessoas? Alexander nunca fora emotivo, mas pôde sentir a própria frieza ao executar os soldados com indiferença, e isso o assustou, pois a pacata vida de agricultor e chefe de família o havia amolecido. Tudo que Alexander tinha em mente agora era que toda essa situação não poderia acabar bem, e algo precisava ser feito com urgência.

Alexander encosta suas costas na lateral direita interna da van, dobra seus joelhos de forma que seus pés toquem suas mãos e se apoia na parede do veículo, exatamente como em sua memória. Permanece imóvel por alguns instantes, usa a lataria para forçar seu corpo para trás de forma bem sutil. Tenta ser discreto em todos os seus movimentos, o que é difícil, mas o efeito da maconha nos sequestradores torna sua tarefa viável. Ele força a mão esquerda tentando espalmá-la, mesmo com a abraçadeira e encolhe a mão direita tentando se livrar da forte trava de plástico.

A mão de Alexander faz um progresso mínimo se retorcendo para se libertar, quando a van começa a reduzir a velocidade. O tempo é curto. O negro se levanta balbuciando algo que Alexander não entende. Jennifer está no chão ao seu lado e os homens estão ao lado dela. – A hora de sutileza já passou – Repete baixinho com a estranha sensação de que essa frase lhe é muito familiar.

Antes que o marginal de nariz quebrado pudesse se abaixar para pegar Jennifer, Alexander se levanta com fúria e velocidade. Guiando-se apenas pelos passos dados por seu inimigo, ele desfere um chute frontal que o joga para trás. Em um movimento brusco ele termina de arrebentar sua abraceira e tira o capuz, dando um pulo para o lado em direção ao fundo da van. O homem de cabelos queimados demora alguns segundos para entender a situação. Segundos valiosos, que deram a Alexander a chance de se situar; mas, em seguida, ele ergue a barra de ferro e ataca. Muito bem calculado, Alexander desvia por pouco da barra que acerta a lataria interna, e, com a mesma velocidade com que recuou, ele avança. O bandido o ataca novamente pela lateral, mas Alexander usa seu punho direito para golpear o pulso do agressor e o comprime na parede da van. O homem loiro solta a barra sem acertar o golpe e Alexander, sem recuar do soco e com o cotovelo já posicionado em direção às costelas magras do infeliz, o acerta com força, fazendo o bandido cair no chão. Já com a outra mão Alexander pega a barra de ferro; e virando completamente, ele a acerta na cabeça do homem negro, que mal acabara de levantar. O aço destrói a lateral do crânio, afundando em sua cabeça e o bandido cai morto no chão.

A van para, Alexander chuta a cabeça do homem magro queimado de sol, fazendo-o desmaiar, depois pega a faca do chão e solta Jennifer. Em seguida puxa-a com força pelo braço e abre a porta traseira o mais rápido que pode. Ainda chove muito, poças de lama se formam no local, uma estrada tortuosa, que corta ao meio mais uma das muitas plantações de milho, típicas na região. A estrada é larga. Ele apressa sua esposa, partindo em direção ao mato alto. É a esperança de fugir brilha forte no coração de ambos. Os homens, que estavam do lado de fora, agora correm em sua direção. Alexander consegue ser rápido, apesar da falta de ar, feridas, e todo mal-estar, porém, inevitavelmente, acaba sendo retardado por Jennifer. O primeiro homem se aproxima, mas Alexander só precisa chegar à plantação, que já está perto. Quando o bandido chega a um metro de sua esposa, Alexander age puramente por instinto e vira, arremessando a faca no homem. Apesar da tempestade que cai, a lâmina acerta o ombro do perseguidor, que tomba gritando. Alexander se prepara para correr novamente quando um estrondo o faz parar. Não foi um trovão, foi um tiro. Ele vê um sujeito careca com barba e bigode bem

aparados, branco e corpulento, vestido com um jeans claro e uma camisa branca encharcada pela chuva. Ele está parado com uma arma na mão, e o medo domina Alexander. Não teme o tiro que pode levar, suas pernas estremecem ao ver que o careca aponta o cano da arma para Jennifer, e esse não é um risco que ele pode correr. Ela olha assustada; e o homem ordena com voz levemente aguda – De joelho os dois, agora! – Enquanto os capangas cercam o casal.

O homem armado se aproxima e, antes mesmo que Alexander pudesse se ajoelhar, mais um estrondo acontece e a arma dispara atingindo sua perna, bem na batata direita, derrubando-o no chão. O careca se aproxima e desfere um chute, acertando o bico da bota em seu rosto, e, em seguida, puxa Jennifer pelo cabelo e pressiona o cano da arma contra a cabeça da moça. Alexander se apoia com dificuldade sobre os dois antebraços, quando um homem coloca novamente um capuz em sua cabeça, mas agora suas mãos e pernas são amarradas junto ao corpo, e o nó é reforçado.

Alexander é arrastado e arremessado para dentro do veículo. Enquanto sente o sangue pulsar em sua perna, uma dor horrível irradia do ferimento que a bala acabou de causar. Seu coração aperta ao escutar o baque do corpo de sua esposa acertando o chão com força, e se aperta mais ainda, ao ouvir os gemidos e o choro dela.

Alexander ainda estava assimilando toda aquela situação e não para de se culpar por não ter dado mais importância aos latidos dos cães, que estavam agitados durante a semana inteira. Apesar de o outono ser chuvoso naquela região, não fora normal o excesso de latidos nos últimos dias, e, Alexander procura desesperadamente, qualquer motivo para se culpar. Como uma fuga para o que ele sabe que vai acontecer. A situação está se complicando cada vez mais, seu sangue escorre farto dos ferimentos e seu nervosismo aumenta, assim como a dor em seu peito. Seu coração começou a palpitar, aumentando também o mal-estar, a dor de cabeça e a tontura que estava sentindo.

Alexander tenta se concentrar, sua cabeça está cheia de perguntas, perguntas que agora não podiam ser ignoradas como foram por cinco anos. Ter ignorado essas perguntas fora o que colocara em risco sua vida e a vida de sua esposa, e talvez seja tarde demais para tentar respondê-las. Ele está assustado, mas o medo do que podia acontecer a si próprio em nada se comparava ao desespero do que podia acontecer à Jennifer, que a essa altura apenas conseguia orar por proteção.

– Quem eu sou? – Perguntava Alexander baixinho, lembrando-se da cena dos soldados mortos na caminhonete, enquanto recordava, amargamente, as duras palavras do xerife Daril – Você pode ser um problema maior do que imagina. – O velho dissera uma vez. Ele estava certo.

O veículo rodou cerca de vinte minutos embaixo da chuva forte. Esta van era um pouco mais espaçosa que a outra, e dessa vez havia quatro homens tomando conta de Alexander, e nenhum deles eram os bandidos que o haviam sequestrado em sua casa. O que estava mais próximo de Alexander parecia ser o mais velho dentre eles, tendo por volta de cinquenta anos. O marginal estava usando uma touca verde, e tinha o rosto excessivamente magro e maltratado, apenas alguns filetes de barba rala brotavam em seu rosto. Seus olhos eram fundos e seu nariz tinha um grande nó na parte superior. Ao lado do homem de touca, encostado na porta traseira da van, estava um moreno com cabelo rastafári amarrado, que fumava excessivamente e conversava descontraidamente com os demais. Do outro lado do furgão um jovem negro e forte estava de camiseta e boné, com uma calça jeans bem larga e suja. De rosto preocupado, e de frente para ele, se encontrava um rapaz branco próximo da casa dos trinta anos, com olhos esbugalhados e um sorriso quase doente que estava vidrado em Jennifer, seu cabelo era encaracolado, castanho e estava desgrenhado.

O barulho dos trovões e da forte chuva sobrepujava as vozes de seus capatazes. Vez ou outra era possível distinguir uma gargalhada cruel e os gritos abafados e desesperados da boca amordaçada de Jennifer. Parecia que aqueles homens se divertiam com a cena. Os comentários obscenos sobre sua esposa causavam uma incontrolável ira em Alexander, que tentava, sem sucesso, se soltar. Mesmo com o rosto coberto, ele podia sentir o cheiro de tabaco barato que inundava o interior do veículo, mas, ainda assim, tudo que Alexander conseguia pensar era no bem estar de sua esposa; em como tentar salvá-la. Pelo menos ela.

A van velha e vermelha, com placa texana, continuava seguindo pela mesma estrada de terra. Indo cada vez mais para dentro da plantação.

Após encontrar uma clareira, eles chegaram ao que parecia ser uma área abandonada, passaram por um moinho antigo com madeira escurecida e podre, que sustentava apenas uma hélice restante e pararam ao lado de um estábulo velho e sujo, com parte do teto aberta ao céu. Um cheiro fétido de palha podre exalava do galpão de madeira, com uma grande porta vertical fechada à sua frente. O galpão parecia ser a única construção que continuava em uso. Apesar das tantas frestas

entre as toras que formavam suas paredes, não havia quaisquer problemas com a madeira.

Fora do galpão havia cinco homens armados. A van parara e atrás dela vinha o opala Comodoro preto, de onde desceram dois homens: o careca armado e um sujeito alto, negro e bem gordo, que veste um casaco preto e largo de futebol americano.

A porta do fundo da van se abre e o gordo puxa Alexander pela camisa, atirando-o ao chão enlameado. Então o careca coloca sua bota pressionada em sua garganta e diz com voz fina: – Se tentar qualquer gracinha, sua mulher ‘tá fudida’. – Alexander tenta responder, mas apenas consegue emitir um gemido enquanto procura recuperar o ar perdido ao cair de costas.

Logo em seguida saem os quatro bandidos que estavam na caçamba junto do casal e mais dois homens que se encontravam na frente da van. Um homem com piercing, e o jovem de boné, puxam Alexander pelos pés e o arrastam, contornando o galpão enquanto outros dois carregam Jennifer, deixando pra traz a velha van vermelha com remendos em cinza.

- Lembram das ordens? – Pergunta o careca antes de apertar o passo e se juntar ao grupo que arrasta as vítimas.

O casal é arrastado dando a volta no galpão até uma porta simples de madeira ao fundo da construção, bem próxima ao milharal, que ao ser aberta solta um longo rangido. Ao centro se encontravam duas cadeiras vazias, uma de frente pra a outra, e uma sequência de lâmpadas penduradas, porém a única acesa estava sobre a cadeira, de costas para a pequena porta. Os oito homens que estavam nos veículos entram junto com os reféns.

Ao fundo, em frente ao enorme portão vertical fechado, há um luxuoso Mercedes preto de placa encoberta e vidros escuros.

Alexander é colocado sentado na parte mais iluminada. Seu capuz é retirado e seus pés e mãos são amarrados em uma velha, porém forte, cadeira de madeira. Enquanto ele tenta resistir aos sequestradores, sua mulher é colocada na cadeira a sua frente e suas amarras são soltas, assim como seu capuz e mordaça. Em seu desespero de fuga, em meio a gritos histéricos, ela tenta se desvencilhar do homem de rosto redondo que a segura, mas ele puxa seu cabelo com força e pressiona uma grande faca em seu pescoço; e ela congela horrorizada.

O homem careca passa por Jennifer e arrasta lentamente uma mesa de madeira que estava encostada na parede do galpão. A mesa possui rodas precárias e está coberta por um pano cinza muito sujo, com manchas de graxa e sangue. Ao se aproximar, o careca retira o pano, exibindo um bastão de basebol, lâminas de tamanhos variados, agulhas, martelos, exemplares de soco inglês e ferramentas das mais variadas, todas manchadas de sangue enegrecido. O careca analisa cada um de seus instrumentos macabros com um sorriso no rosto, os outros homens permanecem em silêncio e formam um círculo, quando finalmente o careca pega o bastão de baseball metálico e se dirige para Alexander.

- Agora a noite vai começar.

Capítulo 2: Em algum lugar esquecido

Os delicados olhos azuis se apertam com a luz do sol, mas o cobertor consegue evitar a claridade. Já passou a hora de levantar para se arrumar e ir à escola, mas cada segundo na cama é uma vitória. O corpo parece pesar nessas horas e a sensação é de que um elefante está sentado sobre nós. Quando está frio é ainda pior, pois não restam dúvidas de que a coberta é o lugar mais agradável do mundo, e nessa época do ano o campo é frio, tornando ainda mais difícil a guerra para se levantar. Como toda paz dura pouco, Loren logo vem acabar com sua felicidade de dormir na manhã de uma segunda feira fria.

- Anda logo, ‘cê’ sabe é comigo que a mamãe briga quando ‘ocê’ atrasa! – Diz Loren ríspida, com seu típico mau humor matinal, enquanto puxa com força a coberta de Jennifer.

A pequena menina com pijaminha rosa claro remendado se levanta com os cabelos loiros para o alto e a bochecha rosada enquanto choramingando, tenta proteger seus lindos olhos azuis da luz do sol matinal pintando tudo em que toca de laranja e dourado, e se espreguiça vagarosamente. Loren puxa-a para fora da cama e Jennifer a segue, quase se arrastando, esfregando os olhos com suas pequeninas mãos. A doce Jennifer é muito boa com os livros, mas definitivamente não gosta de acordar cedo e muito menos de ir à escola.

A criança anda pelo minúsculo casebre formado por um quarto apertado onde há uma cama de casal para seus pais e um colchão velho para ela. Ao seu lado, Loren dorme sobre um colchonete improvisado por um emaranhado de tecidos, que consegue ficar espantosamente confortável. Um pequeno armário termina de povoar o quarto apertado. Há uma porta sem maçaneta que dá acesso ao banheiro, que mais se assemelha a um corredor e não tem água aquecida, cuja divisão do box é feita somente por uma cortina de plástico, de modo que a cada banho é preciso usar o rodo para puxar a água para o ralo. Bem próximo a porta do banheiro, há apenas o portal de madeira clara, dando acesso à sala que contém apenas uma janela com uma tranca interna, um sofá velho e uma televisão de tubo. Na sala há a porta para a varanda, que chega a contrastar com o resto da casa, pois é bem detalhada e bem construída, um dos poucos caprichos que o marceneiro chefe de família teve com a própria casa. Ao lado do portal que dá acesso ao quarto há também uma passagem que dá acesso à cozinha, que é um cômodo pequeno e retangular.

Jennifer chega à mesa e, com dificuldade, escala a grande cadeira de madeira feita a mão por seu pai, na qual fica balançando as perninhas enquanto aguarda a refeição e observa a mãe.

Jessie é uma mulher muito bonita, seria muito mais se cuidasse de si mesma, mas o casamento, duas filhas, e uma enorme dificuldade financeira, foram ao longo dos anos sugando toda a vaidade da pobre mulher, que ainda conservava sua beleza natural. Ela está na primeira metade da casa dos trinta anos e mede um metro e setenta e sete de altura, tem os olhos azuis bem claros, tal como suas duas filhas, seus cabelos são loiros e ondulados, seu corpo quase não tem gordura e seus seios são firmes e grandes. Sua cintura é fina, e com um bumbum de fazer inveja em muitas mulheres, já suas pernas não são muito grossas. Seu rosto é fino e firme, seu sorriso é bem desenhado, mas marcado por uma vida infeliz. Angustias, manchas na pele bronzeada em excesso e pés de galinha, dão alguns anos a mais a pobre mulher. As filhas parecem ter herdado a beleza da mãe. Jennifer está nos seus últimos anos de criança e ao que tudo indicava seria uma linda mulher, enquanto Loren já estava no início de sua adolescência e já demonstrava um corpo mais desenvolvido do que o das outras meninas, ela era, definitivamente, uma cópia melhorada da mãe.

- Dia, mãe. – Diz Loren com voz emburrada.

- Dia, ‘fia’ – Cumprimenta Jessie, com um grande sorriso enquanto despeja a água fervendo no filtro com pó de café. – E ‘ocê’ num tem mãe não Jenny?!

- Dia, mamãe – Responde a pequena Jennifer, enquanto dá um sorriso tímido encolhendo a cabeça por entre os ombros.

- Ajuda aqui ‘fia’ – Diz Jessie ao puxar Loren para ajudá-la a servir à mesa.

A família segue uma humilde refeição, composta apenas por pão seco, um punhado de queijo caseiro e café fraco. A comida é pouca, mas as três ficam felizes por tê-la.

- Tenho mesmo que ir pra escola, mamãe? – Jennifer finalmente rompe o silêncio, olhando para baixo enquanto mostra o beicinho e enrola a toalha com os dedos.

- ‘Ô’, Jenny, claro que tem, bebê! ‘ocê’ tem que ser letrada pra poder ser enfermeira ou professora, fia! Assim ‘cê’ vai ter ‘du bom i dumió’ e vai ‘arrumá’

um marido ‘procê’, minha ‘fia’. Se ‘num’ estudar, ‘ocê’ vai acabar a vida que nem mamãe. E eu quero uma vida ‘mió’ ‘procê’.

- Mas eu gosto de você, mamãe. – Argumenta Jennifer inocente, sem entender por que seria ruim ser igual à mãe.

- Tem que ir porque eu quero e acabou. – Reforça Jessie deixando o tom de voz ligeiramente mais ríspido.

- Mas a tia ‘passou os dever tudo já pra eu fazê’, mamãe, num posso ‘fazê’ aqui em casa, não?

- Não. – Responde seca e já sem tanta paciência. – Agora trate de comer e se arrumar logo que já é tarde demais ‘sô’, depois ‘num’ quero saber de nenhuma reclamação de atraso na escola.

As garotas vão para a escola em apenas mais um dia normal, atravessam o campo com cheiro forte de terra molhada e prateado com o sereno da madrugada, enquanto a aurora pinta o céu com sua mais bela arte, até chegarem a uma pequena estrada de terra. São cinquenta minutos de caminhada para que possam pegar o ônibus escolar, que tem horários bem rígidos e, se perderem o ônibus, vão ter de esperar mais uma hora até que passe o outro. Sem contar a palmatória que castiga aqueles que não respeitam os horários inflexíveis da pequena escola do interior.

Jenny costuma interagir pouco com as outras crianças, pois é muito tímida, mas, definitivamente, é a melhor aluna da sala em todas as matérias. A professora pouco lhe dá atenção, por ser uma criança quieta, mas é melhor assim, afinal a velha e amarga Senhora Bonnie apenas presta atenção nos alunos quando vai castigá-los. Entre as crianças correm todos os tipos de estórias sobre punições severas, de palmatórias e milho nos joelhos; até mesmo humilhações e castigos dos mais pesados, sendo comum, as crianças chegarem com marcas em casa. E algumas delas dizem carregar cicatrizes que irão lhes marcar por toda a vida, “para que não voltem a cometer o terrível mal que fizeram”, como diz a Senhora Bonnie. Mas crianças frequentemente exageram ou inventam suas estórias, principalmente quando tem medo, e a Senhora Bonnie, definitivamente, é temida.

Em meio a toda repressão, a pequena Jenny estava sempre apagada, mesmo com toda sua luz. Ela parecia viver fora daquele mundo escolar, sempre sorrindo e desenhando alguma coisa. A única vez que fora punida foi quando cochilou durante uma explicação de uma prova de matemática que havia gabaritado, o que

lhe rendera uma hora em pé de frente para a parede e uma lição de moral sobre prestar atenção quando os mais velhos falam sobre coisas importantes.

O que mais anima Jenny é a hora do almoço, a comida pode não ser muito gostosa, mas sem dúvida é farta e, nos tempos difíceis, as duas irmãs guardavam parte do almoço para que pudessem ter jantar em casa, dividindo com a família.

A volta para casa é a parte mais chata para Jenny, pois, frequentemente, Loren fica para aulas de reforço, já que suas notas não são as melhores. Mas às vezes o professor de biologia do ginásio, que dá aula a Loren, dá uma boa carona às meninas. A inocente Jenny não entende por que muitas vezes sua irmã nega o favor do mestre, mas Loren sabe muito bem que sua beleza chama mais atenção dos homens do que as de outras meninas; e que o professor André não é um bom samaritano, pois tem uma má fama de namoradeiro, e não faz cerimônia para tecer elogios a Loren.

Quase sempre as irmãs chegam a casa no final da tarde, antes do sol se pôr, e é importante que cheguem antes do anoitecer, pois não há iluminação na estrada onde descem e tampouco na trilha deserta que corta o campo. E aquelas terras à noite podem ser perigosas, especialmente para duas meninas indefesas.

As meninas apertam o passo quando a garoa começa a cair, Jenny corre com suas pernas curtas quando avista a pequenina casa de madeira, enquanto Loren parece não ter pressa alguma de chegar, assim como não se importa de se molhar. Apesar das nuvens, a lua já aparece no céu cinza escuro, empurrando o dia para longe; e um vento gelado e constante sopra cautelosamente, enquanto um pequeno punhado de aves voa apressado em direção à mancha laranja no horizonte causado pelo crepúsculo.

Jenny para de correr a alguns metros de casa, horrorizada, ao ouvir um som que invade seus ouvidos e se enterra em seu coração. Ela ouve o grito de sua mãe. O berro desesperado e distorcido mostra a dor e violência que se abriga atrás da porta de casa.

O coração de Jennifer acelera e, com passos lentos e arrastados, ela vai se aproximando e para na varanda, onde a sacada de palha velha com inúmeras

goteiras, pelo menos a protege da chuva. A criança encara a escura e bem trabalhada porta de madeira que se estende frente a ela com um ar sombrio, parecendo crescer vários metros diante da amedrontada menina, com sua madeira escura que a noite deixa quase negra; suas trancas firmes de metal frio levemente enferrujado. Ao lado da porta estão as ferramentas de trabalho de seu pai, que é carpinteiro, assim como seu chapéu de palha e casaco desbotado. O cheiro de álcool barato está tão impregnado na roupa, que chega a embrulhar o estômago da pequena Jennifer.

- Para Maicon, para! – Mais um berro irrompe de dentro da casa, fazendo Jenny se encolher instintivamente como se tentasse se proteger. – Pelo amor de Deus para! – Grita Jessie, já sem muita força para falar, quando um estalo proveniente de um golpe, ecoa até a garota paralisada em frente à porta.

Loren aperta o passo contraindo os lábios em tom de desgosto, enquanto engole dentro do peito a angústia que conhece muito bem. Ela alcança Jennifer e põe a mão em seu ombro, em seguida se ajoelha ao lado da irmã e se mantém quieta por alguns segundos, apenas apoiando o queixo em seus ombros. Com voz suave, diz ao pé de seu ouvido enquanto a envolve com os braços. – Escuta aqui Jenny, ‘cê’ vai entrar, cumprimentar e ir direto pro quarto, ouviu? ‘Cê’ num diz mais nada, chega lá, se mete debaixo das cobertas e fica. Ouvuiu?

- Sim, maninha. – Responde a caçula com voz triste, enquanto segura com força a mão da irmã e engole o choro.

Os gritos continuam no interior da casa, e a garoa se transforma em um chuveiro. Loren olha a escura porta de madeira já marcada pela idade, com traços rústicos e feridas de descuido, uma porta velha que ela conhece mais do que gostaria, e que já atravessou diversas vezes. Pela fenda da porta, a sala escura pouco revela sobre o pequeno cômodo e apenas um resquício de luz tênue brota da cozinha e se reflete nas poças de água causadas por goteiras que escorrem das falhas no teto.

A criança entra na sala escura e pequena, o sol já se pôs e a única luz do local vem do lampião, que se encontra na cozinha e ilumina, com um leve e sinistro tom amarelado, o corpo deitado no portal que divide os dois cômodos, dando um destaque ainda mais cruel ao sangue na face da pobre mulher descabelada que tenta desesperadamente cobrir o rosto, ao notar que as filhas entraram em casa. Jennifer tenta não olhar para o lado, mas é inevitável ver a mãe caída no chão aos prantos, é inevitável o desespero, a humilhação e a vergonha da mulher reduzida a um trapo. O carpinteiro, de longos cabelos castanhos ondulados e olhos cor de mel,

cambaleia para trás ao ver as meninas, com suas pupilas dilatadas. Jessie se cala em pânico ao olhar as meninas com seu rosto inchado; e Maicon tenta manter o equilíbrio enquanto balbucia um tosco “boa noite”, escorado no portal.

- Noite papai, noite mamãe – Diz Jenny olhando para baixo e segurando o choro, enquanto corre para o único quarto da casa.

Loren é uma menina forte e aprendeu a manter-se fria depois de presenciar tantas cenas de violência doméstica, o que acontece com frequência, quando seu pai é vencido pelo alcoolismo. Ela apenas cumprimenta ambos com um aceno de cabeça sem dizer uma palavra, espera a irmã pequena entrar no quarto, e logo em seguida também se vai. Fechando a porta logo que pode. Arruma a cama da irmã ao lado da cama de casal onde dormem os pais e, em seguida, forra seu colchonete no chão. As irmãs ficam deitadas sem dizer uma palavra, enquanto os berros na cozinha continuam.

- Sua vadia, você me envergonha na frente das meninas! Vê o que ‘ocê’ faz? ‘Tá’ feliz agora? – A violência continua enquanto Jessie chora copiosamente, pedindo clemência para Maicon, uma clemência que nunca chegará.

Maicon é um homem magro e bem alto, poderia ser muito bonito, mas sua fisionomia é destruída pelo álcool. Ele está na segunda metade da casa dos trinta anos, mas parece ter cinquenta. Possui inúmeras rugas no rosto e sua barba nunca está bem feita. Apesar de magro, a profissão de carpinteiro lhe dá força, e ele sabe muito bem como usar essa força para machucar sua mulher.

As meninas se abraçam e choram sem ver o que acontece no cômodo ao lado. Sem ver a facada que Jessie acaba de receber no braço, sem ver o pai se ajoelhar com todo peso sobre o seio de sua mãe e esmurrar sua cara até deixar seu rosto coberto de sangue. As meninas não veem a terrível cena. Tudo que sobra para elas são gritos de violência e o medo do que pode vir a acontecer...

A vida no campo é dura, principalmente no inverno. E foi justamente em um inverno que a vida daquela família mudou para sempre.

Loren estava no último ano normal da escola e Jenny já havia cursado metade do ginásio. O professor André continuava com suas investidas na garota mais bonita que já vira, agora que seu corpo era esculpido pela puberdade. Suas cochas aumentaram, sua cintura permanecera fina, seus lábios estavam mais grossos; e seus seios fartos e empinados faziam a camisa apertar seu corpo, despertando a imaginação dos homens por onde passava. Loren começava, aos poucos, a ceder e a se enamorar pelos encantos do mestre André, apesar de nunca ter lhe dado ousadia alguma.

Mas aquela noite talvez fosse além de tudo que se pudessem esperar. O clima estava seco, o norte do Texas faz parte da grande planície, que tem por característica, ser uma área árida com índices maiores de chuva no final do outono, mas não chovia há dias. O ônibus quebrara pouco depois da metade do caminho de volta e as duas meninas tiveram que seguir a pé, pela estrada escura com céu nublado. Não havia postes, a lua nova parecia não emitir um único raio que clareasse o caminho das moças e nem ao menos um vento soprava para dar vida ao mato seco e cinza que cercava as beiras da estrada escura e silenciosa. Naquele momento o mundo parecia estéril e mórbido ao redor delas. As poucas luzes fracas que apareciam, eram de carros que passavam ignorando as duas; e os que não ignoravam, diminuía a velocidade para inspecionar maliciosamente as jovens indefesas. O único a oferecer carona foi um homem gordo em um grande caminhão. Do interior escuro do veículo subia uma densa fumaça que vinha de um fedorento charuto, e enquanto falava pareceu despir Loren com os olhos. Seus gestos, seguidos de um sorriso nojento, mostraram a porta se abrindo lentamente, mas desistiu ao ver as meninas apertando o passo. Após três horas de caminhada em meio ao breu, as duas chegaram seguras em casa e puderam finalmente ver de longe as luzes acesas, mas não como de costume, havia algo diferente, algo terrivelmente diferente. O piscar frenético da luz vermelha anunciava uma tragédia, o movimento apressado das pessoas de branco era mais do que um mau agouro, havia uma ambulância na porta da casa.

As meninas correm. Os enfermeiros carregam na maca, uma mulher seminua ensanguentada, inconsciente e inexpressiva com o pescoço imobilizado. Loren fica paralisada em choque enquanto Jennifer segue desesperada berrando por sua mãe. Maicon assiste tudo da porta de casa com olhar distante, expressão de sofrimento e olhos cheios de água. Suas mãos apertam o chapéu de palha na altura do coração. Os enfermeiros impedem a criança de entrar na ambulância atrás da mãe, que luta para ir com ela; até que Loren segura com força a pequena irmã que se debate desolada em seus braços.

Maicon se aproxima caminhando a passos tortos e se ajoelha em uma débil tentativa de abraçar com força suas duas filhas. A pequena se debate enojada ao sentir aquela barba molhada e fétida roçando em seu rosto, e é tomada por ódio e desespero. Ela se desvencilha dos braços do pai, então corre para o campo, desaparecendo na escuridão.

A menina deixa tudo pra trás, ela sente o mato seco lhe machucar quando bate em suas pernas, corre até a casa parecer um pequeno ponto iluminado e então se joga na terra seca, virando-se para o céu negro enquanto chora e soluça. Não há sequer uma estrela cadente para fazer um pedido, nem mesmo estrela alguma, nem a lua está presente para oferecer qualquer consolo. O vento continua sem soprar e nada parece se mexer em um raio de quilômetros, nem mesmo os grilos sentem vontade de cantar e as corujas não piam. E novamente tudo parece estéril e morto, mas Jenny agora já não é a luz que acaba com essa escuridão. Ela não se mexe e parece não sentir nada naquele momento, só o que há é o vazio para lhe fazer companhia; ou nada para lhe proteger da cruel realidade do mundo: um pai bêbado e violento esperando-a em casa. Sua única vontade é desaparecer. Ela grita sozinha no meio do nada, mesmo sem ninguém para escutar.

Com o coração vazio de dor ou qualquer esperança, a criança se recompõe e volta pra casa em passos curtos.

Maicon dá um pulo do pequeno sofá rasgado de dois lugares onde via televisão sem volume, derrubando a garrafa de bebida vazia ao lado de seus pés, e faz uma expressão aliviada. O bêbado corre na direção de Jennifer e se ajoelha abraçando a menina, o bafo de álcool está mais insuportável do que nunca, o que indica que o miserável bebeu mais ainda na ausência da filha.

- A mamãe, filha, a mamãe... – Balbucia Maicon com dificuldades em escolher as palavras. Ele mantém a cabeça parada e olha nos olhos azuis de Jennifer, que desvia o olhar. – A mamãe sofreu um acidente, ela caiu e bateu a cabeça filha. – Fala apertando o braço de Jennifer com força suficiente para deixar sua frágil e delicada pele marcada.

Jennifer olha inexpressiva para o pai, se desvencilha de seus braços e vai para o quarto. Ela aperta o maxilar, trinca os dentes e contrai os lábios, sua expressão é de puro nojo e ódio. Ao entrar, vê Loren ajoelhada, dobrando a roupa da mãe para levar para o hospital e escuta os passos de Maicon, que vem andando atrás da filha.

- Vai pro banho agora. – Ordena Loren com voz firme sem olhar para sua irmã. – Sua roupa já está no banheiro. Não demore.

Maicon entra no quarto e, sem que pudesse dizer qualquer coisa, Jennifer o olha uma última vez com profundo desprezo e vai para o banheiro.

Ela tira toda a roupa devagar, por alguns segundos apenas se mantém parada olhando desolada para o pequeno banheiro que mais parece um corredor. Uma luz fraca vem da lâmpada pendurada apenas por um fio.

Jennifer liga o chuveiro lentamente e se prepara para encarar a água fria, quando uma estranha sensação lhe faz gelar a espinha. O instinto faz com que ela se vire rapidamente, enquanto seu coração acelera e os olhos vasculham o pequeno e sombrio banheiro. A criança nota a porta sem trinco balançando levemente... Jennifer não quer acreditar nisso, mas sabe que há alguém a espiando. O medo toma conta, e ela agarra a toalha, torcendo-a instintivamente. Ela se esgueira pela parede sem azulejos e espia pelo buraco, onde deveria haver uma maçaneta.

- Ela é sua filha, seu doente, e é uma criança. Uma criança! – Sussurra Loren com tom forte e expressão irada enquanto segura firme os braços magros de Maicon. A força é tamanha que suas unhas se enterram nos braços do carpinteiro.

- Eu só ‘tava’ olhando como ela cresceu... – Responde Maicon sorrindo maliciosamente para Loren, enquanto trinca os dentes devido à dor. – E você acha que eu não reparo em como virou uma moça bonita também? – Completa torcendo com força o braço da filha e dominando-a, enquanto fecha bruscamente suas mãos em torno dos pulsos da garota. Jenny, desesperada, põe a mão na boca ao ouvir a frase, como se quisesse calar as palavras do pai.

Maicon puxa Loren e faz com que ela caia ajoelhada diante dele, em seguida ele agarra com força o cabelo de Loren e a olha de perto. A pobre menina mal consegue se mexer enquanto contrai seu rosto com a dor, e faz menção de iniciar uma frase, mas ele a cala firme com a mão em sua boca; e logo então dá alguns tapas leves no rosto da filha. – Você é malcriada igual à vadia da sua mãe sabia? Só que mais bonita, mais jovem, e mais apertada... – Diz, ainda calando a boca de Loren, que já não tenta mais falar e agora apenas chora em silêncio com os olhos fechados. Ele a acaricia. Desce a mão pelo pescoço e aperta com força desmedida o seio esquerdo dela, que geme de dor e desespero enquanto ele sorri excitado com a situação. Em seguida ele puxa sua cabeça mais para baixo, e desfere mais um tapa. Dessa vez forte o bastante para emitir um estalo. Loren pensa em gritar, mas

Maicon mais uma vez tapa sua boca e, forçando a cabeça da filha a olhar pra cima, diz: - Se você gritar a sua irmãzinha vai ouvir, e se isso acontecer, eu vou ser obrigado a dar uma lição nas duas, igual eu fiz com a vagabunda da sua mãe hoje. Com a sua irmã eu não vou ser carinhoso que nem eu estou sendo com você. Não queremos a pequena Jenny apanhando porque a irmã dela foi malcriada com o papai, né? – Diz ele apertado o queixo da garota, enquanto as lágrimas dela escorrem. Maicon sorri doentiamente com seus dentes amarelos. Nesse momento, Jenny prende fundo a respiração, seu coração dispara e seu corpo gela, ela se agacha e sem fazer barulho algum, fica apenas observando a cena enquanto treme apavorada. Loren continua seu choro em silêncio enquanto Maicon segura seu cabelo.

- Precisa chorar não, filhinha. Papai já disse vai cuidar bem de você. – O tom de voz é baixo e arrastado. – A gente vai se divertir muito hoje e, se você se comportar, não vai acontecer nada com sua irmãzinha, entende? – Diz enquanto abre a calça e posiciona a cabeça da própria filha na altura de sua cintura; esfregando-a, com certa violência, contra seu corpo. Ela tenta, inutilmente, empurrá-lo; quando finalmente segura suas pernas e olha para seu rosto com a cabeça baixa e os olhos claros tristonhamente levantados.

- Espera, e se ela terminar o banho e sair? – A menina gagueja demoradamente, com palavras atrapalhadas e o rosto vermelho, com expressão desesperada. – Aqui não, não perto da Jenny. Por favor, não.

- Atrás da casa tem a palha, lá a Jenny não vai. - Insiste Maicon depois de ponderar a ideia por alguns segundos. Ele fecha a calça sem se preocupar em afivelar o cinto e arrasta a filha adolescente pelo cabelo, em direção a porta do banheiro. Jennifer corre desesperada para baixo do chuveiro, a água extremamente gelada batendo em seu corpo quente, se tornou um detalhe, frente ao medo e desespero que dominam seu coração. Seus sentidos adormecem, ela se vira de costas para porta, tentando esconder seu rosto inchado pelo choro.

- Jenny – Começa Maicon seguido de uma breve pausa. – Papai e Loren vão resolver algumas coisas fora de casa. Seja uma boa menina. E quando sair do banho, vai direto pra cama, ouviu? – Diz Maicon sem abrir a porta.

- Sim! – Grita Jennifer na mesma hora, sem nem conseguir disfarçar o horror na voz, mas seu pai está bêbado e pareceu simplesmente não notar.

Jenny sai do banheiro sem desligar a torneira e corre molhada até a gaveta com suas roupas. Ela veste a primeira peça que vê pela frente, logo em seguida corre até a sala e, se esgueirando com o máximo de silêncio possível, passa pela porta semiaberta. Ela ouve os gritos de desespero da irmã implorando para que o pai pare a atrocidade que está fazendo, berros que são acompanhados de súplicas, choro e estalos, feitos por golpes, seguidos de insultos e gemidos doentios de prazer de Maicon. Jennifer corre o máximo que pode em direção à estrada enquanto as lágrimas caem sem parar. A menina segue na trilha escura e sombria, as trevas agora parecem ser sua única segurança. Por mais de dez minutos a criança corre. Ela se cansa e tropeça em uma pedra, caindo com o rosto no chão, levanta com os joelhos ensanguentados e volta a correr com todas as suas forças, quando próximo à estrada surge uma forte luz.

Jennifer arregala os olhos e tenta se proteger do farol forte, ela dá um passo pra trás e desaba sentada enquanto grita de susto, o carro diminui a intensidade da luz e finalmente estaciona. Para o consolo da pequena Jenny, aquele era o carro do Xerife Daril. Ele corre para fora da viatura junto de seu ajudante e segura a criança no colo, que se aperta com força a ele.

- O que aconteceu ‘cum ocê minha fia’? – Pergunta o homem de cabelos grisalhos e barba feita, fitando Jenny com seus olhos castanhos, bondosos e envoltos de rugas.

- O papai, ele ta machucando a minha irmã como ele machuca a mamãe. – Diz Jennifer, ainda apertando o rosto contra o ombro do Xerife e se largando mole em seus braços, já não se preocupando em ser forte.

- Ele fez alguma coisa ‘cum ocê’ bebê? – Pergunta o Xerife levantando-se com a criança no colo e se dirigindo rápido para a viatura.

- Não, mas ele ‘ta’ machucando a Loren na palha atrás da casa. – Responde Jennifer soluçando.

O que se sucedeu naquela terrível noite, Jennifer tentou apagar de sua memória, mas seria de fato impossível. Ao chegar à propriedade, o Xerife deixou a criança no carro com seu ajudante e entrou com arma em punhos. Jennifer ouviu os três disparos, mas nunca chegou a ver o corpo de seu pai, nem mesmo houve um enterro. Maicon foi dado como desaparecido, mas Jennifer sabe que o fogo que consumiu o feno próximo a casa havia queimado com algo a mais...

Loren, no dia seguinte, deixou apenas um bilhete dizendo que não conseguiria viver ali com a vergonha que aquela casa lembrava, pensara em tirar sua vida, mas não tinha vontade ou mesmo coragem. Sua pureza havia sido tomada à força e logo isso se tornara de conhecimento geral, só o que lhe restava era fugir de tudo, com sua vergonha; e não olhar para trás.

Um golpe de martelo fraturou a base da espinha de Jessie, os médicos fizeram o que puderam, mas a pobre mulher perdeu o movimento das pernas e ficou fadada a passar o resto da vida em uma cadeira de rodas. A família agora se resumia a uma aleijada sem apoio do governo e uma criança sem idade para trabalhar. Jessie vendeu suas poucas terras e se mudou para a casa de sua irmã Judith. Lá a menina cresceu, explorada na sombra das primas. Aturando trabalho desmedido e humilhações, principalmente sobre a “aleijada inútil” de sua mãe, que só servia para dar trabalho.

Para sua mãe, apesar da triste condição, a sorte finalmente lhe sorrira depois de muitos anos e ela conheceu Johan; e a cadeira de rodas não impediu que o pequeno fazendeiro se apaixonasse perdidamente, e lhe pedisse a mão em casamento. Jessie não casou por amor, mas sim por que Johan tinha algumas posses e tratava-a como nunca havia sido tratada, além de cuidar de Jenny como se fosse sua própria filha. Com ajuda da administração de Jessie, ele multiplicou suas posses o suficiente para ter uma vida mais do que confortável. Os anos de companheirismo construíram no que antes era puro interesse, um forte amor, de Jessie por seu novo marido e os frutos de seu trabalho puderam realizar o sonho dela de pagar a escola de enfermagem para Jennifer, que na época de sua formatura ganhou um casal de irmãos. Logo após a formatura o Doutor McLoug, principal médico da cidade, e amigo pessoal de seu padraсто, havia conseguido um emprego para ela, garantido ajudar no que a jovem precisasse.

Pela primeira vez, a vida havia sorrido para Jennifer, e ela estava feliz.

Dor, lágrimas e saudade. Ainda de olhos fechados e retornando das duras lembranças do seu passado, Jennifer sente a violência do soco em seu rosto, enquanto tenta assimilar o que está acontecendo. Aprendera com Alexander a

viajar em suas memórias quando perdia o controle de alguma situação. Um homem sem memória pode ensinar muito sobre o valor de uma simples lembrança.

Ela pressiona com força os olhos para se manterem fechados, o que faz as lágrimas escorrerem, mas sua concentração se vai, e Jennifer grita ao ouvir o berro de seu marido, seguido de um estalo forte.

O homem careca acerta em cheio o joelho de Alexander com o bastão de basebol. A rótula estoura, ossos se partem rompendo músculos e tendões. Ele ri e levanta o bastão comemorando. Alexander tenta segurar a reação diante da dor, mas simplesmente não consegue. Jennifer é puxada pelos cabelos quando tenta se levantar a fim de correr para o marido, e cai sentada na cadeira. O bandido que a segura acerta o cabo da faca na lateral de seu rosto, fazendo-o inchar.

- Você vai ficar ‘quetinha’ vendo ‘tudinho’ ai sentadinha, ouviu vadia? – Diz ele enquanto aperta com força o pescoço de Jennifer. A moça se debate, abre a boca desesperada, na inútil tentativa de respirar, mas só é solta quando fica completamente sem forças. Depois de mais um golpe, seus dentes doem como se tivessem sido trincados e ela cospe sangue, enquanto respira forte na tentativa de recuperar o ar.

Alexander, mesmo com o joelho ferido, tenta levantar e partir na direção de sua mulher, mas, ao inclinar a cadeira para frente, seu carrasco o ataca impiedosamente, com um forte golpe com o bastão e acerta-o no peito, fazendo a cadeira tombar para trás; e ele perde completamente o ar. O pobre homem sente a dor lancinante e aguda se espalhar por seu tronco, enquanto seu pulmão parece se contrair a ponto de partir.

Com a luz do teto direto em seus olhos, Alexander mal consegue ver quando a pesada bota desce em seu rosto, sua nuca bate com força no chão e sua consciência se torna confusa na mesma hora. Tudo parece estar perdendo sentido, mas ele mantém a concentração, não por ele, mas por Jennifer.

Um melado toma conta de seus cabelos e um calafrio indica que um corte sério está sangrando em sua cabeça. As palpitações intensas continuam. A tontura, falta de ar e dor de cabeça, são acentuados pelos golpes. Seu peito e costas se contraem em pequenas convulsões e ele tenta manter o controle.

O homem negro atrás de Alexander puxa-o pelo cabelo, pondo a cadeira novamente de pé, e então desfere um golpe em seu rosto. Os espinhos de aço na

ponta do soco inglês cavam a pele, atravessam a carne, e terminam de fraturar o osso, já molestado pela barra de ferro; que agora está exposto sob a pele aberta e ensanguentada.

Alexander solta um grito. O careca se delicia cruelmente, enquanto posta o bastão de baseball novamente na mesa, e apanha uma grande marreta, grande o suficiente para que ele precise segurar com as duas mãos. Ele anda lentamente na direção de Alexander com um sorriso sádico acentuado pela precária iluminação.

- O que vocês querem? – Berra Alexander.

Seu torturador nada responde e, ainda rindo, dá uma longa passada para tomar impulso, e joga a pesada ferramenta para trás, formando um arco com seu movimento, então ele desce o aço do martelo com toda sua força na omoplata de Alexander. O golpe é tamanho que seu ombro se desloca e o osso fica fraturado. Sua pele abre com a ferida e o braço de Alexander fica sinistramente mais baixo, quase tocando o chão, parecendo estar apenas pendurado pelos músculos.

O grito de Alexander parece interminável, a intensidade é alucinante, as veias de seu pescoço saltam como se fossem explodir, enquanto Jennifer é forçada a assistir toda a cena.

- Parem de fazer isso com ele pelo amor de Deus. – Ela implora, com expressão de clemência, para o homem que castiga seu marido. – A gente dá o que vocês quiserem, mas parem com isso! – Ela respira entre os soluços. – Ele não merece... Ele não merece... – Mas as súplicas por misericórdia são duramente caladas por um soco no estômago, seguido de mais um golpe violento no rosto, que faz seu sangue escorrer.

Nesse exato momento as luzes do carro piscam e um dos homens no galpão corre até o veículo. A porta traseira esquerda se abre. O homem que acaba de sair do carro definitivamente é diferente de todos os marginais ali.

O Homem que saiu era baixo, no máximo um metro e setenta de altura, aparentando em ter pela segunda metade da casa dos quarenta anos de idade, esguio, de pele pálida e cabelos ruivos, com um penteado que lembrava bem a moda da década de sessenta. Um laquê puxa seu cabelo para trás. Seu rosto fino e expressão esnobe passam desprezo; seu nariz bem alongado e lábios curtos se encontram abaixo de um par de olhos castanho claros, levemente puxados, que fitam, com total indiferença, a situação. Ele tem uma pequena verruga sem cor,

nascida do lado direito do rosto, próximo ao nariz, alguns centímetros acima de sua boca; e no lado esquerdo de sua face, há uma grande e profunda cicatriz. Seu terno é fino e de cor grafite, decorado com uma gravata preta de seda e com um broche dourado com um brilhante; e ele usa uma camisa de cor gelo. Seus sapatos de bico fino são de um couro bem cuidado e reluzem na pálida luz adjacente; e em sua mão esquerda destaca-se o brilho de uma grande safira azul encravada em um trabalhado anel de ouro.

Do carona e da outra porta traseira saíram dois grandes homens, que mais lembravam leões de chácara. Ambos brancos, altos e muito fortes trajando ternos. Nesse momento, o careca se dirige novamente para a mesa e guarda o martelo. Todos abaixam a cabeça, esperando o ruivo chegar. Ele anda imponente com uma elegância e autoridade arrogantes. Sua postura é ereta e sua cabeça se inclina levemente para baixo, seus passos são leves, como se tivesse todo tempo do mundo. Seu olhar firme e penetrante não desvia de Alexander nem mesmo por um segundo e seu rosto expressa uma satisfação quase doentia, que aumenta a cada passo.

Jennifer faz menção de que vai gritar, mas o gordo que lhe segurava os cabelos, aperta novamente sua garganta; e com a mão livre ele saca uma faca que é pressionada contra sua jugular.

Ao se aproximar, o misterioso homem gira em sua mão a bengala de madeira escura e adornada de ouro. O breve silêncio pareceu ser angustiante para todos ali, menos para o ruivo que fita a todos com satisfação. A Fumaça dos cigarros toma o ambiente, as sombras aos cantos parecem cercar o grupo, enquanto a chuva cai forte do lado de fora, aumentando as inúmeras goteiras do local. O silêncio é quebrado por um trovão que estremece toda a estrutura, sucedendo um medonho clarão, quando finalmente Alexander se pronuncia.

- Mas o que 'ta' acontecendo? – Berra Alexander com a voz grave e firme, com o rosto deformado pelas pancadas. A corda que prende seus pulsos queima sua pele enquanto ele se debate; e a cadeira em que Alexander está sentado parece dançar zombando de seus esforços para se libertar. Suas veias saltadas estão prestes a explodir e o desespero toma conta de seu rosto.

- Acho que está chovendo. – Responde com muita calma, e no tom de maior seriedade, o homem de terno fino, enquanto analisa Jennifer. Levanta o rosto dela com a ponta fria e prateada da bengala, então afasta a faca da garganta da moça. A mulher respira aliviada, mas ainda muito ofegante e assustada. Jennifer mal

esconde o pavor que sente, seus olhos brilham com as lágrimas agora contidas, e seu coração dispara de forma que são quase visíveis as contrações em seu peito.

- Seja sutil. A moça é delicada - Diz o homem ao moribundo que segura a faca avermelhada de filetes de sangue que escorrem do pescoço de Jennifer, enquanto dá um grande sorriso acenando com a cabeça. – Ainda não precisamos usar de violência... Ainda.

Capítulo 3: Um velho amigo

O ruivo encara Alexander sem dizer mais nenhuma palavra. Seu rosto magro, expressa uma satisfação sádica com a situação; e seu olhar parece, estranhamente, terno, como o de quem reencontra um velho amigo do qual sentia saudade. Ele faz o silêncio se estender mais do que o necessário.

- O prazer do reencontro, senhor Alexander! – Diz, demasiadamente, animado, com sua voz rouca levemente aguda. – É sempre um grande prazer. – Completa, alisando de leve a grande cicatriz do lado esquerdo de seu rosto.

Alexander faz um monumental esforço para se manter ereto e olhar nos olhos do homem, mas ainda assim ele está perplexo e ferido demais para dizer qualquer coisa.

- Não lhe parece óbvio o que está acontecendo aqui? – Continua o homem de terno, enquanto abre os braços como se fosse dar um caloroso abraço em Alexander. – Queremos uma coisa, uma simples coisa, que sabemos que não nos seria dada em uma amigável conversa em sua sala de estar, durante um agradável café ou em um informal chope em uma mesa de bar. Uma coisa que não nos seria vendida por dinheiro algum no mundo e não nos será entregue sem as medidas certas. – Ele começa a gesticular com maestria, em um tom altamente explicativo, como um professor ao introduzir uma matéria complexa. – Às vezes algumas situações exigem medidas drásticas, e um homem tem que estar disposto a tomar as medidas certas para atingir seus objetivos. Os fins justificam os meios. Definitivamente, este não é um conceito complexo, consegue compreender isso, senhor Alexander? – Diz o ruivo enquanto anda em sua direção. Em seguida para, apoia suas finas mãos sobre a bengala e desce o rosto para que fique na altura de seu prisioneiro, a apenas um passo de distância.

- Sim. – Alexander responde seco e sério enquanto encara o homem nos olhos.

- Ótimo! Adoro pessoas compreensivas. Tornam meu trabalho fácil. Uma vez que você tenha visto que isso aqui não é uma brincadeira ou blefe, creio que a violência não será mais necessária enquanto cooperar conosco; e faço questão de frisar a parte do “enquanto cooperar”. Golpes o ferem, mas você não se importa em ser ferido, e eu dou valor a homens com vigor, é algo difícil de ver hoje em dia. A sociedade torna as pessoas fracas e acomodadas; as facilidades as tornam moles e,

cada vez mais, dispensáveis. Definitivamente, o fim da seleção natural, é a grande maldição do mundo moderno. – Acrescenta em um estranho clima de casualidade, antes de mudar completamente o tom de voz, deixando-a mais firme e grossa, enquanto pressiona cruelmente a ponta de sua bengala no ombro destruído de Alexander, que simplesmente grita impossibilitado de fazer qualquer coisa. – Aprenda Alexander, a dor física, apesar de parecer forte e insuportável, muitas vezes é a dor mais branda que nos arde. – O homem se vira para Jennifer. – Eu posso ferir muito mais do que seu corpo aqui, senhor Alexander. Posso lhe causar feridas profundas que nunca cicatrizarão, e você vai preferir ter o corpo dilacerado ao sofrer as consequências que eu posso lhe causar. E, se precisar, eu, definitivamente, vou adorar fazê-lo. – Completa enquanto sorri maliciosamente, o que faz a moça chorar em um misto de choque e desespero.

- Não, por favor! Deixe-nos ir. – Berra e implora a pobre mulher desesperada em meio a lágrimas enquanto se debate sofredamente, quando o ruivo faz um sinal brusco com a ponta do indicador para que ela se cale, e ela, ainda chorosa, estremece e, em pânico, sente um calafrio que a aquieta perante a incontestável autoridade e maldade do pequeno homem de terno.

- Entenda que essa conversa é com seu marido, e eu a aconselho a não emitir uma palavra sequer. – Diz enquanto aponta a bengala para Jennifer. – Eu fico realmente muito chateado quando me interrompem, e quando eu fico chateado, pessoas se machucam, consegue compreender isso? – A firmeza dos olhos castanhos era tão grande que Jennifer não conseguiu encará-los. Ela primeiro baixa os olhos, depois a cabeça e então, ainda sob terrível e pesado olhar, ela se encolhe por inteiro, na esperança de simplesmente desaparecer da frente daquele homem cruel.

Alexander o encara em silêncio com expressão séria, seu sangue ferve e, por alguns instantes, chega a esquecer da dor que estava sentindo. Alexander fica tonto e ligeiramente mais pálido, todos os seus músculos se contraem involuntariamente enquanto o ruivo continua, e fita ambos enquanto fala.

- Voltemos ao nosso assunto. Compreendendo isso, pedi que a bela Jennifer fosse poupada por ora, e tome nota de que esse ‘por ora’ pode durar muito pouco tempo se você não cooperar. – Faz uma pausa de alguns segundos. – Veja que curioso, senhor Alexander, você jurou protegê-la, até que a morte os separe, e tudo que ela está sofrendo essa noite é por sua causa. Acho que você não tem cumprido com suas obrigações matrimoniais, como deveria, mas a parte mais curiosa mesmo, ainda está por vir. Olhe para ela. – Nesse momento o ruivo dá uma rápida investida e para ao lado de Alexander. Sem se importar em se sujar com seu sangue ele aperta

sua mandíbula com uma força desproporcionalmente grande para um homem de sua estatura, e puxa sua cabeça para frente obrigando-o a encarar a situação deplorável em que Jeniffer se encontra naquele momento. Ele segura por alguns instantes a cabeça de Alexander obrigando-o a observar todo sofrimento de sua esposa, que visivelmente fracassa na inútil tentativa de parecer forte e dar apoio ao marido. — A parte curiosa é que está em suas mãos, se ela não vai mais se machucar essa noite, ou se ela vai sofrer tanto a ponto de implorar pela morte a cada segundo a mais que tiver a infelicidade de continuar viva. Eu consigo fazer o inferno parecer um lugar tranquilo e agradável, e tenho um prazer doentio em fazer isso. — Nesse momento sua voz se arrasta, fazendo cada sílaba soar aterrorizantemente vagarosa. Quando então, ele solta Alexander, e anda novamente para sua frente. — Ela parece estar com alguns pequenos arranhões, mas são todos superficiais, ainda assim me desagradam esses machucados. Se quiser saber, senhor Alexander. — O ruivo lança um olhar terrível para os capangas ao dizer isso. — Creio que os ferimentos em sua senhora tenham sido realmente desproporcionais as minhas orientações, portanto lhe garanto que as pessoas responsáveis serão punidas por isso, se o senhor cooperar conosco, é claro. — Nesse momento o sequestrador estremece e baixa a cabeça com ar amedrontado, seus olhos parecem encher d'água, enquanto ele pressiona as mãos contra o peito, parecendo já sentir a dor do castigo que possa vir a receber. — Já com você, parece que nossos amigos foram bem assertivos! — Ele se empolga em seu discurso. — Como eu gosto de uma ordem bem cumprida, é sempre uma grande satisfação! Ordenei que o deixassem completamente inofensivo antes da nossa breve conversa, para evitar incidentes desnecessários; ou mesmo crises de heroísmo e todas essas coisas burras que as pessoas fazem quando abandonam a própria racionalidade, simplesmente por não terem o controle da situação. Como se atos impensados fornecessem, de fato, alguma solução. Isso é algo terrível na humanidade, senhor Alexander. Quando mais precisam ser racionais, as pessoas simplesmente agem como completos idiotas. Até mesmo o mais inteligente dos homens pode parecer um imbecil quando se vê perdido em seu próprio desespero. Encare seus ferimentos como um favor! Estou lhe protegendo de si mesmo. Assim eu sei que não poderá fazer nada estúpido, que venha a acabar com as chances que você tem de sair com sua esposa viva e inteira desse galpão imundo. Mas saiba que, mesmo nesse estado, vocês ainda são um casal formidável. — Ao dizer isso o homem do terno se vira de lado segurando a bengala embaixo do braço, enquanto aponta para ambos com as mãos espalmadas; e inesperadamente solta um sorriso simpático. — Vejo os dois, e não tenho como deixar de imaginar que lindos filhos terão em um futuro agradável e feliz. As crianças serão tão lindas que temerei que, em seus destinos, causarão inveja nos Deuses. Porém, é claro, que vou lhe lembrar que para que isso tudo

aconteça, é preciso que todos atinjam seus objetivos essa noite. Objetivos simples e claros. O meu de saber o que eu quero, e o seu, de voltar para casa com sua esposa ainda inteira, compreende?

- Sim. - Diz Alexander quase em um grito, sem conseguir ser frio ou controlado.

- Então vamos ser rápidos e diretos, pois a situação como está não me parece agradável para ninguém aqui nesse galpão. Onde ele está? – O ruivo conclui a pergunta com a cabeça levemente abaixada e com as sobrancelhas suspensas, enquanto contrai os músculos da face, expressando uma ansiedade doentia, como alguém que está muito próximo de conquistar o maior triunfo de sua vida.

Alexander fecha os olhos em um silêncio constrangedor, força mais uma vez sua memória e nada vem. Considerou mentir para ganhar tempo, mas temeu o impacto negativo de um blefe mal feito a essa altura, o preço definitivamente seria alto demais para ser pago. Alexander não tem ideia de quantos anos sumiram de sua memória, apenas sabe da vida que teve depois de acordar no hospital. Casou e se acomodou, construiu uma casa e formou uma família. Ele simplesmente vivia de forma tranquila até então nos cinco anos que passaram desde que fora encontrado sem memória. Uma tranquilidade falsa, que nunca foi realmente completa em seu coração...

Agora tudo depende de lembranças que ele não tem. O único lampejo do passado que ele tivera nesses cinco anos acontecera a menos de uma hora, e Alexander se apegava a essa lembrança com tudo que pode, quer acreditar que consegue. Na esperança de poder dar a resposta que seu algoz procura. A ideia da mentira mais uma vez soa doce e suave, conforme o desespero vai aumentando, conforme a raiva aumenta, conforme o ódio toma conta de todo o seu ser. A cólera de não ter o controle da situação, o impulso de fazer qualquer coisa que seja, não importando o quão impensado seria. Ele se odeia por admitir isso, mas o ruivo tinha razão em seu discurso.

Cerrando os olhos ele força sua memória, tenta esvaziar a cabeça de todo o resto e reavivar as recentes descobertas em sua mente. Alexander tenta se concentrar no som da chuva, o mesmo som que fazia no dia em que se libertou da caminhonete, o mesmo som que fazia quando pegou a faca no cadáver ensanguentado, enquanto o veículo parava. Ele aperta bem os olhos e pouco a pouco, todo o resto parece desaparecer do mundo real, quando as imagens finalmente surgem em sua cabeça.

Alexander parece sentir a água batendo em seu rosto, o boot molhado e o vermelho de sangue, enquanto dá passos firmes pela caminhonete. O veículo para e ele abre a porta traseira com violência, sua calma e frieza são incalculáveis e seu rosto apenas esboça um mínimo sorriso de satisfação por seu plano estar saindo conforme o esperado. Desce e fecha a porta traseira do veículo. Alexander apoia o pé no para-choque e o usa como apoio para se projetar e, com apenas um impulso, consegue subir no teto da caminhonete. Ele se deita e apenas observa, como um astuto predador, aguardando o momento ideal, enquanto o motorista e o carona saem cada um por um lado, ambos com armas em punho e nada mais que o medo estampado em suas faces.

Os soldados avançam cautelosamente pelo chão enlameado, alertados pelos disparos. Cada passo é lento como se o tempo estivesse prestes a parar. A chuva e o frio não impedem a gota de suor de cair da pele negra do homem à esquerda do veículo, enquanto suas pupilas dilatadas capturam todo e qualquer detalhe que possa ocorrer no ambiente. Qualquer coisa que escape a sua percepção pode significar a morte certa. Alexander espera imóvel o motorista passar pela lateral da caminhonete, fecha os olhos, ouvindo cada som ao seu redor, a chuva, as folhas voando com o vento e o passo de sua vítima, e, na hora certa, ele pula atrás do soldado. A queda ocorre com uma sincronia inumana, a lâmina desce com precisão sobre a carne do inimigo. A faca se enterra no ombro do soldado e o baque do corpo derruba os dois, mas Alexander mantém a mão firme, e com um forte e duro puxão faz sua lâmina percorrer o corpo do homem de um ombro ao outro. O aço rasga a carne dos ombros e abre um enorme rombo na garganta, cortando metade do pescoço do motorista, e fazendo sua cabeça pender para trás de uma forma assustadora. Alexander rola rapidamente para frente do veículo e se esgueira pelo para-lama, enquanto o carona, percebendo o barulho da queda e gritando, à espera de qualquer resposta, corre assustado para a outra lateral da caminhonete. Alexander aproveita o susto do soldado para surpreendê-lo avançando sobre ele e, antes que o assustado homem pudesse ter qualquer reação, Alexander surge levantando-se de um rolamento e pondo-se de pé junto a um soco, que golpeia com força a garganta. O ataque faz o carona engasgar, enquanto sua traqueia trava. Ele se vê obrigado a largar a arma e recuar apavorado, e então Alexander prossegue acertando a pesada sola da bota em seu joelho, fazendo sua rótula estourar. O soldado cai indefeso, encostado no pneu enlameado da caminhonete, com os olhos arregalados, sem nem mesmo conseguir gritar. Lutando por sua vida ainda com as

mãos no pescoço, em uma débil tentativa de respirar. Alexander o olha friamente e, sem pressa nenhuma, termina o serviço quebrando seu pescoço.

Ele analisa o soldado que acabou de matar e calmamente troca sua roupa banhada de sangue pela farda do cadáver, enquanto segue em frente com seu plano. Escolhe a farda com menos vestígio de sangue e a veste no corpo do carona, depois o acomoda em seu lugar, ao lado do bando do motorista. Posiciona rapidamente os demais, amontoando-os na traseira coberta da caminhonete.

Alexander entra no veículo, fecha por completo os vidros e acende um cigarro enquanto espera pacientemente que eles embacem com a chuva e fumaça. Depois de os vidros estarem opacos e a visibilidade ficar no pior nível possível, ele segue pela trilha tortuosa que corta uma das raras matas densas da Somália.

Ainda era possível ouvir os tiros e explosões mais ao longe, o conflito devia estar ocorrendo acerca de quinhentos metros, talvez um pouco mais. Isso era bom, pois haveria menos homens na base, Alexander estimava que mais da metade dos soldados estivesse envolto nesse combate, que ele mesmo havia iniciado. A essa altura, seu alvo devia estar se preparando para partir, mas Alexander sabia que os soldados haviam notificado sua captura, e conhecendo seu alvo como conhecia, ele faria questão de esfregar sua vitória na cara de Alexander, e essa arrogância era a chance perfeita para eliminar o inimigo. Ser capturado, tomar o veículo, entrar escondido e atacar de dentro. O plano era simples e eficiente, mas muito arriscado, e essa era a forma preferida de Alexander trabalhar.

Ele chega a uma cancela improvisada que barra seu caminho. A cancela é seguida de um bunker feito com sacos de areia e uma grande metralhadora calibre trinta, seguido de uma guarita metálica, onde se acomodam dois soldados portando fuzis AK-47 em prontidão. Cerca de vinte metros depois da cancela, há um grande portão de metal escuro encrostado em uma alta muralha feita com grossas barras de aço com sua extremidade fartamente envolta em arame farpado. A cada lado do portão há, no topo da cerca, uma guarita metálica fortificada, que por sua vez abrigam mais dois soldados cada, em seus postos privilegiados pela altura. Alexander mantém o limpador de para-brisas desligado, para que a água da chuva dificulte a visualização do interior do veículo. Calmamente ele para a caminhonete e pisca o farol quatro vezes em sequência, exatamente como seu informante havia dito, e, para seu alívio, o soldado levanta a cancela. Logo em seguida, a cancela se levanta sem suspeitas, e o pesado portão começa a se abrir, dando espaço apenas para que ele siga para dentro da base montada na floresta. Alexander olha confiante e acelera para dentro da toca do lobo. Ao passar pelo portão, observa

detalhadamente cada uma das instalações, veículos e guaritas; assim como o número e disposição de homens no local.

A base não era grande, e possuía um total de três construções. De frente para o portão de entrada estava a mais notável das três, localizada no extremo oposto do perímetro, a menos de cem metros da entrada do lugar, a casa do comando. Uma bela e notória mansão de dois andares e um terraço, toda construída em madeira. No topo da casa havia um avançado helicóptero de guerra pousado. À direita da entrada, Alexander via a maior das instalações. Esta, também construída em madeira, se assemelhava a um comprido hotel de dois andares, que se estende de uma ponta a outra do lugar, provavelmente devia ser o local onde se concentravam os alojamentos e o refeitório. Ao lado esquerdo se encontravam uma série de galpões enfileirados, construídos com grandes estruturas metálicas e revestidos com grossa madeira. No centro do lugar, sob o nivelado chão de terra batida, havia dois veículos de transporte blindados, um deles acabando de ser preenchido por soldados. Em uma estimativa rápida, Alexander calculou cerca de setenta combatentes dentro da base. O que tornaria qualquer confronto direto num combate suicida.

Sem saber ao certo onde parar, ele reduz a velocidade até ver uma das portas dos grandes galpões se abrindo. Ao se aproximar do galpão, Alexander vê quatro guardas com fuzis AK-47 correndo para se colocar em formação para receber a caminhonete, que passa por eles exibindo o vidro embaçado. Após entrar no galpão, ele segue para o cetro da instalação. Alexander estaciona e gira o volante de forma que a porta do motorista não fique exposta ao portão de entrada, deixando todo o corpo do veículo como proteção entre ele e os soldados. O galpão é ocupado por inúmeras caixas velhas empilhadas, e Alexander estaciona próximo a algumas caixas. Por alguns segundos ele para olhando fixo para o volante, memoriza a localização de cada inimigo, segura firme sua faca de combate, e sai do veículo; enquanto se esgueira pela lateral e rola silenciosamente para trás das caixas vazias.

Os soldados se sentem confusos quanto à disposição da caminhonete, mas a ansiedade e o nervosismo leva-os a correr para a caçamba, para esperar que o misterioso prisioneiro saia, refém de seus irmãos de combate. Mas nada acontece. O medo e a apreensão dominam os quatro homens, eles se entreolham calados com armas destravadas; quando finalmente um deles infla o peito, reunindo o que resta de sua coragem, e bate com força na porta traseira do veículo.

Alexander prossegue, esperando paciente ao lado da última caixa de madeira. Ele saca uma segunda faca, posicionando-a no chão. Logo em seguida, com a mão

livre, apanha uma tábua fina de madeira, e espera pelo sinal.

O sinal é claro, o sinal do momento certo. O momento em que os homens estão mais assustados, o momento em que qualquer detalhe vai atrair totalmente suas atenções, o último momento antes que informem ao comando que algo está estranho. Ao ouvir a batida na porta traseira da caminhonete, é que Alexander arremessa a tábua por cima do veículo, fazendo-a cair à direita dos soldados, que, atraídos pelo barulho, se viram sincronizados e com armas em punho.

Com todos os soldados de costas para ele, Alexander pega a segunda faca no chão e avança para o combate. Primeiro ele se aproxima pelas costas do soldado mais à esquerda. A sola de sua pesada bota enlameada acerta a dobra do joelho por trás, de forma a dobrar o joelho do homem, fazendo-o cair ajoelhado. Junto com o chute, Alexander moveu seu braço, e, no instante em que o azarado soldado abaixou, a lâmina de Alexander se encravou na têmpora do combatente. Logo depois, Alexander dá um passo longo, se colocando entre os três inimigos, e, com apenas um movimento, a mesma faca que acabara de executar o primeiro soldado é projetada na direção da garganta do próximo inimigo. A lâmina rompe a lateral do pescoço, arrebenta a jugular e termina por destruir parte da traqueia, fazendo com que o sangue espirre em jatos assustadores, enquanto Alexander avança com o corpo ficando entre os dois soldados restantes.

O combatente a sua frente se vira ainda tentando assimilar a situação, e mal tem tempo de apontar o fuzil na direção de Alexander, quando um chute frontal, com a sola do coturno, o acerta na altura do peito com força suficiente para derrubá-lo. Logo em seguida, quando termina de pousar seu pé direito no chão, Alexander avança cravando por completo a lâmina da faca da mão esquerda na nuca do soldado mais à frente. Em um último movimento certo, Alexander atira a faca restante contra o soldado caído, acertando-a no olho de seu alvo. O único soldado ainda vivo, era o homem com a garganta cortada, que permanecia deitado tendo espasmos, enquanto soluçava, se afogando no próprio sangue, tentando inutilmente conter com as mãos o ferimento mortal, utilizando o resto de suas forças.

Alexander observa a tudo com indiferença e frieza, como um profissional que acabou de executar seu trabalho, e prossegue com sua tarefa. Apressadamente, ele recolhe as facas dos cadáveres, pega para si um dos fuzis, uma pistola e alguns cartuchos, verifica condições, trava e munição das armas, quando, por fim, retira os corpos da caçamba da caminhonete para que fique mais leve.

Havia menos de dois minutos que ele havia parado o veículo, o galpão em que ele estava tinha apenas uma saída, não havia nenhum caminho seguro até os tubos superiores de ventilação, de forma que uma escalada para ao teto iria demorar muito. Alexander sabe que o tempo agora está contra ele, e que se não sair logo, seu alvo vai saber que há algo de errado e vai enviar mais soldados para o galpão. E se sair sozinho simplesmente será um alvo fácil em campo aberto.

Ele passa cuidadosamente, em sua cabeça, tudo que observou até entrar no galpão. Seu alvo provavelmente estará na casa do comando. Há pelo menos dois atiradores no heliporto improvisado da casa, e agora esses atiradores estavam com suas miras fixas na única entrada do galpão. A casa ficava a cinquenta metros à esquerda da porta de saída, de forma que no extremo da casa é possível reconhecer a cozinha pela janela. Guardando a porta da frente há dois guardas com armas em punho e, com certeza, há mais soldados no interior da construção. O final da tarde nebulosa oferece pouca iluminação, e no segundo andar apenas uma das luzes está acesa, o que sugere onde seu alvo pode estar localizado, mas seria impossível passar pela segurança dos militares no primeiro andar, ou mesmo passar pela janela protegida com poderosas grades metálicas. No terraço, junto com os franco-atiradores, o helicóptero estava se preparando para partir, aproveitando a chuva que havia diminuído. Alexander sabia que a única coisa que seu alvo estava esperando era a oportunidade de exterminar, com as próprias mãos, o prisioneiro que ele julgava estar dominado, mas sabe que, ao menor sinal de ataque, o seu alvo vai rapidamente chegar ao terraço e fugir no helicóptero. – O terraço. – Conclui dizendo para si mesmo, com voz baixa, como quem tem uma grande ideia. Ele reforça o mapa do local na cabeça e, finalmente, sorri satisfeito: Ele tem um plano. – A hora de sutilezas já passou.

Alexander se dirige aos corpos jogados ao lado da caminhonete, retira três cadarços de boots, dois fuzis e cinco granadas. Em seguida manobra a caminhonete na direção da saída, amarra os cadarços nas granadas, deixando-as bem juntas. De um dos fuzis, retira a munição e aciona a trava, depois pisa fundo no acelerador e usa a arma de apoio entre o pedal e o banco, de forma que a caminhonete fique em aceleração constante.

O veículo parte, Alexander põe as cinco granadas amarradas sobre o colo e abaixa para não ser alvejado pelos tiros. Ao passar pela entrada do galpão, ele gira o volante bruscamente em direção à entrada da casa. Os atiradores no telhado e os guardas em frente à porta olham apreensivos quando o motor ronca, e assim que a caminhonete traça seu caminho em sua direção eles abrem fogo. As balas destroem o veículo, o vidro dianteiro some em segundos, o capo se transforma em uma

peneira e a frente da caminhonete praticamente já não existe. Alexander estaria morto se não estivesse abaixado. Ele espera, aguarda por poucos segundos, que parecem uma eternidade, domina o medo e a sensação de que a qualquer momento sua carne será dilacerada por uma bala. E ainda assim, espera o momento exato. Ele não pode olhar, mas pela velocidade da caminhonete sabe que está exatamente onde deveria estar. Ainda abaixado, abre a porta da caminhonete, coloca as granadas amarradas próximas ao acelerador e tira o pino da granada do meio. Logo em seguida salta em movimento, deixando o veículo ir em direção à entrada da casa, como uma bomba ambulante.

Alexander rola no chão protegendo a arma e o corpo, e, surpreendentemente, termina seu movimento agachado. Mal se estabiliza quando ouve a explosão. Num súbito movimento se levanta e segue, ignorando os ferimentos causados pelo rolamento. Ele destrava o fuzil enquanto corre a toda velocidade. As balas destruíram o motor do veículo, mas já estava perto demais para não chegar ao destino, as avarias destruiriam toda a parte dianteira, fazendo vazar o combustível, o que facilitou os planos de Alexander quando as granadas explodiram. A explosão deu-se assim que a caminhonete se chocou contra a porta principal. Os soldados da porta conseguiram evitar a colisão, mas não salvar suas vidas. A explosão fez a casa tremer por inteiro, atordoando os atiradores no terraço; jogando ambos para trás e forçando-os a recuar assustados, o que era a chance exata que Alexander procurava.

O tempo é curto, os atiradores no telhado ainda estão se recuperando da explosão, mas logo estarão novamente posicionados para retomar os disparos; e o alvo vai deixar o local a qualquer momento. Apesar de delicada, a situação ocorria exatamente como o planejado.

A única maneira de chegar ao terraço a tempo era escalando e a única proteção contra os inimigos do pátio era a fumaça do incêndio que se iniciou, uma vez que os soldados não correriam o risco de disparar às cegas contra a casa do comando.

Alexander corre em direção ao fogo e com um forte impulso dá dois passos na parede ao lado das chamas, agarrando, com dificuldade, a sacada do primeiro andar. Rapidamente usa a mão livre para se impulsionar para cima e segura na borda inferior da janela fechada, projetando-se mais ainda, e ficando de pé sobre a sacada. Ele dá alguns passos para o lado a fim de ficar bem acima do fogo, o calor infernal faz sua pele arder e o deixa tonto, mas não é o momento para perder as forças. Prende a respiração e para não se intoxicar com a densa fumaça negra, agacha levemente para pegar impulso e saltar para frente de outra janela, usa a

borda superior da grade que protege a janela para dar apoio para a mão, enquanto seu pé pressiona a haste de metal no meio da janela. Uma das mãos garante mais um pequeno impulso na parede; e com a ponta dos dedos da outra consegue agarrar o parapeito do terraço.

Seus olhos ardem e seus dedos quase cedem, mas ele projeta parte do corpo para cima do parapeito e, sem se expor completamente, puxa o fuzil destravado das costas e surpreende os inimigos no telhado. Apenas com uma mão e pouca visibilidade, descarrega completamente a arma contra os homens, que revidam, assustados com o ataque onde eles não esperavam. O soldado da esquerda recebe quatro tiros, sendo o primeiro na coxa, dois no quadril e o quarto o atinge em cheio no queixo, destruindo seu maxilar e despedaçando sua nuca no ponto onde a bala sai. A pouca visibilidade lhe tira precisão, sua posição protegida não lhe ajuda na mira, e a demora ao abater o segundo atirador tem seu preço. A troca de tiros foi rápida, Alexander poderia comemorar ao ver o tronco do soldado tremendo enquanto buracos se abrem e jorram sangue, se não fosse a agonizante dor e o calafrio que percorreram seu corpo. O braço direito fica completamente mole e o fuzil em sua mão cai sobre a caminhonete em chamas, Alexander não tem tempo para sentir a própria dor enquanto se joga por cima do parapeito do terraço e rola em segurança para cima da construção. A bala do fuzil o atingiu de raspão no braço direito, mas o estrago fora suficiente para deixar um corte profundo que sangra abundantemente. No telhado há apenas o helicóptero e uma cabine com a saída da escada, do outro lado da construção, e uma caixa d'água na parte da frente, onde Alexander se esconde e a usa de abrigo. Alexander utiliza a faca para cortar um pedaço de sua camisa e o amarra com força sobre a ferida para diminuir o sangramento. Passado o choque, ele saca a pistola e movimenta o braço ferido, agora já retomando seus movimentos apesar da dor. Espera muito pouco, até que seu alvo morde a isca e surge junto de quatro guarda costas. Esses são diferentes de quaisquer soldados. Eles utilizam roupas de combate completamente negras, com coletes mais finos, mais leves, mais resistentes e portando modernas M16 adaptadas. O alvo segue correndo no meio e os seguranças cercando-o e impedindo que Alexander atire diretamente. Alexander se esgueira para o lado de sua cobertura e com uma precisão mortal põe uma bala na testa do homem que está na retaguarda. Ele baleou o que estava mais atrás para desencorajar os outros a voltarem. Agora era o helicóptero ou nada. A única opção do alvo era a dada por seu assassino. Os outros três seguranças revidam enquanto o alvo corre para se salvar. Mais um minuto e ele poderia ter tido tempo de tomar o helicóptero e surpreender seu alvo. Se não tivesse levado o tiro, se não tivesse gastado tempo

com o torniquete, se tivesse sido mais rápido... Mas agora sua tarefa estava se tornando cada vez mais complicada.

Os inimigos mantêm Alexander acuado em seu refúgio enquanto abrem fogo. Eles atiram sincronizados, de forma que sempre há um dos dois disparando para que o assassino não tenha espaço para agir e que não fiquem ambos sem munição. Alexander lamenta não ter guardado uma das granadas e revida baleando um soldado no ombro e na cabeça.

O tempo se esgotou e a única maneira de atingir seu objetivo é arriscando tudo ou nada. Ele para de atirar, rapidamente confere a munição, e verifica que tem quatro balas apenas. Pega a faca com a mão esquerda e já prepara a faca reserva na mesma mão que segura a pistola. Uma pistola pode ser mais letal, mas sua pontaria com facas é a maior das suas habilidades. O piloto está prestes a partir e Alexander sabe que é o último momento para cumprir sua missão. Os soldados continuam disparando de forma revezada e, pela conta de Alexander, seriam mais quatro tiros até que um deles recarregue seu fuzil e o outro comece os disparos, e no exato momento do quarto tiro, ele surge em uma perigosa investida. Alexander se impulsiona para frente disparando, enquanto corre em direção a seus inimigos. As quatro balas restantes na pistola são suficientes para atingir o inimigo que iria começar os disparos, duas das balas atingem o poderoso colete, mas uma delas perfura dolorosamente seu joelho e a outra acerta no nariz, arrancando sua vida e fazendo seu corpo cair inerte ao chão. A faca em sua mão esquerda voa perfeitamente na cabeça do soldado que acabara de recarregar sua arma, e, por questões de segundos, seu dedo foi impedido de puxar o gatilho, mas ainda assim o helicóptero levanta voo e Alexander corre em sua direção com apenas mais uma faca em punho. É um ataque improvável, quase impossível, o ângulo é ruim, mas mesmo assim Alexander mira, e, com frieza, faz o arremesso.

A chuva poderia ter desviado a faca, mas não desviou. O vento forte causado pelas hélices o atrapalhava e a distância era muita, mas a mira fora perfeita e, contra todas as possibilidades, Alexander cravou a lâmina na cabeça de seu alvo enquanto o helicóptero levava para longe o que, agora, seria um cadáver. Alexander sorriu orgulhoso de si. – Está feito. – Diz a si mesmo. Mas não era tempo de comemorar vitória, era tempo de sobreviver.

As lembranças começam ficar confusas e um turbilhão de imagens sem sentido, inunda a cabeça de Alexander. Todas rápidas e nenhuma coesa, mas a última memória a presentear sua mente é clara e bem curta. Alexander se vê em um lugar estranho e peculiar, uma sala bem escura e úmida o local é feito de pedra,

lembrando uma caverna. Ele entra a passos lentos, carregando em mãos um livro feito com uma espécie de couro e repleto de figuras diabolicamente distorcidas em sua capa; quando avista dois homens. Um forte cheiro de incenso enjoativo o incomoda, assim como o eco dos barulhos de goteira, que estão presentes por todo o lugar. Seu ombro enfaixado ainda dói, devido ao tiro que havia levado na cobertura. Ele para ao lado da única mesa do lugar, empoeirada pelas escavações e com a madeira já apodrecida pela umidade. Um dos homens está abaixado verificando algo escrito no chão, feito com uma espécie de tinta negra, que quase não é visível na escura pedra que forma o piso. Ele usa um manto escuro, como o de um monge e mantém a cabeça coberta por um capuz. O outro tem cabelos grisalhos e está de costas para Alexander, analisando um desenho, desenho esse, muito parecido com a figura grotesca na capa do livro. As figuras formam um círculo e em seu centro há um portal enorme, com cerca de dois metros de altura; e no centro do portal há o desenho de um grande baú. O homem grisalho de pé, bastante magro e usa um grande casaco para se proteger do frio; e é ainda mais alto que Alexander, o que é algo impressionante, pois Alexander tem quase dois metros de altura. Ainda de costas ele diz com voz arrastada: - E Então?

- Está feito – Responde Alexander, colocando o estranho livro sobre a mesa atrás do homem.

- Muito bem, meu filho, estou muito orgulhoso de você. – Continua com a mesma voz arrastada. – E o alvo?

- O alvo está morto.

Mas não estava. Alexander sente a garganta secar e começa a entender que o seu problema era pior do que ele podia cogitar. O seu antigo alvo estava agora de pé à sua frente. A enorme e profunda cicatriz na bochecha esquerda, que se estende até a base do ouvido, mostra o estrago causado pela faca que ele havia arremessado. Que havia atingido o alvo em cheio, e poderia ter matado qualquer um, mas não o matou.

Alexander não sabia o porquê de ele estar vivo, mas sabia que aquele homem tinha motivos suficientes para se vingar. Começou a se perguntar se não se trata apenas de pura vingança, sem questão alguma a ser respondida. Agora estava supondo que a pessoa da qual o ruivo perguntava era aquele misterioso homem alto e grisalho que recebera o livro e, aparentemente, tinha encomendado a morte de seu atual sequestrador. Aquele homem alto e misterioso dentro da caverna. Aquele homem que, ao que tudo indicava, era seu pai. Ainda assim, ele nada sabe, e tem

consciência de que “eu não sei do que você está falando”, não vai ser uma resposta válida. Assim como inventar uma mentira para ganhar tempo pode virar um grande tiro pela culatra. Apelar para sua falta de memória é tudo que pode tentar.

- Ele quem? – Pergunta Alexander.

O homem parece se enfurecer com a resposta e Jennifer aperta os olhos chorando baixo e mordendo os lábios para tentar não fazer barulho.

- Como assim ele quem?

- Como assim ele quem?! De quem você está falando? – Repete Alexander com força.

- Alexander, Alexander... Acha mesmo inteligente fazer esses joguinhos a essa altura? Fiquei realmente intrigado quando você não esboçou reação ao me ver, me impressiona sua habilidade de ser frio, mas seus olhos te traíram – Ele diz apontando para a cicatriz, que Alexander observava com surpresa. – Era uma tacada impossível, mas você fez. Uma vez acertando, parecia impossível eu ter sobrevivido, mas sobrevivi. O acaso é lindo, não é?! – Diz com uma expressão assustadoramente feliz. – Você não sabe pelo que eu passei depois daquele dia, e agora estamos aqui. Não é engraçado? Eu amo ironias e a vida é a maior ironia de todas. Você conhece a teoria do caos, senhor Alexander? – Pergunta como se estivesse numa conversa causal.

- Não. – Responde Alexander perplexo e confuso, com o estranho rumo do assunto.

- Meu Deus, Alexander! - Diz o homem de terno fino, com expressão desapontada, enquanto suspende a bengala com uma de suas mãos e coloca a outra na cabeça, apertando seus cabelos ruivos e deixando-os levemente desarrumados. O que dá a ele, uma leve expressão de loucura quando somado a seus olhos arregalados. – Pois bem, por onde começo? – Parece falar sozinho, enquanto leva ao queixo seus dedos finos e fita o chão por alguns segundos. – Resumindo, e poupando explicações científicas, a teoria do caos é o resumo de tudo que o homem teme. É o acaso, é a desordem e a aleatoriedade. As pessoas odeiam ordens e temem a desordem, senhor Alexander. Consegue compreender a grandeza disso? Elas vão a igrejas e templos, na esperança de que encontrem algum sentido para suas vidas medíocres, algum sentido para estar aqui. Agarram-se desesperadamente à ideia de que existe algo após a morte e que tudo tem um significado, um grande

planejamento ou algo assim. Aceitam verdades absurdas sem questionar, e isso é fruto da busca de um simples consolo, a segurança de acreditar que não estão entregues ao acaso, pois o acaso é algo terrível. Imagine, senhor Alexander, se nada tivesse uma explicação. Imagine que a vida não tem um sentido, que assim que morrer, o que eu espero que não aconteça essa noite, você simplesmente deixe de existir. Imagine que não há um Deus ou força superior, que para o mundo não faz diferença nenhuma se você é bom, mal, honesto ou não. Imagine que algumas pessoas simplesmente têm sorte e outras azar, umas nascem ricas e outras pobres, umas são molestadas pelos pais e outras criadas com amor, uns nascem aleijados e sofrem a vida inteira enquanto outros nascem saudáveis. – Em uma breve pausa, ele suspira como se estivesse declamando um poema de amor. – Ah, a justiça! As pessoas adoram atribuir características humanas para tudo. A justiça só existe para quem a criou. Pessoas são injustas, não a vida, não o mundo, não um cachorro. Você não diz que um cachorro é injusto se ele pega a comida de outro, mas diz que a vida é injusta quando essa não atende suas expectativas. O mundo é apenas o mundo, senhor Alexander. Imagine que nada disso tem um sentido ou motivo. É cruel, não é? A vida é simplesmente injusta, para os padrões humanos, e não existe nenhuma força divina para compensar isso. Não existe o peso que equilibra a balança, somos governados pelo acaso, e isso é assustador. E falando em acaso... Por acaso eu sobrevivi e, contra todas as possibilidades, estou aqui. – Diz enquanto abre os braços e se entrega a uma enorme e cruel gargalhada. - Eu amo ironias, senhor Alexander. E a vida é a maior ironia de todas.

O mal estar de Alexander aumenta, seu coração bate acelerando descontrolado e seu corpo começa a ficar dormente. O suor escorre lentamente da testa, passando por seus olhos e fazendo arder a enorme ferida em seu rosto. A dificuldade em respirar lhe deixa tonto; e apenas tenta não se concentrar na dor intensa e constante que faz seu corpo latejar, enquanto permanece olhando inexpressivo para o homem de terno.

- Por favor, Alexander, não me faça pensar que estou jogando pérolas aos porcos. – Nesse momento ele dá uma leve pancada com a bengala na testa de Alexander, que geme de dor e trinca os dentes de raiva. – Tem alguém aí dentro? Começo a me perguntar se não superestimeei a sua inteligência. Deveria exercitar mais o cérebro. Você gosta de sudoku, senhor Alexander?

- Não. – Responde Alexander seco e impaciente.

- Não me olhe assim. Estou dando dicas para você poder...

- Se você veio até mim e sabe meu nome, seja lá quem você for, então também sabe o que me aconteceu. - Diz Alexander cortando a conversa inútil. – E sabe que não tenho a resposta que procura, que eu não tenho resposta alguma. O que tenho são apenas mais perguntas, perguntas que faço questão de abandonar se me deixar em paz.

O homem apenas observa por alguns segundos com olhar extremamente raivoso, quando, então, trinca os dentes e acerta com força a bengala novamente em Alexander, dessa vez no rosto. A dor é horrenda e ele sente que um dente se quebra, no fundo de sua boca. A violência do golpe faz sua cabeça balançar e pender para frente, enquanto o sangue escorre de sua boca e forma uma pequena poça rubra no chão.

- Não me interrompa, senhor Alexander, eu posso considerar isso como falta de educação, e não gosto de pessoas mal-educadas. – Diz o ruivo enquanto passa a mão no cabelo para reparar a arrumação e, logo em seguida, acerta a gravata, ficando com aspecto ainda mais polido. – Mas vamos direto ao ponto, como você prefere. Os caipiras podem ter acreditado no seu teatro, eu não. Você tem uma informação que está em algum lugar aí dentro da sua cabeça quase oca, uma informação que me é muito útil, e eu vou tê-la. Nem que pra isso seja necessário literalmente abri-la. – Completa, enquanto encosta, sem força, a bengala na cabeça de Alexander. - Sou um homem muito generoso, senhor Alexander, e, apesar de nunca termos tido tempo de nos conhecer, a ponto de descobrir qualquer ponto positivo um no outro, saiba que tenho muitas qualidades. Nunca fui rancoroso e estou disposto a te perdoar por tudo que me fez! Estou disposto a esquecer de nosso mal entendido e deixar que viva sua medíocre vida de caipira com sua esposa. Mas, para poder te ajudar, preciso que você me ajude. Consegue entender que isso é uma troca, senhor Alexander? Portanto não abuse de minha generosidade. Você não vai gostar nem um pouco do que pode acontecer quando ela acabar. Se isso acontecer, eu lhe prometo que vou fazer o inferno parecer uma casa de praia onde você passa férias relaxantes.

Alexander mais uma vez força sua memória para além de suas forças, mas nada acontece. Desesperadamente vasculha sua mente atrás do misterioso homem que encontrara na caverna, qualquer lembrança... Mas nada vem à sua mente. Alexander se debate desconsolado, enquanto geme de angústia.

- Você sabe tocar violão, senhor Alexander? – Pergunta o homem com expressão curiosa, enquanto levanta uma das sobrancelhas e descansa ambas as mãos na luxuosa bengala.

- O quê?! – Pergunta Alexander indignado.

- Violão, Senhor Alexander. Instrumento acústico de seis cordas, geralmente feito de madeira. Quando bem tocado, é capaz de produzir melodias maravilhosas.

- Não. – Responde Alexander mais uma, perplexo. – E o que isso tem a ver com a porra do assunto?! – Indaga, aumentando a força na voz, já não se importando com o castigo que, por ventura, possa vir como fruto de sua impaciência.

- Motivação, senhor Alexander, motivação! – Responde o homem enquanto ri suavemente, e estica a mão esquerda espalmada em direção a seu prisioneiro. – É uma pergunta sobre motivação. Veja bem, se me perguntam se sei tocar violão, a resposta será obviamente negativa, porque eu não sei. Mas se quatro homens bem motivados, com barras de ferro, me fazem essa pergunta, sedentos por uma boa harmonia, rapidamente eu tocara qualquer melodia que mandassem. Tudo na vida é questão de motivação. Tudo é necessidade. O ser humano é extremamente adaptável, senhor Alexander, e eu acho que o que te falta é a motivação correta. E, por sorte, esse é um problema de fácil solução. – Diz enquanto pousa tranquilamente as duas mãos sobre a bengala, e olha satisfeito para Alexander. – Motivação, hoje, não vai te faltar.

- Eu já disse que não sei de nada! – Berra Alexander desesperado, um grito grave, rasgado e agressivo, mas, no fundo, é quase um pedido de misericórdia. – Se eu soubesse de qualquer coisa, já teria dito! Eu queria lembrar qualquer coisa para poder te dar todas as respostas. Não tenho motivo nenhum para guardar qualquer coisa, mas eu não me lembro de nada!

- Mas ele já falou que... - Jennifer tenta desesperada interceder por Alexander, mas o ruivo se vira com fúria nos olhos e corta suas palavras.

- Eu não quero saber! - Grita o homem olhando para ela. Logo em seguida ele enfia a ponta da bengala na boca da mulher para que ela se cale. Olha maliciosamente para Alexander enquanto enfia mais a bengala na boca de Jennifer, até chegar à garganta, então puxa vagarosamente em movimentos de vai e vem. A moça engasga e se debate desesperadamente, mas um dos capangas mantém sua cabeça parada.

- Seu doente! – Grita Alexander. – Para com essa porra! Agora!

Depois de empurrar a ponta da bengala até a garganta de Jennifer mais uma vez, o homem retira-a babada de dentro da boca da moça, que tosse, desesperada por ar, e respira ofegante, enquanto a saliva escorre de sua boca e se mistura com as lágrimas que não param de escorrer de seus olhos, que ela faz questão de manter fechados.

- Mandei que ficasse calada. – Diz ele calmamente enquanto se vira para Alexander. – Tentei lhe dar a opção fácil, onde todos ficam felizes. A opção da conversa e da diplomacia, mas você preferiu a outra. – Continua em tom raivoso, fitando Alexander. – E você parece caçoar de minha benevolência. – Alexander nota um rápido sorriso sarcástico no canto de sua boca enquanto ele continua. – As pessoas são complexas e entendê-las é uma tarefa quase impossível. Queremos sempre soluções fáceis para nossos problemas, mas fazemos as coisas das formas mais difíceis e depois reclamamos da vida. – Fala como se olhasse para o vazio, para algum lugar muito distante dali. – Pondere bem o que tem a perder, senhor Alexander, é meu conselho.

O silêncio no galpão é constrangedor. Os capangas observam o diálogo, quietos. Jennifer chora calada e Alexander apenas olha para seu inimigo. O Homem encara o olhar furioso de Alexander por alguns segundos, depois subitamente se vira e retorna andando para o carro, quando diz a seu capanga careca:

- Já sabe as ordens. – Diz com um estranho ar de satisfação.

- Sim Senhor.

Jennifer morde a mão que cala sua boca e grita, tentando apelar para uma última suplica em nome dela e do marido. Implora com tudo que pode, até que um pesado tapa lhe cala.

O homem careca e troncudo se dirige a Alexander, e permanece calado por alguns instantes, então finalmente diz: - Eu tenho ordens de só sair daqui com as respostas que quero. Esse lugar fede, o clima é uma droga e tenho coisas mais interessantes para fazer. Você pode resolver tudo isso agora, ou nós podemos passar alguns dias aqui.

- Eu não tenho as suas respostas. – Diz Alexander desconsolado.

- Não me importo. – Responde o homem se contradizendo, enquanto levanta bruscamente. Depois se dirige para a mesa com os instrumentos de tortura. – Na

verdade, os gritos me divertem, e espero que vocês gritem bem alto. Isso faz valer o serviço. – Termina com um infame sorriso enquanto, ainda de costas, apenas vira a cabeça fitando Alexander com o canto dos olhos.

Nesse momento Alexander entendeu que estavam sozinhos, no meio do nada. Um maldito galpão isolado no meio do mato, onde poderia haver gritos, tiros, pedidos ou qualquer barulho, mas eles estavam sozinhos. Podiam tentar chamar atenção, mas estavam sozinhos, pois o som da chuva abafava qualquer barulho. Embora a propriedade, distante de toda civilização, não deixasse qualquer preocupação. Não adiantariam orações ou súplicas. Eram apenas Alexander e eles. Estava entregue à própria sorte.

Capítulo 4 - A Verdade Dói

Os capangas esperam a enorme porta se fechar, após a Mercedes partir, para enfim continuarem seu trabalho. Jennifer chora copiosamente em meio a soluços, diante da crueldade e indiferença dos homens que os interrogavam.

- Então ‘ce num vai’ falar o que a gente quer mesmo? – Pergunta o homem negro dessa vez, com voz esganiçada, descendo lentamente sua cabeça e parando a boca bem ao lado do ouvido de Alexander, enquanto apoia ambas as mãos na cadeira em que seu refém está amarrado.

Antes que qualquer resposta pudesse ser emitida, sua cadeira é violentamente empurrada para frente, fazendo seus joelhos arrastarem na terra, e sua testa chocar-se contra o chão, formando um grande corte que cria uma pequena poça de sangue no chão. O homem analisa o ferimento na maçã do rosto, feito anteriormente pelo soco inglês, e se agacha ao lado do corpo ferido e largado. Em seguida, ele enfia o dedo no buraco aberto, até conseguir tocar o osso exposto, enquanto Alexander grita de dor.

O homem negro se levanta rindo e, junto do careca, começam uma sequência de chutes nas costelas de Alexander, até terem certeza de que algumas foram quebradas. Mesmo com toda a dor e agonia, assim que cessam os incansáveis pontapés, Alexander se esforça para virar. Mas apenas levanta a cabeça, com os fios louros de cabelo grudados no rosto pelo sangue, e então olha para Jennifer com um olhar profundo, enquanto balbucia alguma coisa.

- O que você disse? – Grita o careca com expressão surpresa.

- Lembranças – Responde Alexander com dificuldade e voz extremamente baixa, após cuspir uma impressionante quantidade de sangue. Mas ainda assim ele consegue manter os olhos vidrados em sua esposa enquanto fala.

- O quê? – Pergunta o careca elevando mais ainda o tom de voz.

- Lembranças. Eu disse lembranças. – Repete Alexander, agora em tom mais audível, enquanto se vira e fita seu sequestrador com os olhos levantados

- Quer dizer que agora está se lembrando?

- Não falei com você, careca estúpido – Responde Alexander, em claro deboche, concluindo a frase com uma torta gargalhada, terminada em tosse com sangue. O que faz seus sequestradores retomarem a sequência de chutes. Dessa vez, mais raivosos do que antes.

Mas seu recado já havia sido dado, e nessa hora Jennifer entendeu muito bem do que se tratava a frase do marido. Ele não estava falando das lembranças que estavam sendo cobradas ou de qualquer informação que os sequestradores queriam. Naquele momento, ela soube exatamente a lembrança que se passava na cabeça de Alexander.

O dia está quente, e quente demais até mesmo para um verão, e o clima árido não ajuda a melhorar a sensação de calor. A terra dura e laranja, arde com seu solo rachado pela cidade pouco asfaltada com simples casas de madeira. O vento fraco mal consegue levantar a poeira acumulada no chão e as poucas e valiosas sombras vêm de grandes cactos espinhosos ou das construções. A pequena LongVille deve ter pouco mais de dez mil habitantes, apesar de ser uma cidade bem extensa, devido às inúmeras fazendas na região. No centro da cidade há o que chega mais perto de ser uma comunidade. Muitos dos moradores têm suas casas nas propriedades onde trabalham, mas a maior concentração de residências está no centro, onde se encontra algum comércio. Os poucos minimercados, padarias e açougues são abastecidos pelas produções locais. O prefeito é o mesmo há anos, assim como o xerife, o padre, os vizinhos problemáticos e tudo mais.

Assim como tudo na cidade, o único e simples hospital da pequena e a pacata LongVille está em mais um dia comum. O lugar foi construído por Jonas S. Carlin, avô do Bernard S. Carlin, o principal médico da cidade e dono do lugar. Jonas Carlin deu o Hospital de presente para seu filho Adam quando ele se formou com honras em medicina, e, desde então, a família cuida da saúde de LongVille de forma satisfatória e compromissada para a sorte de todos. O hospital não é grande, um prédio antigo de dois andares que em setenta anos passou por apenas duas reformas, para estar preparado a receber equipamentos um pouco mais modernos. Duas grandes portas bem trabalhadas de madeira avermelhada e vidro dão acesso a recepção do lugar, um aposento espaçoso que possui dois sofás cor de creme encostados à parede esquerda e meia dúzia de cadeiras estofadas para acomodar

quem está na espera. Um balcão bem decorado fica do lado oposto da sala, balcão, que conta com a simpática Dona Ruth, recepcionista do hospital há mais de quarenta anos. Seguindo a porta ao lado direito do balcão da recepção há um corredor onde fica o consultório do Dr. Carlin, um consultório extra, uma sala para os enfermeiros e uma sala de cirurgias para emergências. Raramente ocorrem cirurgias no hospital, mas há casos em que não é possível esperar a transferência; e, nesses raros casos, o Dr. Carlin prontamente faz o que for possível para salvar seu paciente.

Com poucos funcionários, o lugar consegue suprir suas demandas. A maioria dos pacientes são trabalhadores do campo, vítimas de algum acidente trivial, onde se recusaram a procurar tratamento médico até que o problema tivesse piorado o suficiente para dar preocupações um pouco mais sérias. O único enfermo de hoje fora o pequeno Brian, uma linda criança bastante magra com um sorriso cativante que teve diarreia por beber um leite que passou tempo demais fora da geladeira.

Com exceção dos funcionários, a clínica tem apenas mais um frequentador bastante assíduo, Martin McDenner, o filho mais novo de Lawrence McDenner, o maior e mais rico fazendeiro da região. Martin é um jovem de aproximadamente vinte e cinco anos, bem-apessoado, com altura mediana, cabelos castanho claros e bem lisos penteados para trás. Ele está sempre com roupas elegantes e um sorriso no rosto. Com seu dinheiro, influência e carisma ele consegue tudo que quer, ou quase tudo. Todos os dias, Martin gasta incontáveis horas dentro do hospital conversando com a linda Jennifer. Ele luta por um amor não correspondido e procura insistentemente algum sinal, alguma chance, algum sorriso escondido ou mesmo qualquer coisa. Mas a doce menina parece não entregar seu coração a ninguém além de si mesma. Apesar de todo carinho que tem por Martin, ela o vê como um grande amigo e confiante. As más línguas dizem que o pai de Martin já cometeu todo tipo de crimes para construir o que tem, mas Jennifer simplesmente não se importa com nada disso, nem com as posses dele, com o que dizem do rapaz, ou mesmo com o que o pai dele possa ter feito. Ela apenas se importa com o que seu amigo realmente é, e conversa com ele normalmente, mantendo o limite da amizade e ignorando as investidas. A jovem se incomoda profundamente em partir o coração dele, mas já deixou bem claro que seus sentimentos por ele são apenas fraternos.

- ‘Cê’ sente falta dele, Jenny? – Pergunta Linda, a enfermeira gorda e velha que trabalha junto de Jennifer.

- Tem nada pra fazer aqui, né? Ele pelo menos tem sempre assunto e me traz uns chocolates gostosos que só!

- Num é dessa falta que eu ‘tô’ falando, menina! – Diz Linda rindo da colega de trabalho.

- Mas ‘num’ já falei que ele é meu amigo ‘uai’? ‘Ocês’ tem umas ideias... – Responde Jennifer ficando extremamente corada.

Linda apenas Ri e acaricia os cabelos de Jennifer.

- Um dia ‘ocê’ vai se arrepender de não dar uma chance ‘prum’ bom partido desse viu... Quando ele se encantar de outra moça, ‘cê’ vai ficar aí chorosa. - Ela olha pra porta. – Falando nele...

O barulho do motor do BMW de Martim é inconfundível. O Jovem estiloso sai do carro conversível e desfila até a entrada da clínica com um enorme buquê de rosas nas mãos. Jenny fica vermelha e cobre o rosto, tímida.

- As mais lindas flores para a mais linda flor. – Diz Martin fazendo um longo cumprimento, enquanto oferece as flores à Jennifer. E quando a moça risonha estica os braços para pegar, ele puxa o buque e diz rindo: - Essas têm uma condição!

- Ai meu Deus! E que condição, Martin? – Pergunta a menina também rindo, mas agora cruzando os braços e levantando uma de suas sobrancelhas.

- Essa. – Responde Martin enquanto retira do bolso um par de ingressos para a estreia de um filme romântico que Jennifer estava ansiosa para assistir. – Só se a bela garota aceitar sair comigo para o cinema!

- Bobo. – Ela diz, sem a menor cerimônia, puxando o caro arranjo de flores e cheirando-as.

- Aquele mané te deixou em paz?

- Acho que sim... Já faz umas semanas que ele não me procura.

- Já estava na hora de ele entender que vocês não têm mais nada, faz meses que terminaram e ele não te deixa em paz. Não sei o que deu em você para se envolver com aquele sujeito. Deveria ter me deixado dar uma lição nele.

- Acontece. – Diz Jennifer aborrecida com o assunto, e sabendo que Martin só lhe traria mais problemas caso fosse tirar quaisquer satisfações com seu ex. A menina achou que seria melhor permanecer calada.

- Enfim, deixe isso pra lá. Você podia sair mais cedo hoje, né? Falta apenas uma hora para acabar seu turno e a Linda já chegou.

- Acho que o dia está tranquilo mesmo. – Responde Jennifer dando de ombros.

- Te dou carona – Insiste ele quase conseguindo uma resposta positiva.

Mas a resposta de Jennifer nunca foi dada. A aparente calma e tranquilidade daquele dia pacato foi, repentinamente, interrompida pelo distante som das sirenes da ambulância chegando escoltada pelos carros de polícia, sendo o primeiro carro dirigido pessoalmente pelo velho xerife Daril. Linda correu para porta da recepção juntamente de Jennifer.

O veículo mal estaciona e os paramédicos prontamente descem às pressas, trazendo uma maca com um homem horivelmente ferido e ensanguentado. O doutor Carlin se dirige para a sala de cirurgia e chama as enfermeiras. O paciente está à beira da morte com três tiros que atingiram a altura do peito, traumatismo craniano, possível hemorragia interna, muitas contusões, e ossos quebrados. O simples fato de ele estar vivo é quase um milagre.

O ferido é um homem alto e corpulento, um metro e noventa e dois de altura, e pesando pouco mais de cem quilos. Tem algumas cicatrizes pelo corpo e seus músculos são muito bem definidos. Seus olhos são azuis claros e seus cabelos louros e lisos estavam na altura do queixo. Sua barba é cerrada e seu rosto bem rústico com uma cova no queixo. Ele está em coma e precisa de uma cirurgia urgente. O pequeno hospital não possui uma estrutura adequada para o caso, mas o tempo é curto e Dr. Carlin tem que agir rápido.

Aquela foi uma longa e complicada cirurgia. Por pouco uma das balas não acertou o coração. Mas os esforços geraram frutos; e, depois de duas semanas, o estranho desconhecido estava acordando do coma. O pequeno hospital estava movimentado, pois todos queriam ver quem era o misterioso sobrevivente.

Era uma segunda-feira quando Alexander acordou do coma. Começou como um espasmo, ele tremeu e sua mão se espalmou. Com força, agarrava os lençóis enquanto seu corpo se contraía. Linda estava ao seu lado trocando o soro que o

alimentava, e apenas conseguiu dar um passo para trás, recuando assustada. O corpo parou de se debater e, no instante seguinte, Alexander abriu os olhos. Apenas ficou parado olhando vidrado para o teto, ofegante e com expressão assustada.

Linda quase tropeçou no tapete branco, encardido e maltrapilho do quarto, tamanha fora sua euforia de chamar o Dr. Carlin. E novamente a clínica se tornou o maior assunto e passatempo da cidade. O xerife teve que aumentar a vigia do quarto para evitar curiosos de se aproximarem.

O novo inquilino de nada se lembrava, nem de onde vinha, o que fazia, ou o que tinha acontecido. A única memória que carregava era um nome: Alexander.

A recuperação de Alexander foi espantosa, em poucos dias depois de acordar do coma, seu quadro de saúde já apresentava uma melhora inacreditável. Jennifer havia saído de férias na semana anterior a que Alexander acordara. A menina mal soubera da volta do coma do paciente, pois estava fora da cidade viajando com a família. Como as notícias correm rápido em cidades pequenas, antes mesmo das férias acabarem ela estava ansiosa para voltar ao trabalho e saber quem era o estranho. Acordou mais cedo naquela quarta-feira, a ansiedade estava matando-a! Se maquiar para o trabalho sempre foi um costume de Jennifer, mas o cuidado e tempo dedicado a sua beleza naquele dia foram atípicos. Até então, ela apenas o tinha visto ensanguentado e depois coberto por gesso e ataduras. Assim como todos na cidade, a curiosidade falava mais alto em Jennifer e, às sete horas em ponto, ela estava na porta de seu trabalho.

- Bom dia, Linda! – Cumprimenta Jennifer com um enorme sorriso e tom de voz alto.

- Bom dia, bebê, como foi de férias? – Pergunta a enfermeira.

- Um pouco chato. Papai cisma de fazer aquelas viagens pra conversar sobre negócios e eu mesma não aproveito muito, mas é bom pra descansar, né? – Diz Jennifer dando os ombros.

- Chato, sei... Devia 'tá' é comendo as unhas todas, de curiosidade! – Linda completa agora sem segurar a gargalhada.

- Será? – Jennifer ri. – Só as da mão, até ontem.

- Hoje é você que fica com o bonitão. – Fala linda com uma piscada.

- E como ele é? – Pergunta Jennifer com riso fácil.

- Não fala muito e parece estar em outro planeta. Passa horas apenas observando a janela, mas ele é bem charmoso e simpático. Ô vozeirão grave e bonito, viu?! E parece que ele bateu a cabeça forte demais, o pobrezinho não se lembra de nada.

- Sêrio?

- Sim, a gente espera que ele recupere a memória, mas, de qualquer forma, 'num' vamos dar alta até o Xerife deixar. O Xerife tem certeza que alguma ele aprontou pra terem feito aquilo com ele. O Xerife 'tá' com pressentimento e ele não costuma errar.

Jennifer leva um susto. Até então a menina parecia ter simplesmente ignorado a origem dos ferimentos, como se, em sua inocência, ele apenas passasse a existir no momento em que entrara no hospital. Apenas nesse momento passou pela cabeça dela se questionar quem havia dado os tiros no sujeito. Quem havia espancado-o de forma tão cruel e brutal.

- Ele pode ser bandido, né?! – Pergunta Linda ao observar a perplexidade de Jennifer.

- Mas será? – Diz ela assustada, com medo de ficar em um quarto com um possível criminoso. Assassino, estuprador, psicopata, torturador, traficante... De tudo um pouco se passa na cabeça da menina.

- E o que você acha? Acharam o corpo no rio, deram surra até quebrar um monte de ossos, deram três tiros no peito e ainda bateram na cabeça dele com muita força. Ninguém toma uma coça dessa de graça, né, menina? O delegado acha que tentaram matar e jogaram o corpo no rio, mas ele sobreviveu por um milagre, ou, como diz o delegado, vaso ruim não quebra, viveu por que nem o diabo quis vir carregar a alma. – Afirma linda com os olhos arregalados, mas logo em seguida tampa a própria boca com a ponta dos dedos e faz rapidamente o sinal da cruz. – Mas larga de sê medrosa que o delegado colocô gente lá pra fica de olho nele, quando num 'tá' o Tobby 'tá' o Brad. E por como age 'desque' acordou, o sujeito até que me parece tranquilo. 'Tô' falando mais pra 'ocê' num se engraçar praquele lado ali não. É confusão. Ele é um tranquilo que só, já 'ta' ótimo e deve ter alta já já. O povo linguarudo da igreja anda dizendo aí que o tnhoso 'tá' com ele, e já outro povo diz que é Deus que 'tá'. A cidade só fala nisso, num aguento mais essa fofocada. Quem num ouviu boato, inventa algum só pra ter o que falar. Sorte tua

que tava fora, o povo ta achando que eu sô jornal pra fica dando notícia. – Desabafa Linda com expressão cansada e tom de voz revoltado.

- Ah, sai dae ou! Como se tu num gostasse de um assunto! – Brinca Jennifer já se sentindo mais aliviada.

- Se adiante logo menina. – Expulsa Linda tentando segurar o riso. – Daqui a pouco ele acorda. Esse moço come por três homens. Acho que o segredo da recuperação dele ‘tá’ na sustância. ‘Ocê’ vai ver quando chegar o café da manhã.

Jennifer se apressa e, mesmo com o aviso de sua companheira, prepara um simples café com maçãs, torradas, manteiga e um copo de leite morno. A menina abre a porta e entra no quarto ensolarado.

Alexander ainda dorme enquanto Toby o observa. O auxiliar do delegado carrega sempre uma expressão tranquila. Com pele morena e clara, cabeça raspada, baixinho e barrigudo, ele brinca de enrolar o farto bigode enquanto lê o jornal do dia.

- Dia, Toby. – Cumprimenta a moça de forma simpática.

- Dia, Jenny. – Responde o policial.

- Tem 'tado' tranquilo esse moço? – Pergunta ela observando Alexander cuidadosamente, enquanto começa a arrumar o café da manhã na bandeja.

- Até de mais, num fala muito, mas responde de boa vontade tudo que perguntam. Ele é direto e simples, num perturba e num arruma problema, mas não sei não.

- Num sabe o quê, 'homi'?! – Indaga a jovem rindo com um sorriso um pouco forçado. Apesar de conseguir fazer parecer natural.

- Num sei de nada, ora! – Diz ele rindo de Jennifer sem saber muito bem o que dizer. – O Xerife deve liberar o cara em pouco tempo. Não dá pra achar nada dele e num tinha documento. Esse cara é um fantasma, ‘tô’ achando que vai ter que tirar certidão de novo, mas eu simpatizei com o sujeito. Já o Xerife tem certeza que ele é encrenca, só não sabe o porquê. Pelo Xerife ele saia daqui pra cadeia, mas como num tem nada contra ele, num pode fazer isso. Quase ser assassinado ainda não é crime.

- 'Tendi. – Responde Jennifer enquanto serve a refeição na bancada ao lado da cama, e se vira para observar mais um pouco seu paciente.

‘- Assim ele nunca vai ter alta! Põe o 'homi' pra 'cumê' comida de 'verdade-sô'. Esse negócio não segura um touro desse tamanho não. – Diz Toby rindo e apontando para o prato com maçãs.

Alexander parece notar a conversa e, lentamente, se espreguiça esfregando os olhos. Jennifer repara, impressionada, os músculos de Alexander se contraindo, enquanto ele se espreguiça. Ele levanta a cabeça e protege seus olhos claros da luz, e é então que vê Jennifer. Ele a observa por alguns segundos, seus olhos estão vidrados e sua boca semiaberta, está maravilhado pela beleza de sua enfermeira, e a admira. Alexander desce os olhos para seu crachá e diz: - Jennifer. - Enquanto repara nos volumosos seios da moça. Ela instintivamente dá um passo para trás e cruza os braços na altura do peito para escondê-los. Seus olhos miram o chão e seu rosto cora de vergonha, enquanto seu coração acelera e ela permanece muda. Alexander apenas ri.

- Bom dia, Jennifer! – Diz com entusiasmo, sua voz é grossa e firme. Encantadora e gostosa de ouvir, bem como havia descrito Linda – E bom dia, Toby. – Completa com menos entusiasmo, ainda sem conseguir tirar os olhos de Jennifer.

- Dia, senhor. – Responde Toby indiferente, enquanto volta os olhos para o jornal.

- Dia. – Responde Jennifer ainda olhando para o chão. – O senhor não é daqui, né? Digo pelo sotaque de gente da cidade. – Continua a garota, falando estranhamente rápido para não gaguejar, como se quisesse dizer qualquer coisa para não ficar calada. O que a faz se sentir idiota, uma vez que sabia que o homem não se lembrava de onde vinha. O medo, excitação e timidez juntos, fazem a menina quase surtar. Sua vergonha agora é tão grande que sua vontade é simplesmente sumir, mas tudo que ela faz é permanecer parada como uma estátua enquanto seu coração acelera e seu estômago se embrulha de nervosismo.

- Acho que não. – Diz Alexander achando engraçada a reação da enfermeira enquanto faz uma expressão embaraçada.

Alguns segundos de silêncio tomam conta do quarto. O único som capaz de ser ouvido é o dos pássaros cantando livremente fora do quarto, quando Jennifer

parece, finalmente, tomar coragem e fôlego para dizer alguma coisa. – ‘Tá’ aqui o café da manhã. – Fala repentinamente, enquanto aponta com energia para as maçãs, e rapidamente se dirige para a porta. – Se precisar de algo, fala para o Toby me chamar. – Diz tão rápido que suas palavras embolam.

- O que tem de beleza tem de loucura. – Fala Alexander quase gargalhando da vergonha da moça. – Mas é claro que vou chamar. – Completa admirando a menina.

Jennifer estranhamente se irrita com a frase e se vira para Alexander. Ela olha-o séria, com olhar de reprovação, como se tentasse desafiá-lo, e preparada para lhe dar um sermão, sem nem mesmo entender direito o porquê de ter se irritado tanto. Mas ele continua rindo indiferente e Jennifer nunca ouvira uma risada tão gostosa quanto aquela. Nem uma palavra consegue sair de sua boca, o dedo levantado e a pose dura da mulher acabam em poucos segundos ao ser completamente ignorada, e pouco tempo depois os três riem juntos no quarto, diante da situação.

- Já volto. – Diz Jennifer, agora conseguindo olhar Alexander e se sentindo mais descontraída enquanto sai do quarto.

A garota corre afoita, quase se esquecendo que está em um hospital, e se dirige para o hall, onde geralmente Linda fica nas horas finais de seu turno. Linda apenas ri ao ver o estado eufórico da amiga.

- Menina, tu toma jeito.

- 'Ocê' ta falando do que, 'uai'? – Pergunta Jennifer, prontamente, recuperando rapidamente a compostura enquanto segura o riso.

- 'Cê' parece que vai voar.

- Só to feliz de volta pro trabalho, uai. Num posso? – Indaga desafiante enquanto completa. – O trabalho edifica o ser humano, ‘tá’ na bíblia, ‘tá’? – Finaliza com uma piscadinha antes de soltar mais uma risada boba.

- Não. – Responde Linda de forma ríspida. – Tu num esquece que esse sujeito pode ser bicho ruim. – E observa Jennifer emburrada por alguns instantes, e então se entrega a uma expressão carinhosamente materna. – Mas tu ta com um sorriso no rosto que dá gosto hein, 'fia'?! Isso não dá pra negar, e tu sabe que eu amo vê

‘ocê’ feliz desse jeito. E as bochechas ainda tão pra lá de coradas. Daria tudo pra ser uma mosquinha e ter visto sua cara lá no quarto.

Jennifer sorri e abraça a colega de trabalho.

- Ele é incrível. Aquele sorriso, aquela voz, aquele olhar... – Nesse instante ela fecha os olhos voando longe em sua própria imaginação. – Mas eu não vou me engraçar pro lado dele não. – Diz cabisbaixa. – ‘Você’ tá certa. Esse ‘homi’ vai ser problema. – Fala Jennifer mais para si mesma do que para linda.

- Tem que ‘toma’ cuidado, bebê. Sabe lá o que esse ‘homi’ pode fazer? ‘Num’ é à toa que tem um moço armado tomando conta dele. Mesmo que ele num seja ruim, a qualquer momento, quem tentou matar ele pode vir pra terminar o serviço, isso vai acontecer mais cedo ou mais tarde e ‘ocê’ não vai querer estar junto. Sem contar que vai ter alguém que vai morrer de ciúmes.

- Eu sei que é perigoso... E já falei que o Martin é só meu amigo. – Diz Jennifer dando de ombros. – Eu tenho medo de ele sofrer, sabe? Mas eu não posso deixar de fazer as minhas coisas pra ele não se machucar. Ele sabe muito bem que eu o vejo como um irmão. E se ele continua meu amigo é por que também se importa com minha amizade.

- As coisas não são tão simples, ‘fia’. Um dia ‘ocê’ vai entender isso. Tenho pena do coitadinho, mas se ‘ocê’ num gosta dele num adianta forçar, né?

- Me deixa volta lá que tenho que fazer as inspeções no paciente. – Diz Jennifer rindo um riso malicioso e ignorando todos os conselhos anteriores.

- Que trabalho difícil esse, hein? - Responde linda com olhar de reprovação, mas sorri logo em seguida.

Nos próximos dias, Jennifer cuidou atenciosamente de seu paciente e qualquer coisa era desculpa para ela entrar no quarto e passar alguns minutos em sua companhia. Tudo nele a encantava, até suas implicâncias, que por sinal eram muitas. Não era simplesmente pela aparência dele, talvez fosse o ar misterioso, talvez fosse a sensação de perigo que havia ao seu redor, ou talvez fosse simplesmente porque Alexander era o único homem que não mimasse ela por causa de sua beleza. Não fazia suas vontades e nem mesmo fazia o mínimo de esforço para ser agradável, apenas a tratava de forma normal como uma pessoa qualquer. Um homem sem memória não tem muitas histórias para contar, mas

ainda assim eles conversavam muito e os assuntos sempre rendiam. Às vezes Alexander passava horas apenas observando a moça falar, sem ouvir de fato uma única palavra que saía de sua boca. Ele apenas a observava e a desejava, sem fazer questão nenhuma de esconder isso. Jennifer se irritava frequentemente com Alexander que era muito bronco, às vezes grosso e não fazia rodeios para dizer claramente o que achava, ele não era de muitas palavras, mas tinha uma personalidade extremamente forte. Ela estava se apaixonando. Estava confusa e assustada, mas feliz!

Martin reclamava muito, mas Jennifer sempre dava uma desculpa, e era incapaz de dizer que apenas queria estar perto de Alexander. Apesar de repetir inúmeras vezes que não se importava, sentia-se mal por ter que quebrar o coração do amigo. As brigas com Martin se tornaram constantes, mas não havia muito que pudesse fazer, pois a felicidade dele dependia de ela abrir mão da própria felicidade. Jennifer frequentemente discutia com Alexander quando o assunto era Martin, mas as discussões eram hilárias e pareciam apenas acontecer por parte da menina. Ela se aborrecia quando Alexander falava que o problema do garoto era ser frouxo e que, se ele agisse como um homem de verdade, já teria conquistado Jennifer há muito tempo. Alexander por sua vez pouco se importava quando a menina esbravejava ao ouvi-lo falar as verdades sobre seu amigo. Mas mesmo com esses detalhes, era evidente que a moça estava feliz. Ela pensou que essa felicidade iria durar para sempre, até que apareceu o xerife.

Jennifer havia ignorado muitas coisas óbvias e sólidas como a mais dura das verdades: Alexander não podia ficar no hospital para sempre, e, como que um despertador arrancando a menina de seu doce sonho, ele teve alta.

Jennifer estava fazendo sua inspeção matinal quando ouviu a batida na porta do quarto. Ela estava terminando de guardar seu Esfigmomanômetro,^[3] quando se virou curiosa. Seu coração disparou e seu estomago embrulhou ao ver Toby de pé com os braços cruzados olhando para a porta por onde entrava o Xerife Daril. Passados quase quinze anos após o incidente com o pai de Jennifer, o Xerife Daril agora já não escondia a idade tão bem quanto antes. Os fios brancos dominam seu bigode e seu cabelo, que continua com o mesmo penteado escorrido para trás. Sua altura já não consegue mais disfarçar seu sobrepeso, e agora exibe uma barriga saltada que estica seu uniforme cor de creme e seu rosto começava a mostrar as rugas.

- É rapaz, 'num' conseguimos descobrir quem fez isso com 'ocê'. – Diz Daril a Alexander enquanto contrai os lábios, sério. – E não posso te deixar aqui pra sempre, nem te prender sem saber se você fez ou não por onde receber o que recebeu. Se quer um conselho, segue seu caminho, rapaz. Conversei com o Doutor, você não precisa pagar sua dívida com esse hospital, desde que deixe a cidade e nunca mais volte a pisar aqui. Essa cidade estava muito bem antes de você, e vai continuar melhor sem você. Deus te deu uma nova chance de vida, então aproveita ela, segue seu rumo e se cuida.

- Obrigado pelo conselho, Xerife, mas vou ver o que faço. Dei um custo para este hospital, um custo alto, e ninguém vai assumir minha dívida. – Ele diz sério enquanto olha o Xerife nos olhos, que mesmo sendo alto precisa levantar a cabeça para encarar Alexander. – E eu tenho assuntos na cidade que não me deixariam partir. – Completa enquanto fita Jennifer nos olhos. – De qualquer jeito, não se preocupe, pois não vou te dar dor de cabeça. – Completa Alexander, terminando de amarrar o tênis que havia ganhado. O frade da cidade fez uma pequena campanha para conseguir doações para o sobrevivente, mas era difícil conseguir roupas tão grandes, de forma que as únicas vestes que conseguira foram as que estava vestindo. Uma camisa preta velha, uma calça jeans apertada e um tênis rasgado, mas Alexander não se importava nem um pouco com a qualidade da vestimenta e parecia se sentir bem confortável com seus presentes. – Mas te adianto que não tenho tanta pressa quanto o senhor gostaria, e vou ficar aqui o tempo necessário. Quem sabe eu não goste da cidade e resolva ficar de vez? – Diz ele desafiando o Xerife, mas sem expressar desrespeito. O Xerife Daril sempre foi duro e muito respeitado, poucas pessoas o encaravam nos olhos como Alexander fez. O que irritou Daril.

O Xerife sabe que não há muito o que fazer para expulsar o estranho, pelo menos não pelo lado da lei. – Boa sorte então, que Deus o abençoe. – Responde amargo. – Você pode ser um problema maior do que imagina, garoto, e eu estou de olho em você. Se eu suspeitar que você vai machucar alguém ou trazer qualquer coisa de ruim para essa cidade, eu juro que vou colocar uma bala no meio da sua testa e não vai ter milagre que te salve de responder teus pecados perante Deus. – Diz ríspido e sai do quarto seguido por Toby, que vai em silêncio.

“Você pode ser um problema maior do que você imagina”, Alexander não imagina o quão amargas essas palavras serão no futuro, e no momento ele as trata com uma ignorante indiferença. Apenas se levanta e encara Jennifer, se aproximando da menina a ponto de ficar a menos de um palmo de distância. A

enfermeira nervosa somente consegue olhar para baixo com seus olhos cheios d'água. Alexander segura o queixo de Jennifer e levanta sua cabeça para que a moça possa olhar dentro de seus profundos olhos azuis. – Eu não vou a lugar algum. – Foram suas únicas palavras e, sem nem mesmo um beijo de despedida, ele deixa o quarto.

Alexander sai a passos largos. Ele que parecia sempre seguro e inabalável, agora está nervoso e ansioso. Não sabe o que tem lá fora, não sabia aonde ir ou o que buscar, ele simplesmente não conhece o mundo real. Passou horas planejando o que fazer quando saísse. Como ia encontrar as respostas que precisava e descobrir quem tentou matá-lo, mas agora que a hora havia chegado, tudo estava mais difícil do que deveria. Mas Alexander sabe bem esconder suas fraquezas de si mesmo.

Ele passa pelo hall onde está Martin, e logo atrás ele escuta os rápidos passos de Jennifer. Martin o olha com ressentimento e Jennifer, ao chegar, leva a mão à boca, apavorada com a ideia de nunca mais vê-lo. Alexander apenas para na porta sentindo o vento quente e árido enquanto olhava a rua. Ele Respira o ar empoeirado por alguns segundos e se vira para Jennifer.

- Realmente, você não vai se livrar de mim tão fácil. - Diz com um sorriso no canto do rosto e, apesar de Jennifer não notar a maldade nas palavras, essa frase foi mais para Martin do que pra ela.

- Aqui não tem lugar pra você! - Diz Martin enfurecido depois de tomar coragem suficiente. Ser filho de um dos homens mais poderosos da cidade às vezes lhe dá uma coragem que ele nem sempre tem. – E vou te avisar...

Martin não sabia, mas essas palavras eram o que Alexander queria ouvir. Ele apenas encara o garoto com expressão séria, olhando friamente no fundo de seus olhos, como se estivesse prestes a estrangular e quebrar seu pescoço a qualquer momento. Martin gagueja e mal consegue terminar sua frase. Ele luta para tentar manter os olhos fixos em seu rival e não abaixar a cabeça sob o olhar ameaçador de Alexander, um olhar que não mostrava se ele queria ou podia machucar Martin, mas sim que ele iria, com certeza, destruí-lo a qualquer momento. E a certeza de ser esmagado por aquele sujeito enorme tomou conta do jovem play boy. A única coisa que o impediu de sumir foi sua paixão e o orgulho de não se mostrar covarde na frente de sua amada. Mas ele fracassou miseravelmente, Martin não estava enganando ninguém. Jennifer, assustada com a situação, apenas olhava ambos com os olhos arregalados e boca aberta, como se quisesse dizer alguma coisa para apaziguar a tensão.

Apenas após ficar satisfeito em constranger e humilhar o garoto com apenas um olhar, Alexander abre um sorriso e dá uma grande gargalhada se divertindo com a situação. Ele realmente está se divertindo.

- Status só é importante pra quem se importa, e eu não 'tô' nem aí pra quem é seu papai. – Diz enquanto se aproxima do rapaz ainda com um sorriso divertido no rosto. – Mas relaxa, não vou arrumar confusão com ninguém. – Fala dando fortes tapas no ombro de Martin, que riu forçadamente, mas entendeu perfeitamente o recado.

- Seu monstro, para de assustar o coitado. – Jennifer responde dando um tapinha no braço Alexander, agora já se divertindo com a situação também, não enxergando ou não querendo enxergar a ameaça que Martin acabou de receber.

- Então. – Continua Alexander, segurando a mão de Jennifer. – Vou ficar aqui um tempo e vou arrumar um emprego e... – Ele perde por um momento as palavras. – E aí você vai ser minha. – Diz ainda sorrindo, ela estica os braços para dar-lhe um abraço, mas Alexander simplesmente dá as costas para ela, saindo sem olhar pra trás.

O silencio impera no hall de recepção da pequena clínica durante alguns momentos. Martin constrangido, enfurecido e com o coração partido fita a porta decepcionado.

- Qual o seu problema? - Indaga o rapaz se virando para Jennifer, ainda parada sem reação. – Qual o seu problema? - Martin repete a pergunta engrossando a voz, quase gritando, enquanto levanta os braços e batendo a palma da mão na própria perna. – Qual é o seu problema Jennifer?

A menina se vira lentamente e olha boquiaberta enquanto contrai as sobrancelhas devido ao tom de voz que o amigo usa.

- Você parece que só faz burrada. – Continua Martin vendo que conseguiu a atenção de Jennifer. – Devia ter aprendido da última vez que se envolveu com um babaca, e agora está aí encantada por esse brutamente marginal. Você acha que alguém ia fazer aquilo com uma pessoa de bem? Ele me ameaçou na sua frente e você simplesmente não liga? Você acha que alguém que te dá às costas, gosta de você? Ele só quer te usar! – Martin cospe as perguntas freneticamente enquanto toma ar e balança negativamente a cabeça. – Ele é só mais um idiota que vai fazer você sofrer enquanto come chocolate e reclama da vida, ele vai estar com outra

quando você vier no meu ombro chorar suas mágoas. – Continua furioso. – Você diz que quer um homem que te trate bem, que seja romântico, que seja companheiro e muito mais, só que no fundo busca um babaca pra te machucar, para que você possa se fazer de coitada depois. Você não tem vergonha na cara? Quem te dá valor, você não tá nem aí. Quem te ama de verdade e pode te fazer feliz, você deixa apenas na zona da amizade. Mas quem presta não é bom o suficiente pra você, não é? Quando quebram a sua cara é pra mim que você corre, porque eu sou bobo e quero seu bem, diferente desses merdas aí.

- O que você ‘tá’ falando, Martin? – Pergunta Jennifer com riso nervoso sem acreditar no que está ouvindo.

- Será que você não consegue pensar por um instante em tudo que eu faço e faria por você? Você é tão egoísta que não consegue pensar em mim por um minuto? Você me usa quando precisa de um amigo e tudo mais, e me joga de lado quando bem entende. – Continua revoltado, apoiando a mão na própria cintura confiante de que está falando tudo que a menina precisa ouvir, mas que nunca foi dito. – Eu te daria o mundo se você pedisse, eu só quero te fazer feliz, e ser feliz do seu lado. – Desabafa, agora já não conseguindo se mostrar forte e deixando as lágrimas escorrerem de seus olhos enquanto segura as mãos de Jennifer. – Deixa de ser burra, eu ‘tô’ aqui o tempo todo e você me ignora, pensa no meu lado uma vez pelo menos. Você não pode ser tão egoísta assim, e nem é burra pra não enxergar quem realmente vai te fazer sorrir e quem vai te fazer chorar no final disso tudo.

- Acabou? – Pergunta Jennifer furiosa, enquanto sacode os braços para se livrar das mãos de Martin. – Você quer saber qual é o seu problema? – Ela finalmente consegue soltar a mão dele e o encara no fundo dos olhos.

- Quero... – Responde Martin desconsolado sem realmente saber se quer ouvir ou não.

- O problema... O problema não é gostar de mim ou me tratar bem, não é ser amigo ou qualquer coisa assim, o problema é você não agir como homem! Babaquice não me atrainha, eu não gosto de sofrer, não gosto de pessoas mal educadas e dou valor pra quem gosta de mim, sim! – Martin, num momento de delírio, solta um sorriso com uma ponta de esperança. – Mas o que me atrainha é um homem de verdade, Martin. Esses babacas, como você diz, são homens, Martin. Coisa que você não consegue ser!

- Como não?! – Ele a corta, incrédulo. – Eu te amo e faço tudo por você! – Diz ele chorando ainda mais.

- Sim, e isso muitas vezes me irrita. Você faz tudo de acordo com a minha vontade, Martin. Quando eu estou triste, você também está. Você fica num desespero para me agradar, e quando eu quero algo que você não quer, você passa sempre por cima da sua vontade. Você se anula o tempo todo, e eu não quero alguém assim. Alguém sem personalidade, alguém que não parece existir se não for por mim. Já falei mil vezes pra você parar com essas coisas estúpidas, mas você continua. Me responde, de onde você tirou que alguém que se anula o tempo todo, é alguém interessante? Eu quero alguém que saiba o que quer, alguém decidido, alguém que me dê segurança e não um moleque que seja mais inseguro que eu. Eu quero alguém que faça planos comigo, e não alguém que fique com cara de bunda do meu lado, esperando o tempo todo que eu mande fazer isso ou aquilo. Você vive em função de mim, e isso é péssimo para nós dois. Você tem medo o tempo todo. Medo de eu não gostar de algo que você faz, medo de eu arranjar outra pessoa, medo de não ser suficiente. Você quer que eu me interesse por você, e joga fora tudo que tem de interessante, com medo de que algo em você não me agrade. Agora mesmo você está chorando como uma criança e me dizendo absurdos, só por que está sendo contrariado. Só por que sabe que eu estou interessada por um homem de verdade, que você não conseguiu intimidar usando o nome do seu pai. Você está tentando me machucar só por que está sofrendo por eu estar feliz com outra pessoa.

- Desculpa, não era isso que queria dizer. – Martin tenta se explicar apenas deixando as palavras vazias saltarem.

- Não, Martin, foi exatamente isso que você quis dizer. Eu me preocupo com você e tenho um enorme carinho por você. Eu sempre fui clara ao te dizer que te vejo como um irmão. Eu quero te ver bem, mas você só sabe agir como uma criança mimada e egoísta. Você sempre teve tudo que quis, e por isso nunca precisou crescer. Você fica me bajulando o tempo todo, querendo comprar meus sentimentos, me dando excesso de atenção e acaba me sufocando. Você não quer me ver feliz, você quer que eu fique com você estando feliz ou não. E nem ao menos tem coragem de assumir isso. Fica repetindo que só pensa no melhor pra mim, mas fica arrasado se eu me sinto bem com outra pessoa.

- Isso não é verdade. – Diz Martin, sem acreditar nas próprias palavras.

- Todo mundo tem defeitos, eu não sou perfeita e me irrita você ficar repetindo o tempo todo que sou, ao invés de ser sincero e, simplesmente, dizer algo que me contraria; ou que tem algo em mim que você não gosta. Você reclama de mim o tempo todo para os outros, se faz de pobre coitado, e não tem a decência de me dizer uma palavra. A minha amizade não significa nada pra você, nem meus sentimentos fraternos. Você quer ficar comigo e não se importa com mais nada; e ainda me diz que eu sou egoísta? O que eu deveria fazer? Ficar com alguém que não quero só pra satisfazer sua vontade?

- Não. – Responde Martin sem conseguir olhar para Jennifer.

- Você é engraçado e é uma ótima companhia, você cuida de mim quando eu preciso e me agrada passar o tempo com você, mas isso não é uma relação amorosa. Para haver uma relação, eu tenho que me atrair por você, o que simplesmente não dá pra fazer da maneira que você age. Eu só te vejo como amigo, porque eu quero me envolver com um homem. Me desculpa dizer isso, mas você é simplesmente frouxo e não sabe agir como um. – Desabafa Jennifer, quase que repetindo o que Alexander tanto falou pra ela. – Aquele que você chama de bandido, não por que acha que é, mas só pra ver se eu acredito e desisto dele, faz tudo que você não tem coragem de fazer. Ele me trata com carinho sem ser frouxo, ele me agrada sem se anular, ele me irrita e me desagrada muitas vezes, mas o mais importante é que ele nunca deixa de ser quem realmente é. Você acha mesmo que pode me fazer feliz se você não consegue nem fazer a si mesmo feliz? Sua felicidade depende de como eu te trato, e você ainda se pergunta por que eu não me interesso por você? Se você sabe que eu só quero ser sua amiga e você não quer minha amizade, então pelo menos seja homem de assumir isso. – Ela dá uma pausa esperando ele tomar coragem para olhá-la novamente nos olhos. – Tenho passado os últimos dias muito preocupada com você e com os seus sentimentos, mas você não se importa nem um pouco com os meus. Não precisa ser perfeito, Martin, apenas pare de agir como um moleque.

- Eu posso mudar.

- Pode e precisa, mas me esqueça. – Diz ela agora já com um pouco de pena do rapaz.

- Quem fala o que quer, ouve o que não quer. – Reponde ele, completamente arrasado, falando essa frase para si mesmo.

Martin se sentou e se encolheu, por alguns segundos, na cadeira, depois se levantou sem dizer uma palavra e, desnortado, saiu em prantos do hospital e nunca mais voltou.

O tempo passou. Alexander teve problemas, mas nenhuma dificuldade o parou. Sob muito esforço, ele se estabeleceu na cidade. O pai de Martin demandou algum esforço para que o estranho sobrevivente saísse da cidade, mas LongVille é uma cidade rural de terra fértil, e se alguém tiver força e vontade, esse trabalhador é bem-vindo no campo. No auge de sua audácia, ele pediu emprego na fazenda de Johan, padrasto de Jennifer, que aceitou o jovem com a condição de que ele só trabalharia quando Jennifer estivesse fora. De forma que Alexander trabalhava de manhã e à tarde na fazenda, e a noite tinha um segundo emprego em um bar da cidade. Jennifer pouco o via, e em geral estava sob a rigorosa vigia de Johan, que desaprovava o rapaz. Mas isso não impediu que o casal comesse a namorar. Por um tempo, a morada de Alexander foi um apertado cômodo na igreja, onde em troca de comida e moradia, ele fazia obras e concertos na igreja. Foi difícil, mas Alexander se mostrou um trabalhador honrado e conseguiu ganhar a confiança do sogro ao pedir ao pedir a mão de Jennifer. No mesmo ano eles casaram, ganharam terras das quais cuidaram com zelo e, desde então, se passaram cinco bons anos de muito trabalho e conquistas, e aquele era, provavelmente, o casal mais feliz que alguém podia encontrar.

As lembranças confortam Jennifer, mas apenas por alguns instantes, pois os gritos de seu marido a arrastam brutalmente de volta ao presente.

Alexander agora está desamarrado. Já sem forças para reagir, ele não apresenta mais perigo algum, mas as agressões apenas param quando Alexander, praticamente inconsciente, cospe no chão uma assustadora quantidade de sangue.

A tênue luz amarela dá um tom doentio ao escuro sangue que mancha a terra no chão, formando uma lama pegajosa. E as sombras que os cercam sinistramente, parecem reforçar a ideia de que nada pode lhes salvar. Depois de alguns minutos esperando Alexander se recompor, o homem careca faz sinal para os outros esperarem. Os únicos sons do lugar são o forte barulho de chuva, o choro de

Jennifer e a forte respiração de Alexander tentando não se afogar no próprio sangue.

- Ainda não se lembra de nada? Tem certeza? – Pergunta o careca.

- Não lembro! Nada além do meu primeiro nome! “Alexander” foi tudo que veio comigo, mais nada! – Geme Alexander. O esforço é absurdo, e sua dor física se mistura com a enorme pressão no peito. Talvez esteja enfartando, ele pensa; ou talvez seu esterno^[4] esteja quebrado. Seu peito parece pressionar seu coração e o ar lhe falta por completo. Tudo gira ao seu redor.

Em meio a seus gemidos, o homem careca pega a faca da mão de seu parceiro e agacha o olhando nos olhos de Alexander, e em um só movimento desce a grande lâmina na lateral do seu joelho. A arma penetra a patela, dilacera seus tendões, arrebenta sua cartilagem, até se afundar completamente. O berro é o maior que Alexander já havia soltado na vida. É possível ouvir o estalo quando a faca, uma vez já enfiada, agora é brutalmente torcida até que dilacere seu joelho por completo. Alexander agora é um inútil, e seu corpo simplesmente não é mais capaz de lhe obedecer.

O careca faz um sinal e um dos comparsas empurra Jennifer para o chão, ainda segurando o cabelo de sua nuca. A mulher não se entrega e luta, jogando seu corpo contra o do bandido. Ela ferozmente avança sobre o sequestrador e enterra suas unhas no braço do homem com toda força que possui e o sangue escorre, mas a força dele é muito superior à da moça. Ele usa sua mão livre para segurar o pescoço dela e o aperta, suspendendo-a, enquanto a enforca. Ela se debate por alguns segundos no ar, quando então o covarde marginal puxa-a para baixo de uma só vez, batendo a cabeça dela contra o chão até que não tenha mais forças para resistir. Mesmo solta, Jennifer fica largada no chão inerte.

Alexander, apesar de tudo, tenta se acalmar para se cobrar uma solução. Ele respira fundo da maneira que consegue, e olha ao seu redor, e, nesse momento, ele entende. Nessa hora Alexander nota algo que não havia notado até então. Alexander vê galões de gasolina na lateral do galpão, ao lado da palha. Ele nota os homens com a face descoberta, sem capuz e sem máscaras. Se fosse liberado, nada o impediria de caçar e matar um por um os seus algozes, pois vira até mesmo o rosto do homem que mandava nos outros, o homem que, no passado, ele havia tentado matar sem sucesso. A verdade é cruel e, naquele momento, ele entendeu que não havia preocupação com testemunhas ou sobreviventes, pois não haveria sobreviventes. Aquilo não era um sequestro e tampouco um interrogatório; era uma

vingança, uma execução. Alguém o queria morto, mas queriam ter certeza que nada restava em sua memória, que não levaria nada de relevante para o túmulo. O homem ruivo queria, mesmo que Alexander não lembrasse nada, esfregar sua vingança na sua cara, mostrar sua vitória, mostrar que havia sobrevivido e agora, estava ali para mostrar que a vida não passava de uma grande ironia. Sua mulher era uma garantia de que ele não ia tentar esconder nada, e era questão de tempo até que ela fosse estuprada na sua frente, e, enfim, eles terminariam o verdadeiro trabalho. A verdade é que ele havia condenado Jennifer a uma morte lenta e horrenda. Havia roubado dela a possibilidade de uma vida longa e feliz; e não havia nada que ele pudesse fazer com relação a isso. A verdade dói.

Capítulo 5 - A Lua Vermelha

Alexander está atônito, o homem careca se levanta e caminha em direção a Jennifer, que está caída de bruços e sem forças. Ele agacha ao lado dela e alisa seus cabelos. Sua mão desce pelas costas dela e percorre todo seu corpo. Ele monta sobre ela, cuidadosamente afasta seus cabelos para o lado, e então toca a lâmina da faca em sua nuca.

- Se você se mexer, morre. – Diz em tom curto, grosso e seco.

Jennifer apenas chora ao ouvir essa frase, mas está fraca e ferida demais para oferecer qualquer resistência. O careca desce a lâmina levemente pela coluna da moça até chegar a lombar, onde então passa o ferro frio da faca por dentro da parte de cima do pijama de Jennifer, e puxa, fazendo uma leve força de início, que rasca a ponta do tecido. Então percorre a lâmina subindo e cortando, até que o pijama saia completamente.

- Pare com isso. Eu digo o que vocês querem, eu conto tudo, mas para com isso! – Grunhe Alexander desesperado.

O careca sorri e olha para Alexander por alguns segundos. – Qual o nome dele, então? – Pergunta com ar cínico e debochado. A demora de Alexander para responder foi a própria resposta em si. – Não, Alexander, você não lembra. Você adoraria lembrar, mas não lembra. – Diz o careca com uma doentia satisfação enquanto volta sua atenção para Jennifer.

O bandido alisa as costas nuas e delicadas da bela e indefesa moça com a lâmina, e passa a ponta da faca para dentro de seu short, pressiona-a entre as duas nádegas e, em um movimento brusco, arranca a peça, deixando Jennifer completamente nua.

Alexander grita desesperado enquanto inutilmente se debate no chão. Ele fixa os olhos na cara de pavor de sua querida esposa, e a cada grito ela ganha um violento tapa no rosto, mas ainda assim não desiste de inutilmente implorar por misericórdia. Quando, então, o careca se cansa, agarra os cabelos de sua nuca e esfrega a cara da menina no chão, até que a pele se esfole e os grãos de areia ensanguentados se grudam na carne

exposta. Enquanto segura com força a cabeça de Jennifer contra o chão, o careca pressiona a outra mão por entre as coxas da mulher e se vira sorrindo para Alexander, encarando-o sem dizer uma palavra.

A raiva já estava pulsante em seu peito, mas não é ódio o que sente por aqueles homens agora. O que sente é algo totalmente diferente, é algo muito mais poderoso. É uma raiva muito mais profunda e brutal. É mais do que puro ódio, é um sentimento primitivo que pulsa dentro de seu peito e parece querer sair de seu corpo à força, e então a fúria começa.

O careca se levanta, desafivela o cinto e suspende a cabeça de Jennifer à força, puxando firme seus cabelos e fazendo-a ficar de pé. Ele a puxa forte pela cintura, sarrando forte o pau, ainda dentro da calça, em sua bunda, enquanto a outra mão agarra, com crueldade, um dos volumosos seios de Jennifer, fazendo-a gritar. A mulher tenta inutilmente lutar. Alexander já não consegue prestar atenção em nada, a fúria em seu peito faz seus músculos se contraírem e ele já não respira.

O careca fica alguns minutos se esfregando em Jennifer, enquanto os outros homens se divertem rindo da situação. Jennifer agora, simplesmente, tenta ser forte e encarar a situação com o máximo de dignidade possível, sentindo dentro de si a raiva e a vergonha do que estão fazendo com ela, mas não derrama mais uma lágrima sequer. Loren é quem inunda os pensamentos de Jennifer naquele momento. Sua querida irmã que se entregou à violência do próprio pai para lhe proteger, que de tanta vergonha simplesmente decidira sumir, que morta ou viva, não merecia ter destruído a própria vida para que agora Jennifer passasse por isso. Jennifer se sente vazia. Não só a esperança a abandonou, mas também a tristeza, o desespero e a raiva. Fica em silêncio, sem emitir qualquer som, e isso irrita o careca, que aperta e torce seus mamilos até que ela berre de dor. A moça passa de mão em mão enquanto eles, ainda de roupas, se esfregam nela, alisam seu corpo e a agridem com ferocidade. A dor no peito de Alexander agora se espalha pelo corpo inteiro. A fúria vem em ondas, contraindo seus músculos e causando espasmos que começam pelos membros de forma mais sutil, enquanto sua visão se torna cada vez mais turva.

Jennifer é jogada no chão e o careca chuta com força sua costela e a manda ficar de joelhos, ação que ela simplesmente não tem condição física de fazer. Nesse momento ele abre o zíper, segura a orelha de

Jennifer e a suspende até que ela fique de joelho, então empurra a cabeça da moça contra seu membro extremamente duro, esfregando o rosto dela por cima da cueca, enquanto os outros se divertem xingando-a, de forma que ninguém nem sequer nota o estado de Alexander. Os espasmos se tornam mais fortes, ele treme muito e sua boca começa a espumar. Seus olhos começam a revirar e seu coração palpita batendo com muita força.

Alexander começa a se debater com toda sua força no chão, chamando a atenção de todos. Agora ele, mesmo com o corpo destruído, rola de um lado para o outro acertando o chão com sua cabeça, troncos e membros, se mexendo freneticamente. Os homens se afastam com medo, o careca recua puxando Jennifer, assustado. A moça berra ao ver o marido tendo aquelas convulsões horrendas.

- O diabo 'qué toma' o corpo! – Grita o motorista da van com voz de desespero enquanto todos recuam ainda mais. – Satanás ta vindo reclamar nossos pecados. – Grita novamente enquanto cai de joelhos e começa a orar.

Jennifer tenta correr para o marido, mas o careca a segura, os homens se entreolham sem saber o que fazer. Em seguida todos olham para seu líder, que está também, tão assustado quanto eles.

A força dos movimentos é tamanha que é possível ouvir o estalar de seu pulso saindo do lugar ao acertar o chão. Seus dentes trincam ao pressionar a boca, sua visão apenas enxerga o vermelho do sangue em seus olhos, um zunido agudo faz seus tímpanos doerem como se fossem estourar e o joelho destruído estala mais uma vez. Até seu ombro parece sair do lugar, seus pés parecem quebrar e mesmo assim ele não para de se debater, aumentando o ritmo e a força.

Sua plateia agora está aterrorizada, Alexander se contorce bizarramente enquanto seus ossos se partem e deslocam sozinhos, e mais homens se ajoelham diante da cena macabra. O careca agora larga Jennifer para sacar a arma. Jennifer tenta correr na direção de Alexander, mas simplesmente não consegue chegar até ele. Algo a faz parar, um pavor a domina ela põe a mão no peito e dá um passo para trás, e não foi a única a recuar. O que ela sentia ali não era medo. Não era uma decisão racional ou simples falta de vontade ou coragem... Não. O que Jennifer sentiu foi um pavor

genuíno, um terror mais antigo e profundo do que ela mesma podia imaginar.

O que Alexander, Jennifer e nenhum dos homens ali não sabe, é que o estalar do corpo não são de ossos quebrando, e sim de osso se realocando, se arrastando uns nos outros e se movendo... seus músculos incham, sua pele rasga e sangra criando poças pelo chão de terra, as convulsões causam a dor mais absurda que um corpo é capaz de sentir. Alexander se sente queimando por inteiro, tudo que sente é dor e fúria. O careca aponta a pistola para Alexander, mas nenhum deles é capaz de se aproximar.

E então tudo acontece em poucos instantes. Os ossos de Alexander trincam e aumentam, seus braços instintivamente agarram a pele de seu corpo e ele a arranca com brutalidade, tirando junto grandes nacos de carne que esguicham sangue ao serem brutalmente separadas do corpo, e, por baixo da pele arrancada, se revela um couro espesso coberto por pelos e sangue. Seu rosto parece rachar, enquanto seu nariz se parte sozinho e cresce, esticando e formando um focinho enorme. Sua coluna estala e alonga, rasgando o que resta da pele em suas costas, onde começa a se formar uma cauda. Pelos crescem em todo seu corpo e suas gengivas rasgam enquanto seus dentes se transformam em enormes presas.

Do chão, onde havia um moribundo à beira da morte, se ergue um monstro com quase quatro metros de altura e quinhentos quilos de músculos e garras. A criatura é bípede, pelagem castanha bem escura, uma grande calda alongada, os braços enormes são desproporcionais ao corpo, de forma que tocam o chão com suas garras entalhadas em mãos que apanhariam uma cabeça humana como se fosse uma maçã. A face da fera é a de um grande lobo demoníaco com os olhos vermelhos e presas do tamanho de facas.

Nenhum dos presentes consegue sequer se mover nesse momento. A criatura se levanta vagorosamente, se vira para cima e uiva contraindo seus músculos esculpados. Um uivo sombrio e alto, que não é ouvido somente pelo corpo, mas pela alma, e que se espalha despertando um medo primitivo em todos que o ouvem. Um medo maior que qualquer fobia, um medo maior que o próprio medo, um medo irracional e antigo, um terror insustentável e cruel, um pavor que anda de mãos dadas com a certeza de que não haverá piedade e nem salvação. Ninguém dentro daquele mísero e sombrio galpão tinha ideia do que havia acontecido, mas

eles sabiam que o que viam a sua frente era a personificação da morte e da violência.

Nesse momento os homens entenderam que estavam sozinhos, no meio do nada. Um maldito galpão isolado no meio do mato, onde poderia haver gritos, tiros, suplicas ou qualquer barulho. Podiam tentar chamar atenção, mas eles estavam sozinhos. O som da chuva abafava qualquer barulho e a propriedade, distante de qualquer civilização, não deixava qualquer preocupação. Não adiantariam orações, eram apenas Alexander e eles, estavam entregue à própria sorte.

Por poucos segundos não ouve som algum no galpão. Todos ficaram paralisados de medo, tensos e aterrorizados demais para ousar se mexer. Mas a breve paralisação cessou com o clarão de um raio que iluminou todo o ambiente incidindo diretamente sob a fera. O estrondo terminou por quebrar a estase.

O homem mulato atrás da fera se vira para tentar correr em direção a porta simples que estava mais próxima... Próxima o suficiente para lhe dar uma esperança sólida de fugir do horror. Ele segue em uma tentativa desesperada de se livrar daquele monstro, mas um movimento foi suficiente. A máquina de matar se virou golpeando-o com seus enormes braços, arremessando o pobre homem contra a parede com uma força estrondosa, as garras lhe acertaram na altura da virilha separando a perna de seu corpo e abrindo sua barriga de forma que seu sangue, órgãos e tripas pintaram parte da lateral do galpão.

Os outros correm se espalhando em meio a gritos. O motorista permanece pateticamente de joelhos esfregando o simples crucifixo de madeira com as mãos, rezando por clemência enquanto chora e soluça debilmente. O lobo se aproxima com apenas um passo, e desce a enorme mão como um martelo sobre o homem. Sua, recente e repentina, fé e arrependimento, não foram suficientes para aplacar o golpe violento que o acertou no ombro de cima para baixo quebrando seu esterno, sua omoplata, sua coluna e esmagando sua lateral esquerda. O sujeito continuou vivo por alguns segundos agonizando, antes que tivesse sua cabeça esmagada pela pata da fera, que pisa sobre ele como fosse um mísero inseto. Um dos bandidos aproveitou a situação para fingir o monstro na escuridão, mas mal sabia ele que a escuridão era aliada da fera, e foi surpreendido por uma investida pavorosa. Em um único

movimento rápido, o lobo gigante se vira violentamente com uma mordida brutal que cerra sua coluna, expondo suas vísceras e lhe arrancando metade do tronco. A besta impiedosamente chacoalha furiosa, o que sobrou do corpo do bandido, fazendo seu sangue banhar os outros marginais que correm mais desesperados ainda ao verem o monstro estraçalhar três corpos em questão de segundos. Ainda com o corpo em sua boca ele o joga para cima e, com mais uma mordida, abocanha o resto das costas do moribundo e mastiga um enorme pedaço de carne e órgãos enquanto os outros pedaços estraçalhados caem no chão.

Os bandidos e a mulher correm desesperadamente para o outro lado do galpão, na esperança de escapar pela grande porta, mas a fera é rápida, mais rápida que qualquer humano ou animal poderia ser. A distância é enorme, mas com um pulo impressionantemente longo ela se lança em direção a parede do galpão. Seu peso enorme e a violência do impacto fazem a construção balançar. A fera finca suas garras na madeira e corre ferozmente de forma quadrúpede e animalizada pela parede, quando então toma um novo impulso e cai entre o homem corpulento que estava mais à frente e o careca, um pouco atrás. O pulo se segue de outro clarão, e a fera aparece entre os homens durante um estrondo causado por um forte trovão.

A besta estica seu braço agarrando a perna direita do homem corpulento e a puxa com uma força que lhe torce o joelho e descola o fêmur da bacia. O corpo mole bate no gigantesco peitoral musculoso do monstro, e, antes que tocasse o chão, a mão esquerda do lobo sobe fincando quatro de suas garras no tronco do infeliz. A única reação do homem corpulento é tremer enquanto seu sangue sai pela boca, nariz e ouvidos. Uma mordida na parte superior do peito lhe decapita, e o som oco da cabeça caindo no chão se segue do estrondo de um disparo. A fera sente um forte golpe, como uma martelada em suas costas e se vira furiosa, indiferente ao ferimento. O careca desesperadamente dispara contra a monstruosa criatura que parece ignorar os tiros e caminha imponente, lhe encarando com olhos vermelhos como o próprio inferno, com um instinto assassino, completamente banhado em sangue. O pavor do homem apenas aumenta quando ele vê as balas serem expelidas para fora do corpo do monstro, não deixando nem sequer uma marca ou cicatriz ao sair. Ele grita desesperadamente ao ouvir o barulho das balas caindo ao chão. A essa altura qualquer tentativa de se salvar é inútil para este pobre amaldiçoado.

A fera uiva mais uma vez com vigor, o som alto estremece o corpo do careca e o faz cair sentado, chorando como uma criança em posição fetal. Ele segue se arrastando para trás e só tem tempo de tentar pronunciar “meu Deus” com expressão aterrorizada, quando a fera investe sobre ele. Uma das bestiais mãos lhe pega pelo ombro e a outra pela bacia. Num movimento contrário, o monstro rasga seu sequestrador ao meio, inundando o local com seu sangue, então o lobo arremessa com desprezo o corpo partido para longe.

A besta não pensa, a fera não pondera, ela tem sede de sangue, ela sente a fúria queimando dentro de si e a morte é sua única aliada. Apenas a dor e a destruição lhe servem. Sua mente é irracional, mas seu instinto inato de batalha é mais veloz do que qualquer raciocínio humano. O escuro não atrapalha sua visão, de forma que ela enxerga por dentro das sombras. Sua audição é perfeita, ela consegue diferenciar o barulho da chuva, o som dos passos, a respiração ofegante de cada vítima com coração acelerado prestes a ser dilacerada, assim como as armas no exterior do galpão sendo destravadas pelos homens que não sabem a violência que vão encontrar quando abrirem aquela porta. Mais do que ver e ouvir, a fera fareja. Ela fareja o medo e pavor, difere o cheiro de cada uma de suas vítimas, sente o cheiro do suor repleto de hormônios que indicam seus desesperos. Sente o cheiro do sangue e sabe exatamente quais estão feridos e, não importa para onde fujam, o lobo os encontrará. A fera é feita para caçar e matar. A fera percebe tudo e todos ao seu redor e não há como fugir, a única certeza de suas vítimas é uma morte brutal.

O monstro nota a mulher e mais um dos sequestradores tentando chegar na porta grande por onde saiu o carro, e os últimos dois quase alcançando a pequena porta onde haviam feito Alexander entrar. A fera pode não pensar, mas age com um instinto otimizado para batalha, ela existe para isso, e sabe que ao lado de fora da porta grande haverá homens esperando, portando não precisa se preocupar com Jennifer e o outro que correm para esses homens. A carnificina se torna mais fácil quando estão juntos, portanto sua preocupação agora é eliminar os dois que estão indo para a pequena saída. Os dois que estão se afastando do grupo. O lobo nem mesmo se dá ao trabalho de usar as garras ou presas, a porta é de madeira grossa e resistente, é estreita e está fechada, o que faz os homens correrem e se alinharem para tentar abri-la. Ele apenas corre com sua velocidade sobrenatural para seu enorme tamanho, e, com um grande impulso, se

joga arremessando seu corpo pesado com toda a força contra suas duas vítimas, esmagando-as nas grossas toras de madeira, destroçando a porta com seu peso. E mais uma vez fazendo o galpão inteiro estremece. Junto da porta caída, os dois corpos esmagados se comprimiam em um, em meio a uma nojenta pasta humana.

A porta vertical se abre antes que Jennifer e o sujeito esguio com cabelos manchados pelo sol cheguem, e há cinco homens lá fora, dos quais três estão armados, dois com revólveres e um com uma espingarda. Os capangas externos apontam as armas para os sobreviventes da matança, que simplesmente correm horrorizados, e mal podem perceber quando a besta parte investindo em um novo ataque. A fera cruza o galpão inteiro em questão de segundos, antes mesmo que os bandidos pudessem entender o que estava acontecendo. Jennifer, que estava mais à frente, consegue correr pelo canto da porta enquanto os capangas olham boquiabertos para o monstro, que alcança o sujeito com cabelos queimados de sol e, com um tapa, enterra suas unhas monstruosas na omoplata de sua vítima. Em seguida a puxa trazendo junto o pulmão e o braço esquerdo que se separam do corpo. Um dos homens que estava no exterior consegue voltar a si antes dos outros e corre em direção ao milharal.

Outros três acordaram quando a fera partiu para sua próxima vítima, mas um deles simplesmente continuou congelado frente ao medo e ao terror. O homem permaneceu com a arma em punhos tremendo de pavor, pálido e com a boca aberta. Uma lágrima chegou a escorrer do corpo parado em choque quando a besta o abocanhou na linha da cintura, e puxando violentamente com as mãos, partiu o corpo ao meio. Os outros dois homens dispararam enquanto o terceiro, que estava desarmado, correu junto com Jennifer, também na direção do milharal. As balas entraram na carne do lobo que se virou sem demonstrar qualquer dor e recomeçou o ataque. A fera parte com sua fúria em direção ao homem com a escopeta e salta sobre ele, que se arremessando para o lado consegue se esquivar por poucos centímetros e dispara diretamente na cabeça do monstro, enquanto seu companheiro o abandona correndo em direção a van. O tiro acertou em cheio na cabeça do lobo, o chumbo dilacerou a carne, fez um dos olhos saltarem, arrancando a pele da bochecha e expondo os dentes. A fera sente o ferimento e cambaleia desorientada, quando então toma o segundo tiro, o disparo da calibre doze

acerta em cheio no peito do monstro arrancando-lhe os pelos e quebrando-lhe o esterno, expondo uma mistura de sangue, carne e osso. Mas dessa vez a criatura levantara rápido, assustadoramente rápido, e, com um brutal reflexo, golpeia o homem com as costas da mão. O golpe acerta a arma e o tronco do bandido, fazendo-o cair, quebrando seu braço, algumas costelas e sua coluna.

Do chão, o moribundo ainda vivo consegue olhar a criatura, que agora anda em sua direção rosnando raivosamente. Os ferimentos simplesmente estão se fechando, o olho antes pendurado, agora saltou para dentro da orbita enquanto a pele da bochecha se reconstrói; e o chumbo é expelido para fora de seu peito. A fera pisa sobre a espingarda calibre doze e enterra o aço, que estava sobre o tronco do homem, dentro de sua carne.

Jennifer corre com tudo que pode. O medo não permite que ela pense, tornou-a irracional; e a única coisa que importa agora, é sobreviver. Ela já não se lembra do que acabara de passar, não sente frio com a água gelada da tempestade batendo em seu corpo nu, e nem mesmo sente a dor de seus ferimentos. Sua adrenalina domina seu corpo e tudo que ela sente é o medo primordial ardendo dentro de si. Ela está quase chegando ao milharal. Um dos homens já havia entrado e o outro está atrás dela, e isso a faz correr com tudo que pode. Pois tudo que Jennifer sabia agora era que ficar para trás significava morrer primeiro. Seja lá quem fosse aquele monstro, não era Alexander, talvez fosse o próprio diabo, ou talvez fosse um grande pesadelo, mas fugir é tudo que importa agora. A menina corre desesperadamente e vê seu destino e possível salvação quase em suas mãos, muito perto. Ela poderia sentir as folhas batendo em seu rosto, se não fosse a pedra no caminho. Os pés desnudos da pobre moça acertam uma pedra. Sua unha salta ensanguentada e seu dedão desloca devido à pancada, e ela simplesmente tomba sentindo seu corpo rolando e arrastando na terra. Mal pode acreditar quando o outro bandido passa por ela correndo, satisfeito pela falha da mulher.

O terceiro bandido chegou a tempo na Van, entrou sem se preocupar em fechar a porta e, por um golpe de sorte, a chave estava no veículo. Desesperado, treme enquanto leva sua mão rapidamente à ignição e, com dificuldade, consegue ligar a van. Ele passa a marcha, quando a fera salta contra ele. A força do monstro causa um impacto violento e faz a van capotar em direção a Jennifer, que está caída a menos de três metros do milharal. Ela instintivamente rola para trás e vê o veículo virado de lado

atingir o exato lugar onde estava. O motorista, ainda vivo, com sua cabeça repleta de sangue, se arrasta para fora pela janela e rola para dentro da plantação. A fera apenas uiva alto, aquele mesmo uivo que faz Jennifer estremecer. Aquele uivo que tira todas as suas forças e a faz continuar no chão em posição fetal. A fera encara Jennifer por alguns segundos com seus demoníacos olhos vermelhos, quando então parte em direção ao mato. E Jennifer fica atônita por alguns segundos por estar viva, por ter sido poupada. Talvez ainda reste um pouco de Alexander naquela fera, talvez seu marido esteja lá em algum lugar; e então seu coração sente novamente uma ponta de esperança.

A Menina treme e olha para as altas folhas escuras sem ver qualquer movimento enquanto se levanta. A adrenalina ainda é alta, mas as dores lancinantes, aos poucos, começam a retornar, dificultando a fuga da moça, que visualiza um velho moinho e parte em sua direção.

Um milharal é um lugar perfeito para se esconder, pois é possível ficar encoberto de qualquer visão; e a tempestade encobria qualquer barulho gerado pelas folhas. Nenhum homem seria capaz de perseguir alguém naquelas condições. Nenhum homem... Mas não para a fera. Ela adentra sem se importar com o que vê ou ouve. As folhas impedem sua visão; seu ouvido aguçado distingue muita coisa. A chuva caindo por todo o lado a dificulta em achar suas vítimas, mas o seu faro nunca a trai. Ela sabe exatamente onde está cada uma de suas presas. Sabe que há um corvo morto no chão a sua esquerda, sabe que os milhos a sua frente estão mais verdes, sabe que o sujeito mais distante correu exatamente nessa linha reta e que o que acabou de entrar na mata está a sua esquerda, ao alcance de suas garras. Sem esforço o lobo executa o primeiro homem com um único movimento bruto de seu braço, fazendo seu oponente sangrar com suas enormes unhas, e então parte para o que está mais longe.

Jennifer continua se perguntando por que foi poupada, ela quer desesperadamente acreditar que a fera não a queria morta, mas a crença de piedade não é suficiente para uma aposta de vida ou morte; e Jennifer continua seu sofrido percurso até o moinho, que agora está perto. Jennifer pode não saber o porquê de ter sido poupada, mas para a besta a resposta é simples, foi uma decisão tomada no fundo de seu coração. O problema é que a única coisa no coração da fera é a fúria e o desejo de matar. Jennifer era mulher, estava desarmada e muito ferida, não poderia ir longe. E era muito mais inteligente deixar uma presa fácil em campo aberto e abater os

que estavam saudáveis se distanciando do combate. Deixar ela viva para depois a abater mais facilmente, simplesmente, era a escolha mais óbvia para o monstro, mas a pobre Jennifer não sabia disso.

Primeiro vieram os gritos da direção da vegetação e logo em seguida o silêncio reinou. A chuva não diminuiu e o vento continuava seu assobio macabro. Jennifer mal respira, mas continua seu recuo lento, quando pisa em algo macio e gosmento. Grita ao notar que pisou no pulmão que voara de um dos corpos destroçados. O moinho está perto e nem a fera e nenhum dos bandidos pareceu voltar de dentro da plantação. Um clarão aumenta sua aflição e o estrondo que se seguiu faz a moça se curvar tremendo enquanto corre debilmente mancando.

A madeira do moinho é forte e a porta estreita, de forma que talvez fosse o único lugar em que ela poderia se sentir segura. Jennifer se encontra perto, perto o suficiente para se animar, quando o milharal finalmente se agitou.

Um uivo. É o anúncio da morte se aproximando. Esse uivo não paralisou Jennifer de medo, não... Esse uivo lhe deu forças que ela não tinha e, por um momento, novamente esqueceu-se de todos os seus ferimentos. O pânico a entorpece e ela corre como nunca. Jennifer precisa dar mais do que pode e a fera é capaz de farejar toda a adrenalina em seu sangue; quanto então parte para sua última vítima.

Jennifer está a poucos metros da porta quando começa a correr, ao passo que a besta estava bem longe. O monstro agora avança como um quadrúpede. Um homem demoraria minutos para chegar até Jennifer, mas a fera é capaz de alcançá-la em segundos. Só que Jennifer já estava na porta. A fera agora parece estar mais lenta, Jennifer não percebeu, mas seu predador estava cansado. O monstro já não corria como antes e já não conseguia se impulsionar com a mesma velocidade. Alguns minutos atrás, a besta alcançaria Jennifer em um piscar de olhos, mas agora já não estava em todo seu esplendor de batalha. A besta se lança em seu encalço, já sem a mesma fúria de antes, já com os sentidos turvos, mas ainda se lança com seu instinto assassino. A besta pode ver sua vítima quando a mulher alcança o moinho e se lança em um último ataque mortal. Foi por pouco, por muito pouco, mas Jennifer conseguiu entrar... Livre... E viva! A enorme criatura não consegue passar pela pequena entrada e já não tem mais força para derrubar facilmente o moinho, o que não a impede de

tentar e se chocar violentamente, fazendo balançar toda a estrutura. A fera apenas pode lançar seu braço em busca da vítima, que entrou a tempo suficiente de escapar de suas garras assassinas. Mas a fera tem quase quatro metros de altura, e seus longos braços tocam o chão. A mão lançada contra a mulher não a captura, mas encontra algo, algo que lhe escapa pelos dedos. A mulher não fica presa, mas algo volta nas afiadas garras. A enorme mão retorna com um emaranhado de carne, músculos e ossos. A enorme mão, onde cabe facilmente uma costela inteira, retorna sem trazer o corpo da menina, e dentro do moinho onde se abrigava toda a segurança que Jennifer poderia querer, jaz uma linda mulher com a lateral da barriga destruída pelo monstro.

O cansaço domina seu corpo enorme e, pouco a pouco, sua constante fúria vai cessando. Agora, sem mais vítimas, sua fúria se torna vazia e sem sentido. A fera anda vagarosamente para trás, tonta, já sem energia e cai de joelhos no chão, quando então uma dor lancinante anuncia a primeira fratura. A consciência de Alexander, antes completamente embotada pela fúria e instintos assassinos, começa a voltar em lampejos de lucidez, e a dor começa. Seus músculos repuxam, os ossos estalam, os pelos caem e os dentes entram novamente para dentro da gengiva rasgando a carne. Sua coluna se comprime e a calda entra de volta no tronco, derramando sangue em abundância, ao se contrair. Alexander berra desesperadamente com a dor lancinante, suas garras rasgam a carne em seus dedos para voltar para baixo da pele até que virem unhas. Mais uma vez tudo acontece em questão de segundos e a magnífica fera se resume a um homem nu, esgotado, no chão.

Alexander tenta se levantar, mas seu corpo dói como o de um atleta que treina, por muito mais horas do que aguentaria, sem nem sequer descansar. Ele está cansado, faminto, mal se lembra de tudo que aconteceu. Alexander recorda apenas flashes que inundam sua mente e vê apenas sangue, muito sangue. Ele está nu, banhado em vermelho e envolto de pelos empapados. Todos os seus ferimentos simplesmente sumiram sem nem ao menos deixar uma cicatriz. Ao seu lado um tronco mutilado o assombra e seus olhos se arregalam com o que vê. Ainda sem ao menos ter forças para ficar de joelhos ele observa os corpos despedaçados ao seu redor.

O local tem um cheiro forte, muito mais forte do que tinha antes. O cheiro do cigarro apagado em líquido rubro está ainda mais presente, o

cheiro da carne e do sangue embrulha o seu estômago junto com o cheiro pútrido que sai das vísceras de suas vítimas. O cheiro da gasolina dentro do carro, o cheiro da terra molhada e o cheiro do milharal, seu nariz é capaz de discriminar cada um deles. O som da chuva, que agora diminuiu drasticamente, não se confunde com o som das goteiras; e o vento, mesmo mais fraco, compõe uma medonha sinfonia ao assobiar e mover as folhas do milharal. O mundo parece mais intenso, de forma que ele consegue senti-lo ainda que feche os olhos.

Alexander faz um enorme esforço simplesmente para se por de joelhos, seus músculos não respondem perante a exaustão; e ele ainda respira com muita dificuldade. Ele olha com mais atenção os corpos que foram partidos de uma maneira bizarra. Que homem nenhum conseguiria partir. Alexander se desespera, se recusa a acreditar que fez aquilo com as próprias mãos. Sua cabeça está confusa e tudo que quer é encontrar sua mulher.

Alexander tenta se levantar, mas as pernas trêmulas desmoronam diante do esforço de sustentar o peso de seu corpo. Uma fome devastadora toma conta de si, seu estômago e cabeça doem muito e Alexander se sente tonto, mas em um novo esforço ele consegue se por de pé. Então cambaleia até a porta do galpão a procura de sua amada. Alexander grita desesperado por Jennifer, seu coração aperta a cada corpo que encontra no chão e, pela primeira vez nesses cinco anos de memória que tem, seus olhos se enchem de lágrimas. Andar é um esforço enorme e Alexander praticamente se arrasta de pé o mais rápido que pode. Enoja-se com os restos humanos espalhados pela sala. Ele procura do lado de fora aos berros, vasculhando até mesmo a van virada.

Num súbito momento instintivo, Alexander olha para o céu. A visão é magnífica. Acima da cabeça dele se encontra uma enorme lua cheia, grande e completamente redonda... Uma lua vermelha. A fúria volta a encher o coração de Alexander, que respira um pouco revigorado. Nesse instante ele esvazia seu pensamento e apenas se deixa levar pelo instinto. Ele respira fundo e sente novamente cada cheiro, cada um deles, inclusive o perfume de Jennifer. O coração acelera como se fosse saltar do peito. Ele se vira imediatamente para o moinho com a entrada destruída e, tomando fôlego, corre com uma ponta de esperança quando vê o corpo de sua amada deitado, repousando de bruços. Ele a vira em seu colo, quando as lágrimas desabam.

O grande Alexander, que não conhecia o medo, que havia conquistado tudo que bem entendera desde que acordou naquele hospital. O homem durão, agora chorava feito uma criança ao ver sua linda mulher, com sua inocência caipira, rosto angelical, pele branca e macia, deitada em seus braços... Sua barriga está banhada em sangue e a pele rasgada na lateral direita. As tripas fedem e Alexander pode ver os ossos da bacia e costela, expostos na delicada barriga de Jennifer.

- Me perdoa. –É tudo que Alexander consegue dizer enquanto pressiona o rosto de Jennifer contra o seu.

Ela teve uma morte brutal nas mãos de quem amava, nas mãos de quem mais confiava. Foi torturada e humilhada antes da morte, e tudo isso era culpa de Alexander. Seu corpo com os olhos abertos imóveis parece lhe olhar, como numa despedida nunca dada. Sua boca aberta parece querer dizer as últimas palavras, mas som algum sai. Ela não tem a cara de pavor que tinham os outros homens ao morrer. Não... Ela simplesmente parecia querer se despedir pela última vez, apenas compartilhar um beijo misturado a um sorriso. Pela última vez se sentir protegida em seus braços. Os mesmos braços que deveriam protegê-la haviam executado sua sentença.

Alexander olha no fundo de seus olhos uma última vez, e neles vê o azul que uma vez fora vivo como o céu, quando olhou aquela linda mulher. Vê agora um azul já sem brilho, apagado como a noite. Alexander se lembra da linda enfermeira tímida e nervosa que ele decidiu conquistar desde a primeira vez que a viu, a menina que valeu a pena lutar, casar e ficar ao lado. Vê naquele azul toda felicidade que tivera, e embora não lembrasse nada de sua vida antes dela, tinha certeza que esses cinco anos ao seu lado foram os melhores e mais felizes que já tinha vivido.

Ele aperta-a com força, sua dor é inconsolável. Sabia que tinha matado sua maior felicidade, que havia, com suas próprias mãos, destruído tudo que tinha de bom si. Com muito pesar, fecha vagarosamente os olhos de Jennifer. As lágrimas caem silenciosas, uma a uma. Ele dá um beijo na boca aberta de sua esposa, imaginando a despedida que nunca poderá ouvir, a voz doce que nunca mais lhe encantar os ouvidos, e então lhe cerra os lábios. Alexander apenas olha calado procurando inutilmente dizer o que, com palavras, não pode ser dito.

- Eu também te amo. – É tudo que é capaz de pronunciar a essa altura.

A chuva agora já cessou e a lua cheia vermelha é a única coisa que decora o céu. Ele a encara odiando-a, amaldiçoando-a, pois de alguma forma sente que aquela lua rubra foi o motivo de toda dor que sentiu. A primeira lua vermelha que Alexander viu na vida e, com certeza, a lua que irá mudá-lo para sempre. Mais uma vez a fúria toma conta de seu corpo. Ele aperta o que restou de sua amada, e grita! Um grito de dor, de ódio, angústia e desespero... Um grito de perda. Junto com ela, Alexander havia morrido também. Tudo com que ele se importava e com o que ele havia vivido. Tudo de bom que tinha, havia morrido, e agora, habitava em seu corpo, alguém que não tinha mais o que perder, habitava o próprio ódio, sedento por vingança. Naquela noite, morreu o que sobrou de humano em Alexander. Naquela noite sangrenta, morreram Alexander e Jennifer.

Ele se levanta inexpressivo, as lágrimas cessaram, assim como sua dor. Seu peito tem espaço apenas para um sentimento, um sentimento cruel e violento. Somente a fúria primitiva habita seu coração, a fúria que alimenta a fera, o ódio que motiva o monstro. Agora o lobo e Alexander habitam e disputam o mesmo corpo, e ambos querem vingança. Tudo que tem é um rosto, um rosto que se ele não tivesse falhado em matar no passado, Jennifer estaria viva. Um rosto que ele irá caçar sem medir consequências. Não, ele não se julga o único culpado. O ruivo, ele matou sua mulher. Com ou sem a fera, ela seria estuprada e morta. Ele deve morrer, e todos próximos a ele; e quem mais estiver no caminho. Isso é o que Alexander deseja.

O marido enterra sua esposa sem dizer uma palavra. Veste-a com panos e coloca em suas mãos o crucifixo que tirou de um dos defuntos, depois se dirige até o galpão. Em meio às tripas do motorista, pega as chaves do outro carro que escoltou a van. Com calma e frieza junta as caixas e palha que encontra dentro do galpão, empilha os pedaços de corpos dos bandidos junto à madeira, tira tudo que têm de valor e espalha o combustível pela pilha de madeira e corpos...

- Que Deus tenha piedade dos que entrarem em meu caminho.

- Não é fascinante, Gabriel?

- O que, senhor?

- O destino. Como cada escolha gera um enorme desencadear de acontecimentos, como um detalhe pode fazer diferença em milhões e milhões de vidas. É fascinante escolher e é aterrorizante saber que nossa vida depende de escolhas alheias.

- Não estou entendendo senhor.

- Vamos, Gabriel, você é mais esperto que isso, eu espero. Estamos mais perto do que nunca! A humanidade é feita por uma grande maioria sofrendo as consequências de escolhas feitas por uma minoria. A Lei de causa e efeito é muito bonita, mas o mundo é dividido entre os que escolhem e os que sofrem as consequências dos que escolheram.

- Entendo senhor.

- Não, você não entende. Você está concordando para não ter que entender. É assim que todo mundo age. Se você entender, tomará uma posição, se tomar uma posição, haverá feito uma escolha, e, se fizer uma escolha, terá exercido sua liberdade; e as pessoas odeiam ser livres. As pessoas amam a ignorância, Gabriel. Elas gostam de não saber, para não ter que se preocupar e, por fim, sofrerem aquilo sem entender o porquê. Essa é a melhor maneira de se ausentar da culpa pelos próprios atos.

- Por que está me dizendo isso, senhor?

- Poder, Gabriel, poder! O poder, nada mais é do que ter escolhas. As pessoas com mais poder têm mais escolhas, ao passo que as pessoas com menos poder escolhem menos e vivem sob consequência das escolhas das pessoas com mais poder. É um equilíbrio delicado que, por incrível que pareça, tem o interesse de ser mantido pelas duas partes. Todos gostam de escolher questões triviais, mas somente os que gostam de poder se deliciam com questões realmente relevantes. As pessoas elegem líderes, representantes e procuram padrões. As pessoas seguem heróis e exemplos, e estão, o tempo todo, procurando alguém que lhes diga o que fazer. Estão o tempo todo procurando alguém para tomar as decisões que vão influenciar suas vidas. As pessoas querem e precisam ser comandadas,

Gabriel. As consequências das escolhas de quem escolhe, é um favor aos que amam a ignorância, pois os poupa das próprias decisões.

- Então na verdade eu gosto de receber ordens?

- As pessoas simplesmente não sabem o que fazer quando não as tem. Não é possível e nem justo haver igualdade em um mundo com pessoas diferentes. As pessoas não querem ser iguais, elas querem gente acima e abaixo delas. Ter poder não é um presente. É uma responsabilidade, Gabriel, que poucos entendem e apreciam. O que buscamos aqui é poder. Uma nova era pode começar, Gabriel; e nossas escolhas aqui podem influenciar pessoas em todo o mundo. E isso é poder. – O orador faz uma pausa e afivela o cinto do acento da aeronave que se prepara para aterrissagem. – E quem diria que tanto poder está escondido aqui. Anos e anos procurando e minha busca me trás para um lugar simplesmente improvável. A contradição esculpida em tijolos, miséria e violência, mas sem dúvida é uma cidade linda. Basta sobrevoar o Cristo para entender porque é chamada de cidade maravilhosa, e essa é somente mais uma ironia da vida. – Ele faz mais uma pausa. – Eu amo ironias, Gabriel. E a vida é a maior ironia de todas.

[1] Na [mitologia nórdica](#), Hati é um [lobo](#) que persegue a lua pelo céu noturno até a hora do [Ragnarök](#) (Um similar do apocalipse da cultura nórdica), quando ele engolirá o corpo celeste.

[2] A tradução aproximada do idioma somali seria: “Soldado, acorda! O que você acha? Toda atenção é pouca”.

[3] Instrumento médico usado para medir pressão arterial.

[4] Esterno é o osso que fica no peito, começando da clavícula e acabando onde se inicia as costelas.